



ISPA | Instituto Superior de Psicologia Aplicada

**ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO SUICÍDIO E DO
TERRORISMO NOS CATÓLICOS E NOS MUÇULMANOS**

Carina Terra

Orientador de Dissertação

VÍCTOR CLÁUDIO

Coordenador de Seminário de Dissertação

VÍCTOR CLÁUDIO

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM Psicologia

Especialidade em Psicologia Clínica

2008



Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação do Doutor Professor Victor Cláudio, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção do grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES, nº 19673/2006 publicado em Diário da Republica 2ª Série de 26 de Setembro, 2006.

AGRADECIMENTOS...

À **Prof.^a Dra. Maria Gouveia-Pereira** e ao **Prof. Dr. Victor Cláudio**, pela orientação paciente e interessada.

À **Instituição ISPA**, que forneceu os meios que possibilitaram levar a cabo, em geral, a minha formação em Psicologia e, em particular, este estudo.

Aos meus **pais e restantes familiares**, pelo constante apoio e pela contínua confiança que depositaram em mim e no meu trabalho.

Ao meu namorado, **Ruben Rodrigues**, pelo suporte, pela compreensão e pelo companheirismo que me dedicou nas piores horas.

Aos **colegas** que me acompanharam neste trabalho, em especial, à **Filipa Araújo**, pela força e pela ajuda que me deram.

Ao **Dr. Liakatali Fakir**, pelo seu estímulo, a sua confiança, a sua ajuda e a sua paciência, ao **Mohammed** pela sua ajuda, simpatia e boa disposição e ao **Dr. Mohammed Adamgy**, pela sua ajuda e orientação, que possibilitaram a realização deste trabalho.

Ao Sheik **David Munir**, pela sua amabilidade em me receber e possibilitar a realização deste estudo na Mesquita de Lisboa.

Por último, e talvez o agradecimento mais importante, às **peçoas** que aceitaram, gentilmente e com muito interesse, colaborar neste estudo, sem as quais, sem dúvida, este trabalho não teria sido possível.

A todos, o meu **Muito Obrigada!**

Carina Terra

RESUMO

Com o intuito de verificar se a Representação Social que os Católicos e os Muçulmanos têm dos fenómenos do Suicídio e do Terrorismo é semelhante ou divergente, ou seja, se a pertença a uma determinada Religião é ou não uma variável que influencia o que a pessoa pensa, sente e simboliza sobre os fenómenos em estudo, desenvolveu-se um estudo comparativo, com duas amostras aleatórias independentes, com um total de 74 adultos e jovens adultos (42 Católicos e 32 Muçulmanos). Foi aplicado um questionário com questões de resposta aberta, de metodologia associativa, e com quadros de conceitos metafóricos, construído especificamente para este estudo. Os dados obtidos foram tratados qualitativa e qualitativamente através da Análise de Conteúdo e da Análise Estatística, respectivamente.

Os resultados demonstram que, relativamente à **Representação Social do Suicídio**, os grupos em estudo evocam, maioritariamente, conteúdos que remetem para uma **Dimensão Intra-Individual** (*Afectos e Doença/Perturbação Psicológica*). Numa percentagem menos expressiva, são ainda evocados conteúdos que remetem para uma **Imagem Crítica/Negativa** do Suicídio – a componente **Externa** ou **Inter-Individual** apenas surge ao nível das **Causas** apontadas para a sua ocorrência.

Quanto à **Representação Social do Terrorismo**, os dois grupos evocam, na sua maioria, **Imagens** – imagens de *Morte/Violência* e uma *Imagem Negativa/Crítica* do Terrorismo –, nomeadamente ao nível do que pensam e das causas que associam a este fenómeno. Os grupos também evocam, de forma significativa, conteúdos que remetem para uma **Dimensão Intra-Individual** (*Afectos e Doença/Perturbação Psicológica*), quando se referem ao que sentem e à caracterização/descrição da pessoa que comete um acto terrorista – aqui, ao nível das **causas** apontadas para a ocorrência do Terrorismo, a componente mais **Externa** e **Inter-Individual** torna-se mais significativa, à semelhança do que acontece na Representação Social do Suicídio.

Palavras-Chave: Representações Sociais; Suicídio; Terrorismo; Religião

ABSTRACT

In order to verify if the social representation that Catholics and Muslims have the phenomena of Suicide and Terrorism is similar or different, that is, if belonging to a particular Religion is a variable that affects what a person thinks, feels and stands on the phenomena under study, it was developed a comparative study, with two random and independent samples, with a total of 74 adults and young adults (42 Catholics and 32 Muslims). It was applied a questionnaire with questions to open answer, by an associative methodology, and with tables of metaphorical concepts, built specifically for this study.

The resulting data show that, concerning the **Social Representation of Suicide**, groups in study mentioned, mostly, content referring to an *Intra-Individual Dimension* (*Affection* and *Psychological Disease/Disturb*). In a less significant percentage, are still evoked content referring to a *Negative/Criticism Image* of Suicide – the *External* component or the *Inter-Individual Dimension* appears only at the **Causes** identified for its occurrence.

As for **Social Representation of Terrorism**, the two groups evoke, mostly, *Images* – images of *Death/Violence* and a *Negative/Criticism Image* of Terrorism – in particular at the level of **Thinking** and of associating **Causes** of this phenomenon. The group also refer, in a large extent, content referring to an *Intra-Individual Dimension* (*Affection* and *Psychological Disease/Disturb*), when they refer to what they **Feel** and to **Characterization/Description** of the person who commits a terrorist act – here, at of the reasons given for the occurrence of Terrorism, the *External* component or *Inter-Individual Dimension* becomes more significant, as is the case in Social Representation of Suicide.

Key-words: Social Representations; Suicide; Terrorism; Religion

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
1. As Representações Sociais	3
<i>1.1 Como se formam</i>	7
<i>1.1.1 A Objectivação</i>	7
<i>1.1.2 A Ancoragem</i>	9
<i>1.2 Tipologia das Representações Sociais</i>	11
<i>1.3 Funções das Representações Sociais</i>	11
<i>1.4 Análise das Representações Sociais através das Metáforas e dos Protótipos</i>	13
<i>1.4.1 As Metáforas</i>	14
<i>1.4.2 Os Protótipos</i>	15
2. O Suicídio	16
<i>2.1 Definições</i>	17
<i>2.2 O Suicídio ao longo dos tempos – Perspectiva Histórica</i>	17
<i>2.3 Breve Teorização – O Suicídio e o Suicida</i>	18
3. Estudos desenvolvidos no âmbito das Representações Sociais do Suicídio	22
4. O Terrorismo	25
<i>4.1 Definições</i>	25
<i>4.2 Breve Teorização: O Terrorismo e o Terrorista – Perspectiva Histórica</i>	26
5. A Religião	31
<i>5.1 Cristianismo</i>	32
<i>5.1.1 Orientações Gerais</i>	32

5.1.2 <i>Posição do Cristianismo face ao Suicídio</i>	34
5.1.3 <i>Posição do Cristianismo face ao Terrorismo</i>	35
5.2 Islamismo	35
5.2.1 <i>Orientações Gerais</i>	35
5.2.2 <i>Posição do Islamismo face ao Suicídio</i>	37
5.2.3 <i>Posição do Islamismo face ao Terrorismo</i>	38
5.2.4 <i>O Fenómeno Islão – A Nova Presença Islâmica em Portugal</i>	38
6. Objectivos, Hipóteses e Problemas de Investigação	40
6.1 <i>Objectivos</i>	40
6.1.1 <i>Objectivos 1e 2: Problemas de Investigação 1 e 2</i>	40
MÉTODO	43
1. Participantes	43
2. Design	45
3. Instrumentos	45
3.1 <i>Questionário</i>	45
4. Procedimento	47
RESULTADOS	49
1. Tratamento dos Dados	49
2. Apresentação, Análise e Discussão dos Resultados	71
2.1 <i>Apresentação e Discussão dos Resultados relativos à Temática do Suicídio</i>	72
2.1.1 <i>Experiência/Vivência Pessoal do Suicídio</i>	72
2.1.2 <i>Importância atribuída à Religião na ausência de Ideação Suicida</i>	75
2.1.3 <i>Representação Social do Suicídio</i>	77
2.2 <i>Apresentação e Discussão dos Resultados relativos à Temática do Terrorismo</i>	86

2.2.1 <i>Representação Social do Terrorismo</i>	86
2.3 <i>Discussão dos Resultados – Suicídio/Terrorismo</i>	95
CONCLUSÃO	98
1. Algumas Observações e Sugestões finais...	102
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	103
TABELAS	
Tabela 1: Distribuição das Percentagens relativas à existência de <i>Ideias de Suicídio</i> nos <i>Homens</i> e nas <i>Mulheres</i> , tanto Católicos como Muçulmanos (n=74)	
Tabela 2: Resultados relativos às razões pelas quais os Católicos e os Muçulmanos consideram que a sua Religião os ajuda a não ter <i>Ideias de Suicídio</i> (n=74)	
Tabela 3: Resultados relativos aos Pensamentos despoletados pelo <i>Suicídio</i> nos Católicos e nos Muçulmanos (n=74)	
Tabela 4: Resultados relativos aos Sentimentos suscitados pelo <i>Suicídio</i> nos Católicos e nos Muçulmanos (n=74)	
Tabela 5: Resultados relativos aos Protótipos que os Católicos e os Muçulmanos têm da pessoa que comete um <i>acto suicida</i> (n=74)	
Tabela 6: Resultados relativos às Causas atribuídas pelos Católicos e pelos Muçulmanos ao fenómeno do <i>Suicídio</i> (n=74)	
Tabela 7: Resultados relativos às Metáforas mais utilizadas pelos Católicos e pelos Muçulmanos para definir o que é o <i>Suicídio</i> (n=74)	
Tabela 8: Resultados relativos aos Pensamentos despoletados pelo <i>Terrorismo</i> nos Católicos e nos Muçulmanos (n=74)	
Tabela 9: Resultados relativos aos Sentimentos suscitados pelo <i>Terrorismo</i> nos Católicos e nos Muçulmanos (n=74)	
Tabela 10: Resultados relativos aos Protótipos que os Católicos e os Muçulmanos têm da pessoa que comete um <i>acto terrorista</i> (n=74)	

Tabela 11: Resultados relativos às **Causas** associadas pelos Católicos e pelos Muçulmanos ao *acto terrorista* (n=74)

Tabela 12: Resultados relativos às **Metáforas** mais utilizadas pelos Católicos e pelos Muçulmanos para definir o que é o *Terrorismo* (n=74)

GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição das Percentagens relativas à existência de *Ideias* e de *Tentativas de Suicídio*, ao *Contacto* com o fenómeno do *Suicídio* e à *Importância da Religião na ausência de Ideação Suicida* nos Católicos e nos Muçulmanos (n=74)

Gráfico 2: Percentagens referentes à existência de *Ideias de Suicídio* nos Católicos e nos Muçulmanos (n=74)

Gráfico 3: Percentagens referentes à existência de *Tentativas de Suicídio* nos Católicos e nos Muçulmanos (n=74)

Gráfico 4: Percentagens referentes ao *Contacto* dos Católicos e dos Muçulmanos com o fenómeno do *Suicídio* (n=74)

Gráfico 5: Distribuição das percentagens referentes ao *Contacto* dos Católicos e dos Muçulmanos com o fenómeno do *Suicídio* através de *Amigos, Conhecidos, Vizinhos, Colegas e Familiares* (n=74)

ANEXOS

Anexo A: Guião das entrevistas realizadas para a construção do quadro de metáforas referentes ao Terrorismo

Anexo B: Questionário Final referente às Representações Sociais do Suicídio e do Terrorismo (Versão I e Versão II)

Anexo C: Quadros referentes à Análise de Conteúdo dos Resultados

I. INTRODUÇÃO

O Comportamento Suicidário, isto é, o *Suicídio*, o *Para-Suicídio* e/ou outras formas de comportamento de risco, constitui um dos maiores flagelos da sociedade contemporânea. Nesse sentido, conhecer, desmistificar, reconhecer os sinais, saber a quem e aonde recorrer, e como ajudar alguém que diariamente se cruza conosco e mostra sinais de dor, angústia, solidão e desespero, são alguns dos pré-requisitos necessários na abordagem do Comportamento Suicidário.

O *Suicídio* é um problema complexo, para o qual não há uma única causa ou solução; é o resultado de uma complexa interação de factores biológicos, genéticos, psicológicos, sociais, culturais e ambientais. Os factores e situações de risco variam de país para país e de continente para continente, dependendo dos aspectos culturais, políticos e económicos dos mesmos (Fleischmann & Bertolote, 2000).

Em 1999, a OMS lançou uma iniciativa à escala mundial (SUPRE), com o intuito de reduzir a crescente mortalidade devido a comportamentos suicidas. Esta iniciativa teve por base os seguintes pontos:

- ∅ Em termos gerais, a morte por suicídio cresceu em cerca de 60% nos últimos 45 anos e esta tendência observa-se tanto em países desenvolvidos como em países em vias de desenvolvimento;
- ∅ Durante estes 45 anos, o maior índice de suicídios passou duma população de idade avançada para uma mais jovem (35-45 anos; 15-25 anos em alguns lugares), até ao ponto de ultimamente o suicídio estar entre as 5 primeiras causas de morte entre os jovens (Fleischmann & Bertolote, 2000).

Hoje defrontamo-nos com um novo flagelo na nossa sociedade: o *Terrorismo*! As causas deste fenómeno são diversas e complexas, podendo este assumir várias formas. O terror, no seu sentido mais amplo, é a violência cometida contra alvos não militares devido a fins políticos, ou seja, os alvos do terror são civis inocentes, cujo único crime é, aos olhos dos terroristas, representarem “o outro”. Este é um acto desprovido de qualquer justificação

moral, considerado por muitos como um crime cometido contra a humanidade (Adamgy, 2001).

Analisando de uma forma mais profunda este fenómeno do Terrorismo, pode-se constatar que os motivos sociais, económicos e políticos que muitas vezes lhe são associados são mesclados com motivos religiosos, sendo a *Religião* frequentemente usada como cobertura ideológica para esse tipo de actos (actos terroristas). Tal como é referido no diálogo inter-religioso promovido pelo Expresso, “nos textos sagrados pode encontrar-se tudo e o seu contrário” (p.53), o problema é a forma como esses textos são hoje instrumentalizados e deturpados por alguém para “justificar/legitimar” actos que atentam contra a liberdade e a vida de outrem (Câmara & Robalo, 2006).

O presente trabalho inscreve-se numa perspectiva psicossociológica, de forma a conseguir apreender a grande abrangência destas temáticas, pretendendo dar um contributo válido para um melhor conhecimento das Representações Sociais dos fenómenos em estudo (*Suicídio e Terrorismo*), tendo como pano de fundo a *Religião* e a forma como ela pode influenciar (ou não) a ocorrência destes fenómenos.

1. As Representações Sociais

“Ao imaginar um mapa da Europa, sem nenhuma indicação nele com excepção da cidade de Viena (perto do centro) e da cidade de Berlim (a norte de Viena), onde se localizariam as cidades de Praga e de Budapeste? Para a maioria das pessoas que nasceram depois da II Guerra Mundial, ambas as cidades pertencem à divisão do Leste da Europa, enquanto Viena pertence ao Oeste e, conseqüentemente, tanto Praga como Budapeste deveriam se localizar a Leste de Viena” (p. 7). Ao olhar efectivamente para o mapa da Europa e vendo a localização real dessas duas cidades, Budapeste está com certeza afastada, mais a Leste, bem abaixo de Viena (ao longo do Danúbio), e Praga está, na verdade, a Oeste de Viena (Moscovici, 2004).

Este pequeno exemplo ilustra, em parte, o fenómeno das representações sociais, demonstrando como padrões de comunicação, nos anos do pós-guerra, influenciaram a representação social da Europa e fixaram uma imagem específica desta. Mas, para além de ilustrar o papel e a influência da comunicação no processo da representação social, este exemplo também mostra a forma como essas representações se tornam em senso comum, ou seja, como entram para o mundo comum e quotidiano em que cada um de nós vive e se move. Assim sendo, pode-se dizer que as Representações Sociais, sustentadas pelas influências sociais da Comunicação, são um instrumento privilegiado de estabelecimento de associações que nos permitem interagir e relacionar uns com os outros (Moscovici, 2004), constituindo, desse modo, uma verdadeira realidade social (Páez, 1987).

A pesquisa que ainda hoje é considerada como a pioneira sobre as *Representações Sociais* foi levada a cabo por Moscovici em 1950, quando este desenvolveu a noção sociológica de “Representações Colectivas” de Durkheim. Tudo começou pelo seu interesse pelo fenómeno emergente da psicanálise na sociedade francesa da época, nomeadamente, pela forma como as ideias sobre a teoria psicanalítica eram absorvidas na cultura e em 1961 introduziu, pela primeira vez, o conceito de *Representação Social*, definindo-o como um sistema de valores, de noções e de práticas relativas a objectos, aspectos ou dimensões do meio social que permite não só a estabilização do quadro de vida dos indivíduos e dos grupos, como também constitui um instrumento de orientação da percepção das situações e de elaboração de resposta (Moscovici, 1998). E assim definiu as bases da *Teoria das Representações Sociais* que, de uma forma muito simplista, se refere às representações Intergrupo, isto é, às representações sobre Exogrupos e Endogrupos construídas pelo grupo de

pertença ou referência (Páez, 1987). Mas, tomando como seu centro a Comunicação e as Representações, a *Teoria das Representações Sociais* espera elucidar as ligações que unem a psicologia humana com as questões sociais e culturais contemporâneas (Moscovici, 1998).

Mais tarde, Brewer & Kramer (1984, cit por Hewstone, Jaspars & Lalljee, 1982) consideram o estudo dos estereótipos grupais e da sua influência no processamento da informação um eixo central das Representações Sociais. No entanto, trabalhos recentes desenvolvidos sobre as Representações Sociais, principalmente pelos franceses, têm demonstrado a riqueza das crenças sociais numa maior e mais ambiciosa pesquisa do que a que é oferecida pela pesquisa tradicional americana dos estereótipos. A ênfase é colocada no sentido de a Representação Social não ser apenas um sinónimo para estereótipo, isto é, uma lista de características atribuídas a um grupo social, mas antes um conceito mais extenso, mostrando semelhanças com os mitos e os sistemas de crenças (Moscovici, 1981, cit por Hewstone, Jaspars & Lalljee, 1982).

A partir dessa altura, muitos estudos foram realizados nesse âmbito e muitas definições do conceito de Representação Social foram delineadas.

Uma delas foi a de Páez (1987), que considerou que a Representação Social se pode definir como um conceito ou esquema conceptual, produto da função simbólica, mas construído e partilhado colectivamente, socialmente. Como parte da actividade simbólica, a Representação Social apresenta, desse modo, alguns aspectos do processo cognitivo que se deve ter em conta, tais como:

- ∅ O termo Representação supõe, enquanto representação, a reprodução mental de um objecto (Páez, 1987). O acto de representar é um acto de pensamento pelo qual a pessoa se liga a um objecto (pessoa, objecto, acontecimento material ou psíquico), tornando-o presente no espírito, na consciência (Jodelet, 1984). Representar é, assim, “tenir lieu de, être à la place de”¹ (p. 362);
- ∅ A substituição simbólica do ausente é associada à capacidade de representação, de substituir a percepção da realidade; a representação é o modelo interno que tem por função a conceptualização imediata do real pela activação do conhecimento prévio. No entanto, embora seja conceptual e possua aspectos operacionais e organizativos, também possui aspectos figurativos e de reprodução mediante imagens analógicas do real (Páez, 1987);

¹ “ocupar o lugar de, estar no lugar de”

- ∅ O aspecto figurativo da “cópia” imaginada ou da reprodução simbólica é inseparável do seu aspecto significativo (Moscovici, 1984). A representação tem, assim, duas faces indissociáveis, à semelhança de uma simples moeda (assim como a moeda tem a cara e a coroa, a representação social tem a face figurativa e a face simbólica), fazendo corresponder a toda a figura um sentido e a todo o sentido uma figura (Jodelet, 1984; Palmonari & Doise, 1986);
- ∅ A representação social não é um reflexo puro do mundo exterior, um traço, uma impressão que é mecanicamente impressa e guardada no espírito; não é uma reprodução passiva dum exterior pelo interior, sendo estes concebidos como radicalmente distintos (Jodelet, 1984). A representação social forma mais do que simula, tendo um efeito socialmente criativo e construtivo (Moscovici, 1998); ela “exprime a relação de um sujeito com um objecto, relação que envolve uma actividade de construção e simbolização” (Vala, 2002, p. 461). Nessa relação, o sujeito selecciona a percepção e atribui-lhe um significado, construindo activamente a representação do objecto;
- ∅ As representações sociais referem-se a estruturas cognitivo-afectivas que servem para processar a informação do mundo social, assim como para planificar as condutas sociais. Se todo o conhecimento, no geral, é social, porque resulta do processo de socialização, as representações sociais, em particular, correspondem às cognições ou esquemas cognitivos complexos gerados por grupos que permitem a comunicação e que servem para orientar as interacções (Páez, 1987).

Resumindo, a Representação Social “est toujours représentation d’un objet, a un caractère imageant et la propriété de rendre interchangeable le sensible et l’idée, le percept et le concept, a un caractère constructif, a un caractère symbolique et signifiant et a un caractère autonome et créatif”² (Jodelet, 1984, p. 365).

Como fenómeno, as representações sociais apresentam-se sob variadas formas, mais ou menos complexas; apresentam-se como “images qui condensent un ensemble de significations; systèmes de référence qui nous permettent d’interpréter ce qui nous arrive, voire de donner un sens à l’inattendu; catégories qui servent à classer les circonstances, les

² “é sempre a representação de um objecto, tem um carácter imagético e a propriedade de tornar intermutável o perceptível e a ideia, o percepto e o conceito, tem um carácter construtivo, tem um carácter simbólico e significante e tem um carácter autónomo e creativo”

phénomènes, les individus auxquels nous avons affaire”³ (p. 360). A Representação Social é, assim, “une manière d’interpréter et de penser notre réalité quotidienne, une forme de connaissance sociale”⁴ (Jodelet, 1984, p. 360). Esta definição debruça-se sobre a “concepção dos modos de pensamento que nos relacionam com o mundo e com os outros, os processos susceptíveis de interpretar e de reconstituir de modo significativo a realidade, os fenómenos cognitivos que suscitam a pertença social dos indivíduos com implicações afectivas, normativas e práticas e configuram aos objectos uma particularidade simbólica própria dos grupos sociais” (Neto, 1998, p. 438) – representações são, assim, a expressão de identidades individuais e sociais.

O conhecimento espontâneo, naif, que tanto interessa às ciências sociais nos dias de hoje neste contexto, é o que vulgarmente chamamos de conhecimento do senso comum. Este conhecimento constitui-se a partir das nossas experiências, mas também das informações, dos saberes, dos modelos de pensamento que recebemos e transformamos através da tradição, da educação e da comunicação social. É, sob vários pontos de vista, um conhecimento socialmente elaborado e partilhado por todos (Jodelet, 1984). Para Moscovici, todo o pensamento e conhecimento baseia-se nas representações sociais e cada representação social é composta por uma mistura de conceitos ou ideias e imagens que se encontram tanto nas mentes das pessoas como a circular na sociedade, através das conversas, dos contactos sociais/interpessoais e da imprensa escrita (Potter, 1996). Ela visa, essencialmente, “à maîtriser notre environnement, comprendre et expliquer les faits et idées qui meublent notre univers de vie ou y surgissent, agir sur et avec autrui (...), répondre aux questions que nous pose le monde (...)”⁵ (p. 360). Dito de outra forma, a Representação Social é uma modalidade de pensamento prático orientada para a comunicação, para a compreensão e para o domínio do meio social, material e das ideias (Jodelet, 1984).

³ “imagens que condensam um conjunto de significados; sistemas de referência que nos permitem interpretar aquilo que nos chega, até de dar sentido ao inesperado; categorias que servem para ordenar as circunstâncias, os fenómenos, as pessoas com as quais nos relacionamos”

⁴ “uma maneira de interpretar e de pensar a nossa realidade quotidiana, uma forma de conhecimento social”

⁵ “o domínio do nosso meio ambiente, compreender e explicar os factos e ideias que enriquecem o nosso universo de vida onde esses factos e ideias surgem, agir sobre e com o outro (...), responder às questões que nós colocamos ao mundo (...)”

1.1 Como se formam

A noção de *Representação Social* tem uma longa história e contou com a contribuição de várias ciências sociais interrelacionadas – o trabalho antropológico de Lévy-Bruhl sobre os sistemas de crenças de sociedades tradicionais, o trabalho sócio-cognitivo de Piaget sobre a compreensão e a representação que a criança tem do mundo que a rodeia, o trabalho sociológico de Durkheim sobre os conceitos de “representações colectivas”, de “representações sociais” e “representações individuais”, como distintos uns dos outros, o trabalho de Moscovici no âmbito da psicologia social sobre as representações sociais da Psicanálise, etc (Moscovici, 1998). Estas últimas duas contribuições foram as de maior relevância no estudo das Representações Sociais. Durkheim defendeu a especificidade do pensamento colectivo em relação ao pensamento individual, tal como a tese de que os fenómenos sociais são irredutíveis aos fenómenos psíquicos individuais. Mas enquanto Durkheim via as representações colectivas como formas estáveis de compreensão colectiva, com o poder de integrar e conservar a sociedade como um todo, Moscovici estava mais interessado em explorar a variação e a diversidade das ideias colectivas nas sociedades modernas, em estudar como as coisas mudam, na estrutura e nos conteúdos, nessas sociedades – a transformação do senso comum (Moscovici, 2004; Palmonari & Doise, 1986). É no contexto de tais transformações que Moscovici põe em evidência dois importantes processos que dão conta do modo como o social transforma um conhecimento em representação e como essa representação transforma o social – *Objectivação e Ancoragem*. Estes processos revestem-se de uma grande relevância, demonstrando a interdependência entre a actividade psicológica e as condições sociais (Jodelet, 1984).

1.1.1 A Objectivação

Muito daquilo que nos interessa na vida do dia-a-dia e de que falamos a toda a hora não se reveste de uma realidade concreta. O processo da *Objectivação* permite tornar o abstracto em concreto, materializar a palavra ou dar corpo aos esquemas conceptuais (Jodelet, 1984), permitindo, dessa forma, concretizar o que está na mente na forma de algo que exista no mundo físico (Moscovici, 2004). A Objectivação diz, assim, respeito “à forma como se organizam os elementos constituintes da representação e ao percurso através do qual tais elementos adquirem materialidade e se formam expressões de uma realidade vista como natural” (Vala, 2002, p. 465).

Este processo compreende três momentos:

a) Construção Selectiva

“As informações, crenças e ideias sobre o objecto de representação sofrem um processo de *Seleção e Descontextualização* (Vala, 2002, p. 466). Este processo de selecção e de reorganização das informações que circulam relativas ao objecto não é neutro nem aleatório, faz-se em função de critérios culturais (nem todos os grupos têm o mesmo acesso às informações) e, sobretudo, de critérios normativos (retiram-se as informações em concordância com o sistema de valores em vigor no meio circundante). Essas informações são destacadas do campo científico e do grupo de peritos aos quais pertencem e são apropriadas pelas pessoas que, assim, as podem conhecer e projectar como factos do seu próprio universo (Jodelet, 1984). Allport & Postman fazem notar que os elementos do objecto são alvo de uma redução para que se torne mais simples, breve e preciso, ou seja, “mais comunicável e útil” (p. 466); paralelamente, alguns desses elementos são acentuados, tornando-se nos elementos estruturantes da representação (Vala, 2002). A representação serve e exprime, nesse sentido, interesses, normas e valores grupais.

b) Formação dum “Núcleo Figurativo”

Há uma organização ou uma *Esquematização Estruturante* dos elementos – as “noções básicas que constituem uma representação social encontram-se organizadas de forma a constituírem um padrão de relações estruturadas” (Vala, 2002, p. 466) – a criação de uma estrutura imagética que “va reproduire de manière visible une structure conceptuelle”⁶ (p. 368). Dessa maneira, os conceitos teóricos organizam-se num conjunto imagético e coerente, que possibilita compreendê-los individualmente e nas suas relações (Jodelet, 1984).

c) Naturalização

O modelo figurativo vai permitir concretizar, em coordenação, cada um dos elementos da representação que se tornam, dessa forma, naturais – “les figures, d’éléments de la pensée, deviennent éléments de la réalité, référents pour le concept. Le modèle figuratif utilisé comme s’il démarquait effectivement des phénomènes acquiert un statut d’évidence: tenu pour acquis, il integre les éléments de la science dans une réalité de sens commun”⁷ (Jodelet, 1984, p.

⁶ “vai reproduzir de maneira visível uma estrutura conceptual”

⁷ “as figuras, os elementos do pensamento, tornam-se elementos da realidade, referidos pelo conceito. O modelo figurativo utilizado como se ele desmarcasse efectivamente os fenómenos, adquirindo um estatuto de evidência; tido por adquirido, ele integra os elementos da ciência numa realidade de senso comum”

368/369). “Não só o abstracto se torna concreto através da sua expressão em imagens e metáforas, como o que era percepção se torna realidade, tornando equivalentes a realidade e os conceitos” (Vala, 2002, p. 467).

Na apropriação das teorias científicas, dos conceitos teóricos pelo senso comum, o processo de Naturalização ou “Transformação”, isto é, a materialização de uma ideia abstracta numa imagem, pode-se realizar através da Personificação, da Figuração e/ou da Ontologização.

⌘ **Personificação**: considerada o principal processo da naturalização, faz com que a teoria (abstracta) adquira uma existência concreta em função da sua assimilação a um personagem (real) (Amaral, 2004). A Personificação pode assumir duas modalidades, consonantes com as duas hipóteses sobre o processo de categorização social – a tradução de uma ideia em exemplares e a tradução de uma ideia em protótipo (Vala, 2002);

⌘ **Figuração**: “processo através do qual as imagens e metáforas substituem conceitos complexos” (Moscovici & Hewstone, 1984, cit por Vala, 2002, p. 469);

⌘ **Ontologização**: consiste em “atribuir às ideias ou às palavras coisas, qualidades ou forças” (p. 469), em transformar entidades lógicas ou mesmo verbais em “coisas” (Moscovici & Hewstone, 1984, cit por Vala, 2002).

1.1.2 A Ancoragem

A *Ancoragem* é o processo que permite transformar algo estranho, perturbador e intrigante em algo familiar, ao integrá-lo no sistema particular de categorias pré-existentes da pessoa e enquadrando-o na categoria mais apropriada. No momento em que determinado objecto ou ideia é enquadrado numa categoria, adquire características dessa categoria, sendo simultaneamente reajustado para nela integrar. Ancorar é, dessa forma, classificar, dar nome a alguma coisa anteriormente desconhecida (Moscovici, 2004). A Ancoragem é, então, num sentido mais lato, a inserção do novo objecto “num sistema de categorias sociais, culturais ou linguísticas, ou ainda práticas existentes num dado momento” (Amaral, 2004, p. 36).

A intervenção do social traduz-se na significação e na utilidade que são conferidos ao objecto e à sua representação (Jodelet, 1984). O processo de Ancoragem equivale, assim, numa perspectiva mais instrumental, a uma atribuição de funcionalidade; “devient, à la limite,

un système d'interprétation s'étendant à d'autres systèmes conceptuels; elle fournit des systèmes de classification et des typologies de personnes et d'événements"⁸ (Palmonari & Doise, 1986, p. 23), demonstrando “a intervenção da representação no social” (Neto, 1998, p. 459).

A Ancoragem pode preceder a Objectivação ou situar-se na sua sequência. Preceder na medida em que, quando um indivíduo pensa num objecto desconhecido, é por referência a experiências e a esquemas de pensamento já estabelecidos que esse objecto vai ser pensado; situar-se na sua sequência na medida em que “se a objectivação explica como os elementos representados de uma teoria se integram enquanto termos da realidade, a ancoragem permite compreender a forma como eles contribuem para exprimir e constituir as relações sociais” (Moscovici, 1961, cit por Vala, 2002, p. 474).

A Ancoragem promove transformações nas representações já estabelecidas, assemelhando-se, neste âmbito, ao modelo sócio-cognitivo de Piaget – “num primeiro momento verificam-se reacções de assimilação tendentes a incorporar o novo objecto no sistema de categorização já existente; num segundo momento, verificam-se reacções de acomodação nesse mesmo sistema de categorização” (Vala, 2002, p. 475).

Situada numa relação dialéctica com a Objectivação, a Ancoragem decompõe-se em múltiplas modalidades que permitem compreender como a significação é conferida ao objecto representado, como a representação é utilizada como sistema de interpretação do mundo social, quadro e instrumento de conduta, e como se opera a sua integração num sistema de recepção e a conversão dos elementos desse último que aí se encontram produzidos (Jodelet, 1984).

Podem-se encontrar, segundo Doise (1992, cit por Correia, 2004), três grandes tipos de Ancoragens, que se propõem estudar as lógicas individuais, sociológicas e psicossociológicas que regulam o processo da Ancoragem. Mais especificamente:

Ancoragem Psicológica: as representações sociais das pessoas e/ou grupos podem ancorar nas suas experiências individuais ou inter-individuais;

Ancoragem Sociológica: analisa a relação entre as pertenças sociais e os conteúdos de uma representação, partindo do pressuposto de que membros de um

⁸ “torna-se, no limite, um sistema de interpretação que se estende a outros sistemas conceptuais; ela fornece os sistemas de classificação e as tipologias das pessoas e dos eventos”

mesmo grupo social com experiências e vivências comuns apresentam representações sociais semelhantes;

Ancoragem Psicossociológica: também analisa as relações sociais, embora a partir de uma perspectiva analítica. Desse modo, “inscreve os conteúdos das representações sociais na maneira como os indivíduos se situam simbolicamente relativamente às relações sociais e às divisões posicionais e categoriais de um dado campo social” (Doise, 1992, cit por Vala, 2002, p. 476).

1.2 Tipologia das Representações Sociais

Segundo alguns autores (Amaral, 2004; Vala, 2002), existem três modalidades de Representações Sociais: as *Hegemónicas* ou *Colectivas*, as *Emancipadas* e as *Polémicas*.

Para Vítor Amaral (2004), o conceito de *Representação Social Hegemónica* ou *Colectiva* é equivalente ao conceito de “Representação Colectiva” proposto por Durkheim, que diz respeito aos sistemas de crenças e valores ou formas de entendimento e significados amplamente partilhados por um grupo estruturado. Quanto ao conceito de *Representação Social Emancipada*, o autor considera que reflecte a cooperação entre grupos e resulta das interacções (diálogos, troca de significados diferentes sobre um mesmo objecto) entre os sujeitos sociais (pessoas ou grupos); este tipo de representação apresenta alguma autonomia relativamente aos grupos sociais que estão na sua origem, na medida em que expressa experiências partilhadas. Relativamente ao conceito de *Representação Social Polémica*, Jorge Vala (2002) considera que o mesmo tem origem nos conflitos entre os grupos sociais, sendo determinado pelas relações antagonistas ou de diferenciação e reflectindo pontos de vista exclusivos sobre um mesmo objecto.

1.3 Funções das Representações Sociais

Toda e qualquer interacção humana, seja entre duas pessoas ou entre dois grupos, pressupõe a presença de Representações Sociais. É isso que as torna específicas – “toujours et partout, lors qu’on se rencontre, qu’on entre en contact avec des personnes, des choses, on véhicule certains attitudes, un certain contenu mental correspondant à des jugements et à une

connaissance des groupes, des personnes et des choses en présence”⁹ (p. 13). Se negligenciarmos essa realidade, não acedemos a mais do que às mudanças, às acções e às reacções pobres e elementares da grande riqueza das relações humanas (Palmonari & Doise, 1986).

Paez (1987) considera que as Representações Sociais, quando activadas, actuam como modelos ou mini-teorias que organizam e estruturam internamente os conteúdos da realidade, intervindo na identificação, reconhecimento e evocação dos objectos. Neste âmbito, Jodelet (1984) considera que elas permitem compreender “comment la signification est conférée à l’objet représenté, comment la représentation est utilisée comme système d’interprétation du monde social, cadre et instrument de conduite et comment s’opère son intégration dans un système d’accueil et la conversion des éléments de ce dernier qui s’y trouvent rapportés”¹⁰ (p. 372). Pode-se, então, considerar que as representações são, definitivamente, estruturas cognitivas que processam a informação e lhes atribuem um sentido, que acabam por servir de guia às condutas humanas.

Esta questão da importância das Representações Sociais para o entendimento das relações entre os grupos sociais foi uma questão discutida por alguns autores como Moscovici (2004), Jodelet (1984) ou Palmonari & Doise (1986). À luz dessa questão, estes mesmos autores conseguiram identificar algumas das funções sociais das representações. Assim sendo, Moscovici (2004) fala nas funções de *Desejabilidade* (construção de uma realidade social orientada pelo indivíduo), de *Equilíbrio* (as representações sociais tendem a reconstituir um equilíbrio perdido, visando repor o equilíbrio dos novos saberes adquiridos pelo indivíduo através de uma compensação imaginária), de *Controlo* (indivíduo filtra a informação que vem do exterior, de modo a poder controlar o comportamento individual) e de *Familiaridade* (representações sociais como um saber prático – a sua criação corresponde a um esforço de adaptação das pessoas e/ou grupos face a informações novas e abstractas, tornando-as mais usuais, familiares e ligadas a aspectos da sua realidade e vida quotidianas). Esta última função surge dos principais mecanismos sócio-cognitivos geradores das representações sociais: a Objectivação e a Ancoragem. Já Jodelet (1984) identifica as funções *Cognitiva* (integração da novidade), de *Interpretação* da realidade (possibilita ao indivíduo tornar a sua realidade social

⁹ “sempre e por toda a parte, quando alguém se encontra, quando alguém entra em contacto com as pessoas, com as coisas, veicula certas expectativas, um certo conteúdo mental correspondente aos julgamentos e a um conhecimento dos grupos, das pessoas e das coisas presentes”

¹⁰ “como o significado é conferido ao objecto representado, como a representação é utilizada como sistema de interpretação do mundo social, quadro e instrumento de conduta, e como se opera a sua integração num sistema de acolhimento e a conversão dos elementos desse último que aí se encontram produzidos”

compreensível) e de *Orientação* das condutas e das relações das Representações Sociais. Palmonari & Doise (1986), por sua vez, atribui às representações uma função *Selectiva* (ex: reparar-se nas características desejáveis do grupo de pertença e nas características indesejáveis dos outros grupos), uma função *Justificadora*, que serve para justificar a acção que é empreendida (ex: uso de estereótipos dos grupos sociais “inferiores” para manter a distância social e a subordinação económica), uma função de “*Antecipação*” do desenrolar das relações sociais (actua no sentido de pré-determinar interacções entre as pessoas e/ou grupos), uma função de *Atribuição* (forma segundo a qual as representações influenciam ou determinam explicações do campo social – esta função será especialmente importante como uma forma de mudar a ênfase individual das teorias tradicionais da atribuição) e uma função de *Identidade Social* (a pesquisa sobre a Identidade Social e as Relações Intergupais demonstrou que as pessoas agem de acordo com os membros do seu grupo ou categoria de referência, procurando uma identidade social positiva na comparação do seu grupo com os restantes grupos).

1.4 Análise das Representações Sociais através das Metáforas e dos Protótipos

O indivíduo não se limita, na sua relação com o outro e com o mundo, a receber e a processar a informação, é também construtor de significados, teorizando, assim, a realidade social em que se move. O social intervém neste processo sob diversos aspectos, nomeadamente, no contexto concreto onde se situam as pessoas e os grupos, na comunicação que se estabelece entre eles, nos quadros perceptivos que fornecem a sua bagagem cultural e nos códigos, valores e ideologias ligadas às suas posições ou pertenças sociais específicas (Jodelet, 1984).

Nesta acepção, as Representações Sociais são “um conjunto de conceitos, proposições e explicações criado na vida quotidiana no decurso da comunicação inter-individual” (Moscovici, 1981, cit por Vala, 2002, p. 458), que funciona como uma modalidade de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um cariz prático, e contribuindo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social (Jodelet, 1984).

Do ponto de vista dinâmico, as Representações Sociais aparecem como uma “rede” de ideias, metáforas e imagens (Moscovici, 1998), como um conjunto dinâmico que visa a produção de comportamentos e interacções sociais; nesse sentido, as representações sociais “são tanto um produto como um processo” (p. 140). São produto na medida em que permitem

o estudo do seu conteúdo que, circulando como uma versão do real, impregna os discursos, as imagens, as opiniões e as atitudes que os processos de interação e comunicação tratam de veicular; são processo porque remetem para os mecanismos psicológicos e sociais que estão na origem da formação, organização e transformação de tais conteúdos, e porque remetem para as suas funções e eficácia sociais (Sampaio, Oliveira, Vinagre, Gouveia-Pereira, Santos & Ordaz, 2000).

Dessa forma, apesar de na sua construção estarem envolvidos mecanismos cognitivos e processos intra-psíquicos, as Representações Sociais dependem em grande medida da pertença categorial da pessoa, dos seus contextos de vida, das suas interações, e do seu lugar na estrutura social, mostrando-se como uma forma de ler o real e dando sentido à vida dos grupos, que se organizam em torno de interesses comuns, partilhados (Sampaio, Oliveira, Vinagre, Gouveia-Pereira, Santos & Ordaz, 2000).

Os conteúdos das Representações Sociais são regulados pelos processos da Objectivação e da Ancoragem, processos esses que dão conta do modo como o social transforma um conhecimento em representação e do modo como essa representação transforma o social (Moscovici, 1998).

1.4.1 As Metáforas

Para a compreensão/integração do novo, para a difusão de uma nova ideia ou conceito num grupo, as pessoas preferem fazê-lo segundo as imagens, as metáforas e os símbolos que fazem parte do seu quotidiano, que estruturam a sua experiência e o seu pensamento (Ordaz, 1995).

No processo de Objectivação, mais especificamente, nos processos de Figuração e Ontologização, as *Metáforas* representam um papel fundamental, segundo Lakoff e Johnson (1980, cit por Ordaz & Vala, 1997). Estes autores sustentam que a nossa actividade quotidiana é estruturada metaforicamente, pois não sendo meras expressões linguísticas, são expressões do próprio processo de pensamento. A Metáfora pode ser definida como “an iconic illustration of a non-iconic mental figure”¹¹ (Wagner e tal, 1993, cit por Ordaz, 1995, p. 46).

¹¹ “uma ilustração icónica duma figura mental não-icónica”

1.4.2 Os Protótipos

A concepção prototípica das categorias baseia-se em estudos de objectos naturais; no entanto, alguns autores chegaram à conclusão de que certos elementos das categorias naturais prototípicas eram válidos para as categorias sociais (Cantor & Mischel, 1979, cit por Páez, 1987).

Um protótipo é um membro de uma categoria conceptual que compartilha o máximo de características comuns com outros membros dessa categoria, e o mínimo de atributos comuns com os membros de categorias diferentes ou opostas (Páez, 1987). O protótipo é, essencialmente, o membro mais representativo de uma categoria, o que implica que nem todos os membros de uma categoria têm o mesmo grau de representatividade. Mas um protótipo não é somente definido pelas diferenças com os membros de uma outra categoria, também é definido pelas diferenças com os outros membros da categoria à qual faz parte; desta forma, “quanto mais um objecto possui atributos da categoria, mais é prototípico dela e mais a representa (...), e quanto mais um objecto for prototípico de uma categoria, menos atributos terá das categorias contrastantes” (Ordaz, 1995, p. 68).

De acordo com Rosch (1978, cit por Amaral, 2004), dois princípios regulam a formação de categorias – (1) “um sistema categorial existente numa dada cultura fornece o máximo de informação aos indivíduos com o mínimo esforço cognitivo para estes” (p. 39); (2) a categorização social permite ordenar e compreender o mundo social, reforçando o seu carácter estruturado e diferenciado.

2. O Suicídio

O *Suicídio* é um fenómeno complexo e multi-determinado que desde sempre atraiu a atenção de filósofos, teólogos, médicos, sociólogos e artistas. Simultaneamente ligado à ideia de vida e à ideia de morte, o Suicídio é definido à luz da sociedade em que os indivíduos se inserem, não se podendo por isso desprezar os *factores culturais* que se lhe encontram associados (Ballone, 2004). Apesar de ser um acto *individual*, o suicídio surge muitas vezes carregado dum significado *relacional*, na medida em que o “suicida pode pretender pedir ajuda ou agredir alguém com a sua atitude” (p. 400), acabando o seu acto por ter importantes *repercussões sociais* – considerado um constructo social, o suicídio será um “acto significativo” para as sociedades onde ocorre (Sampaio, 2002b).

O Comportamento Suicidário, que vai desde pensamentos suicidas a tentativas ou a actos consumados, é uma *tragédia pessoal e familiar*, causando grande sofrimento à pessoa que comete o acto e a todas aquelas que estão em seu redor (Fleischmann & Bertolote, 2000).

O *Suicídio* está entre as 10 primeiras causas de morte em todos os países e entre as 3 primeiras causas de morte entre os jovens, dos 15 aos 34 anos. Os maiores índices de Suicídio (para homens e mulheres) encontram-se na Europa, mais particularmente, na Europa de Leste (Estónia, Letónia, Lituânia, Finlândia, Hungria, Rússia) e em países asiáticos, tais como a China e o Japão. Índices médios encontram-se em países do Norte e do Centro da Europa, da América do Norte, do Sudeste Asiático e Pacífico, e do Ocidental, tais como Austrália, Nova Zelândia, Canadá, Índia e EUA. As taxas mais baixas encontram-se na América Latina, nos países árabes e em alguns países asiáticos como, por exemplo, Argentina, Brasil, Kuwait e Tailândia. A informação relativa à maioria dos países africanos é mínima, no entanto, algumas ilhas relativamente isoladas têm taxas de suicídio surpreendentemente altas, como Cuba, Sri Lanka, Fiji, Samoa e Seicheles (Fleischmann & Bertolote, 2000). O maior número de suicídios verifica-se na Ásia, pois quase 30% de todos os casos de suicídio no mundo são cometidos na China e na Índia (Fleischmann & Bertolote, 2000).

2.1 Definições

Sendo um sério problema de saúde pública, a questão do Suicídio exige a nossa maior atenção, pois a sua prevenção e controlo, infelizmente, não são tarefa fácil (Bertolote, 1999). Talvez a primeira coisa a fazer no sentido da detecção e prevenção de possíveis situações de suicídio é tentar definir o conceito de *Suicídio*.

O *Suicídio*, “assassino de si, corresponde ao desfecho fatal de um acto deliberado para provocar a sua própria morte” (Houzel, Emmanuelli & Moggio, 2004, p. 972). Ou, segundo Sampaio (2002b), corresponde à “auto-destruição provocada por um acto executado pelo sujeito, com intenção deliberada de pôr termo à vida” (p. 396). Mas já em 1897 Durkheim (1991) tentava definir o *Suicídio* como “todo o caso de morte que resulta directa ou indirectamente de um acto positivo ou negativo praticado pela própria vítima, acto que a vítima sabia dever produzir esse resultado” (p. 10) e já nessa altura a definição deste conceito levantava algumas questões como, por exemplo, a da *Intencionalidade*. Nesse sentido, já Durkheim chamava a atenção para o facto de a ideia de morte não estar presente, da mesma maneira, em todos os gestos auto-destrutivos (Sampaio, 2002b) – existência de casos em que a intencionalidade não é clara, tais como o jogo da “roleta russa”, as mulheres indianas que eram enterradas juntamente com o marido falecido, etc.

2.2 O Suicídio ao longo dos tempos – Perspectiva Histórica

A atitude da sociedade face ao *Suicídio* não tem sido uniforme ao longo dos tempos e a sua compreensão só pode ser feita se se ponderarem as diversas vertentes do seu enquadramento cultural (Sampaio, 2002a).

Na Roma Clássica já predominavam atitudes de neutralidade ou de crítica face ao Suicídio quando, mais tarde, Santo Agostinho critica abertamente o comportamento Suicidário. No período Medieval havia uma notória hostilidade em relação aos suicidas, com patentes atitudes de rejeição – o corpo do suicida não tinha direito a enterro cristão, sendo exposto publicamente como forma de dissuasão. Surge, neste sentido, no século XIII, S. Tomás de Aquino a proclamar que apenas Deus tinha o direito de dar e de tirar a vida, fazendo com que a ideia de “suicídio-pecado” se instalasse por muitos anos. Até aqui, há uma visão profundamente negativa do suicídio pela sociedade, que só começa a ser alterada a partir do século XVIII com Jean-Jacques Rousseau – ele coloca a compreensão dos gestos

humanos (e, em particular, a do gesto suicida) segundo uma dupla perspectiva, individual e social, ao considerar que o homem é, à partida, bom, sendo influenciado positiva ou negativamente conforme o seu percurso social. Também David Hume, em 1777, encara o suicídio sem o associar à ideia de pecado, pois defende a conduta auto-destrutiva em casos de dor, doença, vergonha ou miséria (Sampaio, 2002b). No entanto, só no fim do século XIX e início do século XX é que a discussão sobre este tema se alarga a vários domínios e atinge uma dimensão verdadeiramente científica. Para isso contribuíram os trabalhos de três autores: Émile Durkheim, que abre caminho às teorias sociológicas sobre o suicídio, dando uma importância sistemática aos factores sociais na génese do impulso suicida, e Sigmund Freud e Karl Menninger, que salientam, sobretudo, a dimensão interna do gesto suicida (Sampaio, 2002a).

Actualmente, o problema da conduta auto-destrutiva é visto como uma situação complexa e multi-determinada, que exige esforços conjugados de especialistas de diversos ramos, desde o técnico de Saúde Mental ao Sociólogo ou Antropólogo, para que o resultado final não constitua apenas uma visão parcelar da realidade. Deste modo, defende-se a importância da colaboração interdisciplinar em Suicidologia, numa abordagem do comportamento suicidário fundamentalmente contextual, partindo sempre dum *Diagnóstico Sistémico* e numa compreensão e articulação das dimensões interna e externa do indivíduo (Sampaio, 2002a).

2.3 Breve Teorização – O Suicídio e o Suicida

Especialmente frequente e característico da Adolescência e da Terceira Idade, o *Suicídio* traduz geralmente um extremo sofrimento pessoal, um intenso sentimento de solidão e a presença de perturbações nas relações familiares. Nesse âmbito, no plano psicológico, qualquer ataque a si, sobretudo quando é efectuado num estado de perda de controlo, é um índice de gravidade que deve ser tomado muito a sério, independentemente das consequências imediatas para a saúde física do indivíduo” (Houzel, Emmanuelli & Moggio, 2004, p. 973); como tal, nenhuma tentativa de suicídio deve ser descurada, devendo cada uma ser sistematicamente sujeita a consultas psicológicas individuais e familiares, de forma a que o indivíduo e o seu sistema familiar possam compreender o sentido de tal gesto e munir-se dos meios necessários à tal mudança (Sampaio, 2002^a).

O comportamento suicidário resume múltiplas estratégias e intenções. Assim, quando um indivíduo decide recorrer a ele, este nunca responde apenas a um único significado; a

pluralidade dos sentidos desta conduta é habitual. Ao nível consciente, o indivíduo “procura muitas vezes fugir a uma situação desagradável (*fracasso escolar, decepção sentimental, conflito amoroso, familiar ou ambos...*); de forma mais profunda, a tentativa de suicídio/suicídio pode produzir uma adesão a ideias de morte, a uma temática depressiva (*a vida não tem interesse, não vale a pena viver nesta sociedade...*)” (p. 177), ou ainda revelar uma necessidade exacerbada de controlo do corpo e de conservar uma onnipotência sobre o seu destino. “Mais profundamente ainda, alguns indivíduos procuram martirizar o corpo, tudo o que ele simboliza e tudo o que ele contém (...) o ataque a este corpo pode corresponder a angústias extremamente importantes, sendo o objectivo do suicídio fazer parar estas angústias” (p. 177), ou pode ainda traduzir uma raiva interna (Braconnier & Marcelli, 2000). O Suicídio constitui-se, assim, como um ataque contra o corpo e tudo o que ele representa, como um virar da agressividade contra si próprio (muitas vezes num clima de impulsividade), mas também como uma forma de provocar a reacção dos outros e/ou de comunicar com eles – o indivíduo não realiza os seus actos só para si, mas também os realiza para os outros; agir é um meio de entrar, de algum modo, num “diálogo comportamental” quando os outros meios de comunicação não funcionam. O Agir e o Comportamento oferecem desta maneira uma vertente colectiva social, na medida em que os actos se inscrevem na família, nos grupos, nos outros indivíduos, enfim, na sociedade, e é nestes que os actos ganham o seu significado (Braconnier & Marcelli, 2000).

Três aspectos são particularmente característicos nos suicidas:

- ∅ Na sua maioria, as pessoas com pensamentos suicidas têm sentimentos contrários acerca do Suicídio, vivendo uma grande ambivalência. O desejo de viver e de morrer provocam uma batalha interna na pessoa – ela sente uma urgência em deixar a dor de viver e ao mesmo tempo sente desejo de viver. Muitos suicidas não querem realmente morrer, somente são infelizes;
- ∅ O Suicídio é também um acto impulsivo;
- ∅ Os pensamentos, sentimentos e acções dos suicidas são rígidos e restringidos – pensam constantemente no suicídio, não sendo capazes de ver outras saídas para os seus problemas (Fleischmann & Bertolote, 2000; Peixoto & Azenha, 2006).

O Acto Suicida é, raramente (se alguma vez o é), um acto verdadeiramente voluntário; antes, é um caminho que a pessoa se sente muitas vezes forçada a seguir, porque não vê outra saída/solução para os seus problemas, para a sua dor ou miséria. A situação parece-lhe, assim,

insuportável, e os seus problemas (internos e/ou externos) sem solução possível. Mas geralmente há outras saídas, e alguém tem de as assinalar, mostrar à pessoa, ajudando-a a seguir essas outras saídas. Há que procurar um maior entendimento na comunicação e interacção entre o suicida e as pessoas que o rodeiam; há que discutir o assunto com a pessoa, tendo em conta a sua situação pessoal e social, tentando identificar os factores que contribuíram para a sua tentativa de suicídio (Fleischmann & Bertolote, 2000).

A Sociedade Portuguesa de Suicidologia (SPS) define o que chama de “Cenário Suicida” como a realidade em que a pessoa que se suicida normalmente se movia; a SPS caracteriza-a, assim, por uma *Dor Psicológica Intolerável* (devido à não satisfação das necessidades psicológicas elementares), pela *Perda da Auto-Estima* (com incapacidade para suportar a dor psicológica), por uma *Constrição da Mente* (perspectiva de menos horizontes e menos tarefas), pelo *Isolamento* (acompanhada por uma sensação de vazio e de falta de amparo), pela *Desesperança* (acompanhada por uma sensação de nada valer a pena) e por uma *Egressão* (apenas se vê a Fuga como única solução para acabar com a dor intolerável sentida) (Peixoto & Azenha, 2006). Para além disso, aponta vários factores de risco ou facilitadores do impulso suicida de diversas ordens – *Psicopatológicos*, *Psicológicos*, *Sociais* ou *Pessoais*. Estes factores influenciam a psicodinâmica do Suicídio, entrelaçando-se e exercendo uma pressão que mobiliza o comportamento em busca da morte, sendo, assim, adjuvantes na génese do fenómeno suicidário (Areal, 1996). Assim sendo, os *Psicopatológicos* incluem a presença de perturbações mentais (nomeadamente, depressão endógena, esquizofrenia, distúrbios de personalidade e situações de alcoolismo ou de toxicomania), a presença de modelos suicidário, quer sejam familiares, pares sociais, ou através de histórias de ficção e/ou notícias veiculadas pelos media, e a existência de Tentativa(s) de Suicídio prévia(s) ou de ameaça/ideação suicida com existência de um plano elaborado; quanto aos *Psicológicos*, eles incluem a ausência de projectos de vida, a existência de uma crise existencial com um consequente e acentuado sentimento de desesperança (pessoa coloca questões quanto à existência e ao significado da vida, vivendo sentimentos de culpa ou de auto-desvalorização, que condicionam uma visão negativa da vida), e o sofrimento da rejeição ou perda de figuras significantes (pais, irmãos, cônjuge, amigos íntimos, filhos...); já os *Sociais* se reportam a certos acontecimentos sociais, como por exemplo, o desemprego, a mudança de residência e/ou emigração, o isolamento sócio-familiar, a reforma, o acesso fácil a agentes letais (armas de fogo, pesticidas...) e o estar encarcerado; por último, mas não menos importantes, os *Pessoais*, que se referem à existência de doenças terminais (doentes com HIV, cancerígenos,

ou renais, doentes que perdem a mobilidade, a visão ou a audição, etc...), à ocorrência de frequentes hospitalizações (psiquiátricas ou outras), à desagregação da família – por separação, divórcio ou viuvez – e/ou conflitos familiares constantes, e a situações de abuso ou violência (física ou psicológica) (Areal, 1996; Fleischmann & Bertolote, 2000; Peixoto & Azenha, 2006).

3. Estudos desenvolvidos no âmbito das Representações Sociais do Suicídio

Alguns autores desenvolveram estudos relativos às Representações Sociais do Suicídio, já em relação ao Terrorismo não se pode dizer o mesmo – não se encontraram quaisquer estudos relativos às Representações Sociais do Terrorismo. Apresentam-se em seguida alguns dos estudos encontrados no âmbito das Representações Sociais do Suicídio.

Quanto às Representações Sociais do Suicídio, em 1995, Ordaz estudou, na sua Tese de Mestrado, as Representações Sociais do Suicídio na Imprensa Escrita, nomeadamente nos jornais *Semanário, Independente, Expresso, Público, Diário de Notícias, Crime, e Dia*. Para tal, fez o levantamento das Metáforas (estruturais e ontológicas) e dos Protótipos maioritariamente presentes nos jornais em estudo, chegando à conclusão de que do total de artigos analisados 131 (40,8%) recorrem a metáforas para falar do Suicídio, assim como 282 (88%) e 233 (73%) desses artigos recorrem a uma descrição sociográfica ou a avaliação dos traços e atributos do suicida, respectivamente. Os resultados obtidos demonstraram que o recurso à objectivação por metáforas é uma estratégia da quase totalidade dos jornais, oferecendo uma riqueza imagética suficientemente diversificada para que seja possível promover diferentes formas de compreensão e de explicitação do acto suicida. Do conjunto dos resultados obtidos também sobressaiu um protótipo de suicida – ser Homem, ter uma actividade e residência especificada e não estar integrado socialmente devido ao comportamento desviante; a este perfil sociográfico surgem associados como traços/atributos mais salientes a Loucura e o Desvio.

Em 2000, Sampaio, Oliveira, Vinagre, Gouveia-Pereira, Santos e Ordaz estudaram as Representações Sociais do Suicídio em Estudantes do Secundário. Para isso, recolheram uma amostra de 822 adolescentes de idades compreendidas entre os 15 e os 23 anos de idade, das regiões de Santarém, Guimarães, Évora e Lisboa, dos 10º, 11º e 12º anos de escolaridade. Pelos resultados obtidos pode-se verificar que os adolescentes recorrem a uma multiplicidade de razões para explicar o fenómeno do Suicídio, remetendo essencialmente para dimensões de natureza IntraIndividual (sentimentos de perda, baixa auto-estima, desilusão e insegurança), Inter-activa (injustiça relacionada com os amigos, injustiça relacional e distributiva), Psicossocial (influência social e isolamento) e Biológica (factores biológicos). Os adolescentes apontam como possíveis indicadores do Suicídio a Ausência de amigos e família, o Abuso de Substâncias e a Fuga aos problemas. Também se constatou que são os

adolescentes que apresentam ideação suicida que escolhem maioritariamente razões de natureza IntraIndividual e Biológica, enquanto que os que nunca tiveram ideação suicida atribuem uma maior importância a Causas Externas, como por exemplo o Álcool e a Droga. A variável “Regiões” considerada neste estudo, é modeladora de diferenças nos conteúdos representacionais, já que é nas regiões de Évora e Guimarães, onde se verificam as taxas de suicídio mais elevadas, que as explicações remetem quer para a natureza Psicossocial do acto quer para os Factores Biológicos que lhe podem estar associados.

Em 2003, Ordaz, Vinagre, Santos, Gouveia-Pereira, Oliveira e Sampaio apresentaram um estudo sobre as Representações Sociais do Suicídio em jovens com Comportamentos Auto-destrutivos. Esse estudo debruçou-se sobre as respostas de 56 adolescentes que tentaram o suicídio retirados da amostra de uma outra investigação (principal) de 822 estudantes dos 10º, 11º e 12º anos de escolaridade de escolas secundárias de Guimarães, Santarém, Lisboa e Évora, com idades compreendidas entre os 15 e os 23 anos de idade. Os resultados demonstraram que esses jovens recorrem a várias ideias e imagens quando pensam e sentem o suicídio. Essas ideias e imagens remetem, por um lado, para uma Dimensão InterIndividual (referem a família, os amigos e a escola, os seus problemas e desencontros), e, por outro, para uma Dimensão IntraIndividual (suicídio enquanto caminho para a libertação, numa procura incessante de paz, enquanto encontro final com o abismo, limite, vazio, etc, e como saída, solução, escape); também remetem para os comportamentos desviantes e para os métodos usados para levar a cabo o acto. Os sentimentos desses jovens face ao Suicídio revelam essencialmente o conflito IntraIndividual do desamor consigo próprio e da zanga com o mundo, que conduz a um estado de espírito no qual parece não haver saída. Quanto às características do jovem que se tenta suicidar, estes jovens dão conta de uma clara vertente interactiva, centrada nas dificuldades relacionais (com os pais, com os outros, consigo próprio), numa imagem de fragilidade e perturbação psicológica, numa situação de desespero, na incapacidade para resolver os problemas e na ausência de razões para viver. Quanto aos conceitos metafóricos seleccionados, a maioria destes jovens compara o acto suicida a uma Fuga, uma Desistência, uma Solução para os problemas, uma Saída, um Pedido de ajuda, um Mistério, uma Loucura e uma Mensagem.

Em 2004, Correia apresentou um novo estudo sobre as Representações Sociais do Suicídio com adolescentes com e sem tentativas de suicídio, um estudo comparativo com uma amostra de 30 adolescentes – 15 com tentativas de suicídio de pequena ou média gravidade em início de acompanhamento psicológico no NES no Hospital de Santa Maria e 15 sem

qualquer comportamento suicidário. Os resultados obtidos pelo questionário de resposta aberta e associativa aplicado demonstraram que os jovens com tentativas de suicídio, comparativamente aos outros, se caracterizam de uma forma mais negativa, referindo dificuldades nos domínios IntraIndividual (Tristeza, baixa Auto-Estima, Desespero, etc) e Relacional (Desilusão com os outros, Incompreensão, Isolamento, etc); os resultados demonstraram ainda que os conteúdos identitários referidos por esses adolescentes na sua auto-caracterização são semelhantes aos que referem para caracterizar jovens com comportamentos suicidários (ideação ou tentativas de suicídio). Os adolescentes com tentativas de suicídio associaram mais a este fenómeno pensamentos e sentimentos de natureza IntraIndividual e Interpessoal, enquanto que os adolescentes sem tentativas de suicídio mencionaram mais pensamentos e sentimentos de índole Externa ao sujeito, como a existência de condutas desviantes.

4. O Terrorismo

Tahar Bem Jelloun, numa entrevista a Carlos Vaz Marques do DN, diz: “(...) Portanto, continua a ser um mistério (...) perceber como é que se chega a uma situação em que o fundamentalismo islâmico leva estas pessoas a fazerem o que fazem (...) Por exemplo, um jovem iraquiano, ou sírio ou jordano, ou um jovem marroquino podem sacrificar a sua juventude, os seus 20 anos, colocando um cinto de bombas e fazendo-se matar num café ou numa pizzaria. É algo que não percebo.” (Vaz Marques, 2005). Estas palavras reflectem o que o autor pensa e sente relativamente a esta temática, ou seja, reflecte a sua Representação Social sobre o fenómeno do Terrorismo.

4.1 Definições

Na actualidade, todos falamos em terrorismo...afinal, o que é o *Terrorismo*? O Terrorismo distingue-se de outras formas de violência pela sua capacidade de impacto na percepção da segurança pelas pessoas; verifica-se uma preocupação cada vez maior com a segurança individual em detrimento da segurança do Estado, da colectividade. Distingue-se também pelos objectivos que pretende alcançar. As consequências deste fenómeno manifestam-se em todas as esferas da sociedade, na esfera da vida humana, na esfera política e económica e, também, na esfera cultural (Fernandes, 2004).

O Terrorismo é, em primeiro lugar, o uso da violência como uma forma de acção com o propósito de causar danos físicos ou materiais, independentemente da condição pessoal ou profissional da vítima, ou da condição pública ou privada dos bens que atinge. Com o seu acto, o terrorista pretende promover um clima de terror, de vulnerabilidade e de insegurança, com a finalidade de influenciar as atitudes das pessoas e a opinião pública numa determinada direcção (Iribarne, 2004). Segundo Shaukat Qadir (2001), o *Terrorismo* “is an act or a series of acts intended to harm, or threaten to harm the innocent, so as to make the target audience respond according to the wishes of the terrorist(s)”¹². O terrorismo surge sempre com uma finalidade política, tentando alcançar uma modificação da ordem política e social, algo que não consegue alcançar por outros meios, incluindo os democráticos (Iribarne, 2004).

¹² “é um acto ou uma série de actos realizados com a intenção de ferir ou de ameaçar ferir inocentes, tal como de fazer com que a população-alvo responda de acordo com os desejos do(s) terrorista(s)”

O fenómeno do Terrorismo é, essencialmente, um fenómeno colectivo em que os terroristas são um dos actores mais importantes, mas as suas acções resultam da interacção com outros actores não menos importantes: os meios de comunicação, as estratégias de negociação dos governos, os cidadãos, todo o emaranhado político (nacional e internacional), assim como toda a estrutura industrial de fabrico de armas. A conduta terrorista é o produto final duma complexa rede de interacções político-sócio-económicas, sendo, o terrorismo, um fenómeno social mais amplo e complexo do que uma mera conduta individual (Garzón, Garcés & Herrera, 1988).

A finalidade do terrorismo, segundo Monique Canto-Sperber, é atacar o maior número possível de pessoas e feri-las, maximizar a destruição, transformando, para isso, os seres humanos em alvos e veículos dessa mesma destruição; o terrorismo, segundo a mesma autora, ataca cidades, uma vez que pretende “a destruição de um modo de vida” (p.21) – neste caso, o Ocidental (Duarte, 2005).

4.2 Breve Teorização: O Terrorismo e o Terrorista – Perspectiva Histórica

O termo *Terrorismo Internacional* surgiu nos anos 50 relacionado com as tentativas do Estado Soviético de promover a instabilidade no Oeste. É agora aplicado às actividades desenvolvidas por determinadas organizações ou indivíduos que usam indiscriminadamente a violência para atingir ou promover os seus objectivos (Qadir, 2001).

A recente era do *Terrorismo Suicida* começou em Abril de 1983, quando Hezbollah, em nome da Jihad Islâmica, atacou a embaixada americana em Beirute com um atentado bombista, matando 63 pessoas. Daí em diante, a tática tem sido usada por dezenas de grupos extremistas por todo o mundo (**Quadro 1**), principalmente pelos grupos “ Hamas” (actua em territórios israelita-palestinianos) e “Liberation Tiger of Tamil Eelam” (mais conhecidos como os “Tamil Tigers”, actuam no Sri Lanka) (Bond, 2004).

Quadro 1: *Ataques suicidas levados a cabo por grupos radicais desde 1980*

A	B	C
Tamil Tigers (LTTE)	Sri Lanka	75
Hamas	Israel/Palestinian territories	63
Iraqi Resistance Groups	Iraq	59
Al-Aqsa Martyrs' Brigade	Israel/Palestinian territories	44
Kashmiri separatists	India	32

Hezbollah	Lebanon	30
Al-Qaida	Worldwide	20
Palestinian Islamic Jihad	Israel/Palestinian territories	19
Chechen separatists	Chechnya/Russia	16
Kurdistan Workers' Party (PKK)	Turkey	9

Legenda: **A** – Grupo Terrorista; **B** – País atacado; **C** – Número de ataques

No espectro do Terrorismo, há uma grande variedade de causas, actores e motivações. Cada grupo terrorista deve ser analisado no seu contexto histórico, político e cultural específico, em detrimento das características gerais que lhe são comuns e comumente atribuídas; os grupos e organizações terroristas diferem significativamente uns dos outros. Assim sendo, não faz sentido, segundo Post, Ruby & Shaw (2002), supor que uma minoria étnica no Médio Oriente ou na Europa, que luta há centenas de anos para alcançar a independência, é o mesmo que uma seita ou culto religioso fechado no Japão ou que um grupo de extrema-direita nos EUA.

Post, Ruby & Shaw (2002), no seu estudo sobre o risco de determinados grupos radicais levarem a cabo actos terroristas, definem cinco principais tipos de terrorismo ou de grupos ou organizações radicais:

(1) Grupos Nacionalistas-Separatistas

Grupos que lutam para o estabelecimento de um estado geográfica e politicamente independente, baseando-se na dominância ou na homogeneidade étnica. Estes grupos normalmente tentam obter a simpatia internacional pela sua causa e coagir o grupo dominante. Alguns exemplos deste tipo de grupos são a ETA em Espanha, os Tamil Tigers (LTTE) no Sri Lanka, e alguns grupos radicais que tentam estabelecer um território palestino, tais como a Frente Popular para a Libertação da Palestina (PFLP) e a Organização Abu Nidal.

(2) Grupos Sociais Revolucionários

Também conhecidos como *organizações radicais de esquerda*, estes grupos procuram derrotar/derrubar a economia capitalista e a ordem social. Alguns exemplos são as Organizações Comunistas Combatentes Europeias activas nos anos 70 e 80, tais como as Brigadas Vermelhas na Itália ou a Facção Exército Vermelho na Alemanha. Apesar deste tipo de grupo ter tido uma diminuição significativa durante as últimas duas décadas, em paralelo

com o colapso do Comunismo na Europa e com o fim da Guerra Fria, eles ainda existem e são deles representativos as Forças Armadas Revolucionárias da Columbia (FARC) e Exército Vermelho Japonês (JRA).

(3) Grupos Religiosos Fundamentalistas

Independentemente do Grupo Religioso (Cristãos, Judeus ou Muçulmanos), existem alguns extremistas que fazem uma interpretação radical da palavra de Deus e usam os textos sagrados como justificação para matar em nome de Deus; eles eliminam qualquer ambivalência sobre o acto de matar e definem/revestem a destruição do “inimigo” dum significado sagrado. Entre os grupos radicais religiosos mais violentos encontram-se o Hamas, a Jihad Islâmica ou o Hezbollah, responsáveis por muitos dos atentados suicidas que se verificam na actualidade. Estes grupos radicais partilham das motivações de alguns grupos nacionalistas-separatistas do Médio Oriente.

(4) Grupos Religiosos Extremistas

Grupos religiosos extremistas não tradicionais, também designados de “novas religiões”, são geralmente cultos fechados numa luta pela sua sobrevivência contra um inimigo demoníaco que deve ser destruído, aguardando o fim dos dias. Os carismáticos líderes desses cultos fechados, como Aum Shinrikyo’s Shoko Asahara, que se vêem a si mesmos a desempenhar o papel de Deus, podem se tornar obcecados com o poder. Os seguidores do culto delegam os seus julgamentos individuais ao seu líder, agindo como se não tivessem faculdades críticas independentes, próprias; não são permitidas dúvidas ou crenças duvidosas nestas organizações.

(5) Grupos Terroristas de Direita

Estes grupos procuram manter uma ordem política existente ou promover o retorno a uma idealizada “idade do ouro” passada na qual as relações étnicas favoreciam claramente a maioria dominante. Alguns exemplos incluem grupos neo-nazis ou grupos que expõem ideologias racistas, tais como Ku Klux Kan. Estes grupos apoiam ideologias fascistas, incluindo crenças racistas, anti-semíticas, etc. Normalmente justificam os seus ataques com base nas suas ideologias.

Com este estudo, os autores concluíram que as *características históricas, culturais e contextuais* destes grupos e as suas *estruturas e processos* são importantes para a predição do

Terrorismo. A ideologia do grupo e os seus objectivos, a experiência com a violência, a liderança e as tomadas de decisão autoritárias, os processos organizacionais como o recrutamento, o treino e o atrito, os processos psicológicos do grupo como a humilhação e a necessidade de vingança, a caracterização negativa do inimigo e o sentido de ameaça são características igualmente importantes e a ter em conta na análise destes tipos de grupos (Post, Ruby & Shaw, 2002).

O que leva, então, alguém a abdicar da sua própria vida para provocar a morte de outras pessoas? Os atentados suicidas são um fenómeno extremamente complexo. É reconfortante pensar que os terroristas suicidas são pessoas diferentes de nós, que podem ser maníacos, ou pobres e ignorantes, com pouca perspectiva de um futuro decente, que são conduzidos a tal acto devido a um fanatismo religioso (usualmente designado de islâmico), etc. Para além de virem de comunidades oprimidas, estudos recentes sugerem que as restantes noções e *profiles* associados a estes terroristas não são correctos; eles não são menos racionais ou são, mais pobres, mais perturbados ou mais religiosos do que qualquer um de nós (Shermer, 2006). Os investigadores actuais tendem a atribuir mais factores sociais, políticos e de grupo do que factores pessoais e psicopatológicos a actos terroristas e/ou atentados suicidas (Perina, 2002).

Quando Merari (1983, cit por Bond, 2004), psicólogo da Universidade de Tel Aviv, tentou averiguar o conjunto de características que serviam de pano de fundo do acto suicida dos chamados “homens-bomba”, chegou à conclusão de que “in the majority you find none of the risk factors normally associated with suicide, such as mood disorder or shizophrenia, substance abuse or history of attempted suicide¹³” (p.35). O que os leva, nesse caso, a cometer tal acto irracional e extremo? A associação à Religião pelo seu uso como propaganda e como justificação de tais actos por parte da maioria dos grupos terroristas pode ser uma das respostas a esta questão (Ghazali, 2002). Shaukat Qadir (2001), no seu estudo sobre o conceito Terrorismo Internacional desenvolvido no Sul da Ásia, sugere que o Terrorismo procura legitimidade na Religião, sugerindo também que a ligação da Política com a Religião e o aumento rápido do número de seminários religiosos conduz à emergência do terrorismo urbano no Paquistão. Outra das respostas pode estar relacionada com os anos ou décadas de desespero, desesperança e opressão a que a maior parte das comunidades onde ocorrem estes tipo de ataques esteve sujeita (Ghazali, 2002); ou ainda estar relacionada com a imagem, a reputação que essas pessoas ganham junto das suas famílias, amigos...enfim, comunidade –

¹³ “na sua grande maioria, não se encontram nenhum dos factores de risco normalmente associados ao Suicídio, tais como as perturbações do humor, a esquizofrenia, o abuso de substâncias ou história de anteriores tentativas de suicídio”.

“it is like the patriotism you find in any country at war (...), they too would like to become a martyr, because the society views that as the ultimate form of patriotism¹⁴” (Merari, 1983, cit por Bond, 2004, p. 36). Por exemplo, nas ruas de Gaza ou nas cidades de Tamil do Norte do Sri Lanka, os “homens-bomba” são celebrados e referenciados em posters e em canções, os seus deveres e feitos glorificados em cafés, lojas e recreios de escolas.

Uma pessoa pode voluntariar-se levado pelo entusiasmo do momento e mudar mais tarde de ideias (quando o momento de actuar se aproxima). Para que isto não aconteça, os grupos radicais têm maneiras de assegurar que os recrutas não podem voltar a atrás – “almost always they organise them into small bands or, in the case of the Tamil Tigers, an academy and over weeks, months or years put them through intense psychological training to reinforce the idea that they will soon become martyres for their cause¹⁵” (Bond, 2004, p. 36). Muitas vezes, o momento decisivo acontece com a elaboração de um testemunho escrito ou de um vídeo do recruta, onde este declara o seu compromisso com a tarefa que se propõe a realizar; nesta altura, transforma-se num “martyr”, sendo-lhe impossível voltar atrás sem perder o respeito dos seus pares e da sua comunidade. Estes sentidos de *dever* para com a comunidade e, especialmente, de *lealdade* para com os seus companheiros que lhes são inculcados, são a principal razão para que pessoas sejam persuadidas no sentido de se tornarem “homens-bomba” (Atran, cit por Bond, 2004).

A “táctica” precisa de apoio popular, ao se proclamar como o último sacrifício para o bem-estar de toda a comunidade; vivendo esta, durante bastante tempo, sob a opressão e a violência de uma ocupação ou sob uma severa privação social, a mensagem por esses grupos radicais propagada é facilmente aceite e legitimada por essa comunidade (Ghazali, 2002).

Yonah Alexander traçou um retrato negro relativamente às implicações do terrorismo na civilização ocidental; segundo o especialista norte-americano, “nunca vai ser possível eliminar completamente o terrorismo (...), ele vai estar connosco nos próximos 100 anos” (p.21). Com o 11 de Setembro promoveu-se uma escalada no armamento, com a possível utilização, em particular, de armas biológicas e químicas – sendo esta uma das principais preocupações actuais (Duarte, 2005).

¹⁴ “é como o patriotismo que se encontra em qualquer país em guerra (...), eles gostariam de se tornar mártires , porque a sociedade vê-os como a forma máxima de patriotismo”.

¹⁵ “quase sempre eles organizam-nos em pequenos bandos ou, como no caso dos Tamil Tigers, numa academia e durante semanas, meses ou anos põem-nos sob um intenso treino psicológico de forma a reforçar a ideia de que em breve se irão transformar em mártires pela sua causa”.

5. A Religião

A palavra *Religião* deriva do termo latim *religare*, que significa “ligar”, e traduz, resumidamente, o “conjunto de ideias que liga uma sociedade” (p.23). Esta palavra tem vindo a ganhar um significado mais específico – o “reconhecimento por parte do homem da existência de um poder superior e invisível, que controla o seu destino, e a existência de um ser com direito a obediência, reverência e veneração...” (Shorter Oxford Dictionary, 1970, cit por Parkes, Laungani & Young, 2003, p. 23). Esse “poder invisível” é usualmente denominado por *Deus* nas sociedades monoteístas ou por *Deuses* nas sociedades politeístas.

A maioria das pessoas pensa na Religião como um “conjunto de crenças fixas e imutáveis”, como uma “fé exclusiva e incompatível com outras fés” (p.29), mas “todas as grandes religiões do mundo mudaram os seus sistemas de crenças ao longo dos tempos, influenciadas pelas culturas por onde se disseminaram” (Parkes, Laungani & Young, 2003, p.29).

Embora, por vezes, o contacto com outras religiões tenha levado a eventuais conflitos, também permitiu que fossem feitas modificações e compromissos que levassem à coexistência entre as pessoas das diferentes religiões e até, em alguns sítios, à adopção das crenças uns dos outros. Consequentemente, uma pessoa que adopte uma dada religião numa determinada parte do mundo poderá ter crenças e rituais diferentes das pessoas da mesma religião doutra parte do mundo (Parkes, Laungani & Young, 2003).

Só o desenvolvimento das sociedades de grande escala é que possibilitou o aparecimento de sacerdotes e de outros especialistas em rituais, a construção de lugares exclusivos de adoração e o aparecimento do dogma escrito como meio de transmissão e recordação do passado, tornando por sua vez possível, pela primeira vez, a uma nação inteira adoptar uma fé – interligação entre uma Entidade Religiosa e um Estado (Parkes, Laungani & Young, 2003).

No entanto, segundo Esther Mucznik, “a separação entre Religião e Estado é condição de liberdade de cada cidadão (...) – a Religião tem o seu espaço e o Estado de Direito tem de ter uma certa autonomia” (p. 54). Ainda segundo a vice-presidente da Comunidade Israelita de Lisboa, se não há esse espaço, se não há essa autonomia, a situação torna-se muito perigosa. Hoje em dia há o grande perigo de as religiões se tornarem numa Ideologia, e quando isso

acontece, a Religião torna-se um factor de violência ou a sua justificação, legitimação (Câmara & Robalo, 2006).

Assassinar pessoas inocentes em nome da religião é inaceitável. Todas as religiões baseiam-se no amor, na misericórdia e na paz. O Terror é, dessa forma, considerado oposto à Religião, pois é cruel, impiedoso, causando o derramamento de sangue e a miséria (Adamgy, 2001).

5.1 Cristianismo

5.1.1 Orientações Gerais

A religião cristã é hoje “uma das três religiões mais difundidas no mundo, tanto do ponto de vista da distribuição geográfica como pelo número de fiéis” (Donini, 1988, p.23). O Cristianismo surge ligado à matriz judaica e às suas primeiras e confusas origens na Palestina, e apesar de sofrerem sucessivas perseguições, os Judeus mantiveram sempre a “ideia de serem o povo escolhido por Deus, que um dia seria libertado através do aparecimento de um grande líder ou Messias” (p. 31). A certa altura aparece o tão ansiado Messias, Jesus de Nazaré (Jesus advém de *Jehoshua*, que em hebraico quer dizer “*Jávé é salvação*”, “*Deus que salva*” (Donini, 1988)), a sugerir que o reino de Deus não se encontrava neste mundo mas no próximo e que a libertação seria alcançada pelo amor aos inimigos e não pelo ódio (Parkes, Laungani & Young, 2003), baseado nas ideias de igualdade de todos perante Deus, de humildade, de amor ao próximo e de salvação após a morte (Pedro & Coulon, 1989). Estando a Palestina sob domínio do Império Romano neste período, o Cristianismo desenvolve-se num ambiente marcado pela “unificação política, económica e cultural imposta pelo Império a todos os povos do mundo greco-romano” (p. 26), na área mediterrânica (Donini, 1988).

Os cristãos mostraram-se rigorosamente monoteístas, recusando-se a cultuar o imperador e os demais cultos pagãos, sendo muito perseguidos pela sua fé em Deus ser vista como uma ameaça à autoridade imperial – os interesses do império eram contrários aos defendidos pela fé cristã (Pedro & Coulon, 1989).

Só em 313 d.C., com a vitória do Imperador romano Constantino, é que o Cristianismo foi reconhecido, e lhe foi concedida uma igualdade de situação com os demais cultos pagãos, cessando por fim as perseguições. A partir daí, a fé cristã expandiu-se rapidamente, sendo em 392 d. C. transformada na religião oficial do Império Romano (Pedro & Coulon, 1989).

A Religião Cristã encontra os seus princípios nos ensinamentos de Jesus de Nazaré – “iniciou a sua missão por volta de 30 d.C., sendo mais ou menos dois anos depois, a pedido do clero judeu, crucificado pelos romanos que ocupavam o poder” (p.159) –, que após a sua crucificação é visto e tido pelos seus discípulos e seguidores como ressuscitado. “Os seus ensinamentos foram pela primeira vez escritos nos Evangelhos e nos Actos dos Apóstolos trinta anos após a sua morte; estes foram acrescentados a outros numa série de livros, os quais, após prolongado debate foram designados como o Novo Testamento e acrescentados à Bíblia” (p.159). A *Bíblia* é, pois, o livro sagrado dos cristãos e encontra-se dividido em duas partes – o *Antigo Testamento* e o *Novo Testamento*. A primeira parte relata a criação do mundo, a história, as tradições judaicas, as leis, a vida dos profetas e a vinda do Messias, enquanto que a segunda parte (escrita após a morte de Jesus Cristo) incide, essencialmente, na vida do Messias (Pedro & Coulon, 1989).

No essencial, a “fé cristã consiste na crença de que Jesus era filho de Deus e que foi enviado pelo seu Pai para salvar a raça humana do pecado, escolhendo morrer na cruz como demonstração do seu amor pelos outros. Desde essa altura que aqueles que se arrependessem dos seus pecados e a Ele se convertessem seriam perdoados e ir-se-iam juntar a Ele no céu após a morte” (Blanche & Parkes, 2003, pp.159-160) – é assim dada a possibilidade de salvação e de vida eterna após a morte a todos aqueles que acreditam em Deus e seguem os seus mandamentos. Estes foram recebidos por Moisés, através de duas tábuas de pedra que continham os *Dez Mandamentos* de Deus:

1. *Adorar a Deus e amá-lo sobre todas as coisas.*
2. *Não invocar o Santo nome de Deus em vão.*
3. *Santificar os Domingos e festas de guarda.*
4. *Honrar pai e mãe e os outros legítimos superiores.*
5. *Não matar, nem causar outro dano, no corpo ou na alma, a si mesmo ou ao próximo.*
6. *Guardar castidade nas palavras e nos actos.*
7. *Não furtar, nem injustamente reter ou danificar os bens do próximo.*
8. *Não levantar falsos testemunhos, nem de qualquer outro modo faltar à verdade ou difamar o próximo.*
9. *Guardar castidade nos pensamentos e desejos.*

10. Não cobiçar as coisas alheias.

Os cristãos festejam o *Natal* (nascimento de Jesus Cristo, comemorado a 25 de Dezembro), a *Páscoa* (ressurreição de Jesus 3 dias depois da sua crucificação, comemorada após a altura da Quaresma – 40 dias após o Entrudo, o Carnaval) e o *Pentecostes* (descida e unção do Espírito Santo aos Apóstolos, comemorado 50 dias depois da Páscoa) (Pedro & Coulon, 1989).

A tentativa de formulação desta *doutrina da Trindade* (*Deus Pai, Filho e Espírito Santo*) como monoteísta (doutrina em que existe apenas um Deus) conduziu a várias controvérsias nos princípios da Igreja – “apesar das tentativas adicionais para se obter uniformidade na crença através da consolidação da Bíblia” e da tentativa de a “tornar a última autoridade em todas as questões da fé, a Igreja Cristã rapidamente se subdividiu” (p.160), com as igrejas de leste a romperem os seus laços com Roma para formarem as Igrejas Ortodoxas, e com a Reforma protestante que no século XVI afectou muitas igrejas no norte da Europa (Blanche & Parkes, 2003). Assim sendo, os que se designam por Cristãos podem ser Anglicanos, Católicos Romanos, Ortodoxos, Luteranos, etc.

5.1.2 Posição do Cristianismo face ao Suicídio

De acordo com o catecismo da Igreja Católica, cada um é responsável perante Deus pela vida que ele lhe deu, devendo recebê-la e preservá-la. Como tal, o Suicídio é encarado como um atentado contra a propriedade de Deus (o Homem), e proibido pelo 5º mandamento – *Não matarás, nem causarás outro dano, no corpo ou na alma, a si mesmo ou ao próximo.*

No entanto, dadas situações como a existência de perturbações psíquicas graves, a angústia ou o temor grave duma provação, dum sofrimento ou da tortura, são circunstâncias consideradas excepcionais, que podem diminuir a responsabilidade do suicida” (Saraiva, 1999).

A Bíblia inclui relatos de 10 suicídios e de 11 casos de tentativas de suicídio ou de ideação suicida, mas considera a vida humana como uma dádiva divina, que apenas a Deus cabe o direito de a tirar. É ainda referido na Bíblia que aqueles que sofrem com ideias suicidas são tratados com respeito, sendo-lhes oferecido apoio e conforto (Koch, 2005).

A Igreja Católica parece assumir-se, assim, como mais aberta e tolerante em relação ao Suicídio, apesar de manter uma posição tradicional ao longo dos séculos ao afirmar que

“somos administradores e não proprietários da vida que Deus nos confiou; não podemos dispor dela” (Saraiva, 1999, p. 20).

5.1.3 Posição do Cristianismo face ao Terrorismo

O Cristianismo, tal como as outras religiões, possui passagens na Bíblia que proíbem de modo absoluto todo o tipo de violência, especificamente o Terrorismo, e que falam de amor e tolerância, tais como o mandamento do amor ao outro, mesmo ao inimigo, e o convite ao perdão (Kasper, 2004).

Da mesma forma que proíbe o Suicídio, a Igreja Católica condena veemente os atentados suicidas. O Terrorismo, como negação da dignidade do homem, é considerado uma ofensa a Deus e a sua maior profanação (Kasper, 2004).

Neste sentido, o Papa, numa referência directa a vários actos terroristas, condenou a morte de inocentes em nome de Deus e apelou à defesa da vida humana, de toda a vida humana (Carmo, 2006).

5.2 Islamismo

5.2.1 Orientações Gerais

Historicamente falando, pode-se dizer que a religião islâmica surgiu a partir do ano 610 d.C., com a revelação do sagrado Alcorão. O profeta Muhammad meditava, solitariamente, numa gruta nas montanhas de Hira (distante alguns quilómetros da cidade de Meca, na hoje Arábia Saudita), quando, numa experiência visionária, apareceu o Anjo Gabriel e ordenou-lhe que lesse as primeiras palavras do Livro Sagrado. O Profeta não compreendeu de imediato a experiência que mudaria para sempre o curso da história, encontrando na sua fiel esposa Khadija o apoio e o suporte de que precisava para assimilar os momentos iniciais da revelação. A partir daí, durante 23 anos, o anjo foi trazendo gradativamente da fonte infinita para a realidade humana a Palavra Divina, sob a forma de um Livro Revelado (Ragip, 2000).

Nessa época, Meca era dominada por ideologias e costumes selvagens; a mensagem do profeta Muhammad acerca da existência de um Deus Uno e Único, que propagava a justiça e a tolerância, o comportamento ético e humanitário e o respeito pelos direitos dos seres humanos (homens e mulheres), encontrou grande oposição. Em 622 d.C. retiraram-se para a

cidade de Medina – este ano data o início do calendário islâmico. A partir de Medina, a religião muçulmana consolidou-se e iniciou a sua expansão (Ragip, 2000).

O *Islão* é uma fé que estimula o entendimento e desencoraja o conflito. A própria origem do termo *Islão* – “rendição”, em árabe – está ligada à palavra *salam*, que significa “paz”, “pureza”, “aceitação” e “compromisso” (Cunha, 2005). As suas fontes estão contidas no Alcorão e nos “Ahadice” – o Alcorão é a exacta palavra de Deus (“Allah”), revelada pelo arcanjo Gabriel, e o “Ahadice” é a reportagem dos ditos, das acções, das aprovações e das decisões do profeta Muhammad. Os ditos e as acções são chamados de “Sunnah”. A “Sirah” é o conjunto de escritos dos companheiros de Muhammad sobre a vida do profeta” (p.16). É da história de vida do profeta Muhammad que os muçulmanos retiram os exemplos de vida para seguirem no seu quotidiano, regendo a sua vida segundo a lei religiosa do Islão – *al-Chari’at* (Adamgy, M. Y., 2005).

Quanto às suas práticas, o “Islão assenta em cinco pilares:

1. *Credo (Chahada)* – testemunho da existência de um único Deus, e de que Muhammad é o seu último mensageiro.
2. *Orações (Salat)* – são requeridas, a todos os muçulmanos, cinco orações diárias em períodos definidos do dia.
3. *Jejum (Saum)* – consiste na abstinência total de alimentos e de líquidos, e das relações sexuais entre os casais (legitimados matrimonialmente), desde o nascer até ao pôr-do-sol, durante todo o mês do Ramadão.
4. *Contribuição de purificação (Zakat)* – pagamento anual de 2,5 por cento do valor dos bens do muçulmano, que é distribuído pelos pobres ou por outros beneficiários legítimos.
5. *Peregrinação a Meca (Hajj)* – cumprimento da peregrinação a Meca (*Makkah*) é obrigatória, uma vez na vida, a todo o muçulmano que tiver meios disponíveis para a fazer (...)” (Adamgy, 2005, p.18).

O calendário Islâmico inclui duas eras: a gregoriana e a hegeriana; mas as práticas islâmicas estão relacionadas com o calendário lunar.

Para além destas cinco práticas principais, há ainda outros aspectos igualmente importantes a considerar no Islão:

- ∅ Os muçulmanos celebram duas grandes ocasiões festivas, a *Eid-ul-fitre* (celebração do fim do Ramadão) e a *Eid-ul-adha* (celebração do fim da peregrinação a Meca).
- ∅ Quanto ao seu regime alimentar, os muçulmanos podem comer de tudo, excepto certos géneros alimentares tais como a carne de porco e seus derivados, bebidas alcoólicas e qualquer narcótico, droga ou intoxicante.
- ∅ O seu lugar de adoração é denominado de Mesquita ou *Maçjid*. Há três lugares sagrados de adoração principais para os muçulmanos – a Mesquita de Caaba (*Ka'bah*) em Meca (*Makkah*), a Mesquita do Profeta Muhammad em Medina e a Mesquita Aqsa em Jerusalém. Mas o muçulmano pode rezar em qualquer parte do mundo, em congregação ou individualmente, embora seja preferível que o faça em congregação (Adamgy, 2005).
- ∅ O dia sagrado dos muçulmanos é a sexta-feira (*jummâ*); os muçulmanos juntam-se todas as sextas nas mesquitas, depois do meio-dia, para a oração congregacional de *jummâ* – o Imame (dirigente do culto islâmico) faz o sermão (*khutba*) e dirige a oração (Adamgy, 2005).

Trinta anos após a morte de Maomé (Muhammad), a comunidade islâmica mergulhou numa guerra civil que deu origem a três grupos principais – os Sunitas, os Xiitas e os Kharijitas. Depois da morte do líder Maomé, era necessário encontrar outro. Foi eleito Abu Bakr, à revelia dos xiitas, que consideravam que a liderança legítima era a que vinha da linhagem do primo e genro de Maomé, Ali. Os Kharijitas apoiaram os xiitas inicialmente, mas ficaram desiludidos com a não tomada de atitude de Ali quando Abu Bakr tomou a posição de califa, considerando uma traição ao legado de Deus. Há ainda outros grupos, mais pequenos, como os Ahmadiyya, os Ismailis, etc (Adamgy, 2005).

5.2.2 Posição do Islamismo face ao Suicídio

A tradição Islâmica condena incondicionalmente o Suicídio; o Corão proíbe as pessoas de se matarem a elas mesmas – “Islamic tradition maintains that suicide is condemned to perpetual hell, always excluded from heaven, and can never be forgiven (...)”¹⁸ (Ladha e tal, 1996, cit por Kamal & Loewenthal, 2002, p. 112).

¹⁸ A tradição Islâmica mantém que o Suicídio é condenado ao inferno perpétuo, sempre excluído do céu, e nunca pode ser perdoado (...)

Em nenhuma outra religião existe uma reprovação tão acentuada do Suicídio como no Islão, pois que Alá concedeu a vida e só Ele pode determinar o seu termo. O Suicídio é, assim, interdito no Islão, qualquer que seja a circunstância, sendo as taxas de suicídio dos países islâmicos as mais baixas no mundo (se não se tiver em conta os atentados suicidas) (Saraiva, 1999).

5.2.3 Posição face ao Terrorismo

Tal como o Suicídio, o assassinio é igualmente proibido pelo Islão (Vaz Marques, 2005).

A Religião Islâmica, à semelhança da Católica, é igualmente contra todas as formas de Terrorismo – segundo David Munir, líder religioso da comunidade islâmica de Lisboa, o Islão condena qualquer tipo de manifestação violenta, como “queimar bandeiras, invadir embaixadas, ameaças de morte, matar pessoas inocentes; isso não está dentro do espírito do Islão” (p. 52). Igualmente condenada é a utilização de bombas em cidades, desvios de aviões, etc. O Alcorão diz: “Quem salva uma vida salva toda a humanidade, quem matou uma pessoa inocente matou toda a humanidade” (Câmara & Robalo, 2006, p.58).

São, assim, considerados grandes pecados pelo Islão os assassinatos, os massacres e os ataques, geralmente designados como “ataques suicidas”, levados a cabo por terroristas – “(...) Tais pessoas terão um castigo doloroso” (Adamgy, 2001).

5.2.4 O Fenómeno Islão – A Nova Presença Islâmica em Portugal

A Europa comporta hoje cerca de 15 milhões de muçulmanos, 30 mil dos quais em Portugal; o constante crescimento do número de muçulmanos é visto como um dos fenómenos mais significativos da Europa Moderna, especialmente numa altura em que a Europa ainda procura definir a sua “*Identidade Cultural*”. Nas últimas décadas, esses muçulmanos revelaram uma notável capacidade na construção de comunidades e nos processos de institucionalização, ao adoptar certos hábitos e padrões europeus, mas mantendo os seus costumes e os seus padrões religiosos e culturais – que diferem substancialmente da cultura dominante em que se inserem. Isto de acordo com o que o Concelho Europeu para a Fatwa e a Pesquisa decretou; “onde quer que vivam, os muçulmanos têm a obrigação de integrar-se à sociedade – e aceitar aquilo que a sociedade exige deles – mas sem abandonar a sua fé” (Der Spiegel, 2005, p. 19). O mesmo aconteceu com os muçulmanos em Portugal

(Tiesler, SD). Mas comparando com o resto da Europa, que especificidades caracterizam a Nova Presença Islâmica (NIP – conceito usado para designar o recente fenómeno histórico de uma população muçulmana em constante crescimento e expansão cultural) em Portugal?

Em Portugal, a NIP tem sido consistentemente ignorada pelos meios de comunicação e de investigação social, pelas negociações políticas ou diálogos interculturais/religiosos. Talvez o silêncio que rodeia a minoria muçulmana em Portugal se deva ao facto de o número de imigrantes e cidadãos muçulmanos em Portugal ser muito pequeno. E, embora a presença de grupos religiosos não cristãos tenha sido um fenómeno totalmente novo, desempenhou no máximo um papel secundário nos estudos sobre grupos imigrantes etnicamente definidos – a maioria dos estudos nessa altura focou, primeiro e acima de tudo, os cabo-verdianos (maior grupo de imigração em Portugal) e outros grupos de África. Os grupos heterogéneos de muçulmanos não causaram problemas do ponto de vista sócio-económico nem do ponto de vista religioso-cultural; a actual situação portuguesa chama mais a atenção, por exemplo, para os ciganos e os timorenses, permanecendo sempre os muçulmanos em segundo plano no que diz respeito à questão das minorias portuguesas (Tiesler, SD).

Há, aproximadamente, 20 mil muçulmanos em Portugal, distribuídos por Lisboa, Almada, Loures, Vila Franca de Xira, Coimbra, Porto, Évora, Portimão e Faro, mas a maioria deles vive em Lisboa e seus arredores. Grande parte dos imigrantes muçulmanos veio de Moçambique (maioria de origem indiana) e de Guiné-Bissau. Para além do grupo maioritário de origem indiana, a Comunidade Islâmica de Lisboa (CIL) aproxima-se bastante de um micro-cosmos do chamado mundo islâmico; fluxos mais pequenos e movimentos migratórios individuais durante os finais dos anos 80 e 90, incluindo migrações secundárias da França e da Espanha, levaram à reunião de muçulmanos de vários países subsaharianos, norte-africanos, árabes e alguns (sul-) asiáticos, na mesquita central (Tiesler, SD).

A CIL desempenha um papel central na actualidade Islâmica portuguesa. É principalmente ela que gere as relações com não muçulmanos, não sendo a sua política, de forma alguma, hostil – dão pacientemente entrevistas sempre que lhes são pedidos comentários sobre acontecimentos e crises internacionais, de alguma forma ligados ao mundo islâmico. Usam essa atenção para promover a sua religião e acentuar a sua demarcação de movimentos políticos extremistas (Tiesler, SD).

6. Objectivos e Problemas de Investigação

6.1 Objectivos

Este trabalho surgiu numa tentativa de resposta à seguinte questão:

“Será que os *Católicos* e os *Muçulmanos* portugueses consideram o acto de *Terrorismo* um acto de *Suicídio*? Isto é, relativamente ao ‘homem-bomba’ ou ‘mártir’, à semelhança do suicida, será o seu acto considerado como suicídio ou apenas como terrorista pela restante sociedade?”

Nesse sentido, tem por base dois objectivos gerais:

1. Estudo das Representações Sociais que os Católicos e os Muçulmanos portugueses têm acerca do Suicídio e do Terrorismo – pretende-se identificar os universos semânticos que estruturam as ideias, sentimentos e imagens relativos ao Suicídio e ao Terrorismo, e as causas que lhe são associadas, nas amostras aqui consideradas.
2. Constatação da existência (ou não) de diferenças entre os conteúdos representacionais dos fenómenos do Suicídio e do Terrorismo, em função da Religião (Católica e Muçulmana).

6.1.1 *Objectivos 1 e 2: Hipóteses de Investigação 1 e 2*

“O termo de Representação designa, num sentido lato, uma actividade mental através da qual se torna presente na mente, por meio de uma imagem, um objecto ou um acontecimento ausente” (Neto, 1998, p.438).

Como fenómeno, as representações sociais assumem várias formas, de maior ou menor complexidade – apresentam-se como imagens que condensam um conjunto de significações, como sistemas de referências que possibilitam a interpretação daquilo que nos chega de novo, e a atribuição de um sentido ao desconhecido/inesperado, ou ainda como categorias que servem para classificar as circunstâncias, os fenómenos e os indivíduos com que nos deparamos e relacionamos (Neto, 1998). As representações são elaboradas num contexto social e a partir de “quadros de apreensão que fornecem valores, ideologias e sistemas de categorização social, partilhados pelos diferentes grupos sociais”, reflectindo e contribuindo para as relações sociais (Vala, 1986, cit por Oliveira, Sampaio & Amâncio, 2004, p.55).

Embora na sua construção estejam envolvidas actividades cognitivas e processos intrapsíquicos (mecanismos de projecção, identificação e emoções), as Representações Sociais dependem da pertença categorial do indivíduo, dos seus contextos de vida e de interacção, e do seu lugar na estrutura social (Sampaio, Oliveira, Vinagre, Gouveia-Pereira, Santos & Ordaz, 2000).

É tendo em conta a importância das Representações Sociais para o entendimento das relações entre os grupos sociais que os fenómenos em estudo neste trabalho (Suicídio/Terrorismo) vão ser analisados e discutidos no sentido de se encontrarem diferenças entre as representações que os grupos considerados neste estudo têm dos mesmos.

O Suicídio, por exemplo, sendo um ataque contra o corpo e tudo o que ele representa, como um virar da agressividade contra si próprio, é também uma forma de provocar a reacção dos outros – o indivíduo não realiza os seus actos só para si, mas também os realiza para os outros. Agir é um meio de entrar, de algum modo, num “diálogo comportamental” quando os outros meios de comunicação não funcionam, oferecendo uma vertente colectiva social – os actos se inscrevem na família, nos grupos, nos outros indivíduos, enfim, na sociedade, e é nestes que os actos ganham o seu significado (Braconnier & Marcelli, 2000). O suicídio é, então, um conceito simultaneamente ligado à ideia da vida e à ideia de morte, que é definido à luz da sociedade em que os indivíduos se inserem (Ballone, 2004).

Também ao Terrorismo, que corresponde à morte de cidadãos inocentes, à destruição, a raptos, a desvios de aviões, assim como a outros actos de terror, são, actualmente, atribuídos mais factores sociais, políticos e de grupo do que factores pessoais e psicopatológicos (Perina, 2002). A conduta terrorista é o produto final duma complexa rede de interacções de foro político, económico e social, constituindo-se como um fenómeno social mais amplo e complexo que uma mera conduta individual (Garzón, Garcés & Herrera, 1988). Quando se fala em Terrorismo, fala-se numa grande variedade de causas, actores e motivações. Assim sendo, cada acto/atentado terrorista deve ser analisado segundo o seu contexto histórico, político e cultural específico (Post, Ruby & Shaw, 2002).

Já Oliveira & Amâncio (1999), no estudo que realizaram sobre as Representações da Morte e do Suicídio comprovam que as Representações Sociais são fortemente influenciadas pelos contextos em que são elaboradas.

Com este estudo pretende-se analisar e identificar, em particular, os conteúdos representacionais que estruturam os *Pensamentos*, os *Sentimentos* e os *Protótipos*, as *Causas*

e as *Metáforas* que dois grupos de pessoas pertencentes a duas *religiões* diferentes (Católica/Muçulmana) associam aos fenómenos do Suicídio e do Terrorismo. Nesse sentido, a *Religião* é considerada como a *Variável Independente* deste estudo, enquanto que as *Representações Sociais* que os dois grupos têm do Suicídio e do Terrorismo são consideradas as *Variáveis Dependentes* do mesmo.

Esperam-se obter diferenças significativas entre aquilo que os Católicos e os Muçulmanos pensam e sentem relativamente aos fenómenos do Suicídio e do Terrorismo, tendo em conta as posições divergentes que as suas religiões assumem face ao Suicídio e o facto de o Islamismo ser frequentemente associado aos actos terroristas, o que possivelmente influenciará a forma como os dois grupos vêem e caracterizam os fenómenos em estudo.

Apesar de não se ter encontrado nenhum estudo ou artigo na literatura que relacionasse as variáveis consideradas neste estudo – as Representações Sociais (Suicídio e Terrorismo) e a Religião (Católica e Muçulmana) –, tendo como base todas as sustentações teóricas apresentadas e o que se espera obter com este estudo, colocam-se as seguintes *Hipóteses de Investigação*:

Hipótese 1: Existem diferenças significativas entre as *Representações Sociais* que os *Católicos* e os *Muçulmanos* portugueses têm acerca do *Suicídio*.

Hipótese 2: Existem diferenças significativas entre as *Representações Sociais* que os *Católicos* e os *Muçulmanos* portugueses têm acerca do *Terrorismo*.

II. MÉTODO

1. Participantes

A amostra recolhida para a realização deste estudo, de forma não probabilística, foi constituída por 74 indivíduos (jovens adultos e adultos), praticantes das duas religiões contempladas neste estudo – Católica e Muçulmana –, e residentes nas cidades de Aveiro e Lisboa, respectivamente.

Mais especificamente, participaram neste estudo 33 homens (16 católicos e 17 muçulmanos) e 41 mulheres (26 católicas e 15 muçulmanas), com idades compreendidas entre os 18 e os 58 anos (**Quadros 1 e 2**). Em grande parte são estudantes (31%) que frequentam o ensino superior, sendo os restantes indivíduos trabalhadores que se distribuem pelas mais diversas profissões – desde Empresário, Gestor, Bancário, Professor, Técnico, entre outras. A maioria tem o 12º ano de escolaridade (46%) ou um curso universitário (24%) (**Quadro 3**).

Quadro 1: Frequências e Percentagens relativas à distribuição dos Católicos por Sexo e Idade (n=42)

Idade	Homens	Mulheres	Total (%)
Dos 18 aos 22 anos	6	6	29%
Dos 23 aos 27 anos	5	7	29%
Dos 28 aos 32 anos	0	2	5%
Dos 33 aos 37 anos	0	1	2%
Dos 38 aos 42 anos	1	2	7%
Dos 43 aos 47 anos	0	2	5%
Dos 48 aos 52 anos	1	4	12%
Dos 53 aos 57 anos	3	2	12%
Total (%)	38%	62%	100%

Quadro 2: Frequências e Percentagens relativas à distribuição dos Muçulmanos por Sexo e Idade (n=32)

Idade	Homens	Mulheres	Total (%)
Dos 18 aos 22 anos	2	3	16%
Dos 23 aos 27 anos	3	8	34%
Dos 28 aos 32 anos	0	2	6%
Dos 33 aos 37 anos	0	1	3%
Dos 38 aos 42 anos	0	0	0%
Dos 43 aos 47 anos	2	1	9%
Dos 48 aos 52 anos	5	0	16%
Dos 53 aos 58 anos	5	0	16%
Total (%)	53%	47%	100%

Quadro 3: Frequências e Percentagens relativas à distribuição dos Católicos e Muçulmanos por *Habilitações Literárias e Profissões* (n=74)

	Habilitações	Freq.	Profissões	Freq.	%
Católicos	4º Ano	2	Operária	1	
			Doméstica	1	5%
	6º Ano	3	Cabeleireira	1	
			Doméstica	1	
			Empresária	1	7%
	7º Ano	1	Vendedor	1	2%
	9º Ano	3	Empresário	1	
			Escriturário	1	7%
			Técnico de Segurança Industrial	1	
	12º Ano	20	Estudante Universitário	15	
			Assistente Administrativo	1	
			Contabilista	1	
			Administrativa	1	
			Operário	1	
			Gestor	1	48%
	Bacharelato	1	Terapia Ocupacional	1	2%
	Licenciatura	12	Gestão de Serviços	1	
			Professor	4	
			Técnico Superior (funcionário público)	1	
			Economista	1	
		Contabilista	1		
		Bióloga	1		
		Bancário	2		
		Empresário	1	29%	
				100%	
Muçulmanos	7º Ano	1	Administrativo	1	3%
	9º Ano	5	Director Comercial	1	
			Sapateiro	1	
			Empresário	3	16%
	10º Ano	1	Empregado Comercial	1	3%
	11º Ano	3	Bancário	1	
			Administrativo	1	
			Comerciante	1	9%
	12º Ano	14	Estudante Universitário	8	
			Turismo	1	
			Estafeta	1	
			Empresária	1	
			Escriturário	1	
			Técnica (Informática)	2	44%
	Curso Profissional	2	Estudante	1	
	Licenciatura	6	Técnica Informática	1	6%
			Professor/Engenheiro	1	
		Professora	1		
		Técnico Superior (Assessor)	1		
		Gerente Lar 3ª Idade	1		
		Gestora	2	19%	
				100%	

Da população estudada, a maioria nunca pensou em suicidar-se, mas 32% dos indivíduos já teve ideias de suicídio, 15% dos quais mais do que duas vezes. Entre estes indivíduos, apenas 5% fez, pelo menos, uma tentativa de suicídio.

2. Design

Este é um estudo comparativo exploratório, com amostras não probabilísticas (por conveniência) constituídas de acordo com a Variável Independente considerada neste estudo – a *Religião* (Cristã ou Muçulmana).

3. Instrumentos

3.1 Questionário

Neste trabalho procedeu-se à construção de um questionário para se poder estudar as Representações Sociais do Suicídio e do Terrorismo, pois segundo Sampaio (1999, cit por Correia, 2004) “esse é o instrumento mais indicado para a recolha de dados relativos às representações sociais do Suicídio” (p. 57). Como não se encontraram trabalhos relativos ao estudo das Representações Sociais do Terrorismo, usou-se o mesmo tipo de instrumento (Questionário) e de metodologia de estudo usados nos diversos estudos efectuados no âmbito das Representações Sociais do Suicídio (Sampaio, Oliveira, Vinagre, Gouveia-Pereira, Santos & Ordaz, 2000; Oliveira, Sampaio & Amâncio, 2004; Correia, 2004).

O questionário apresenta algumas vantagens, tais como:

- ∅ Permitir a medição do que se deseja com um grau de exactidão bastante satisfatório;
- ∅ Possuir uma maior objectividade, na medida em que há uma ausência de todas as fontes de enviesamento relacionadas com o entrevistador;
- ∅ Ter instruções standard, pelo que todos os indivíduos se encontram ao mesmo nível para lhe responderem;
- ∅ Possibilitar o anonimato, o que permite uma maior confiança por parte dos indivíduos e, conseqüentemente, a obtenção de respostas mais fidedignas (Correia, 2004).

Uma parte do instrumento construído (*1ª Parte*) baseou-se na 1ª parte do questionário elaborado por Sampaio, Oliveira, Vinagre, Gouveia-Pereira, Santos & Ordaz (2000) no âmbito do estudo das representações sociais do suicídio na adolescência, contendo questões abertas que deveriam ser respondidas segundo uma metodologia associativa, por intermédio da associação livre de ideias de 5 palavras. Neste estudo, essas questões (que remetem para as representações sociais, para os protótipos e para as causas) centram-se nos *Pensamentos* despoletados pelo Suicídio ou pelo Terrorismo (“Quando pensa em Suicídio, vêm-lhe à ideia algumas coisas. Peço-lhe que escreva pelo menos as cinco primeiras palavras que lhe ocorrem quando pensa nisso.”), nos *Sentimentos* que essas temáticas despertam (“Quando pensa em Suicídio, também sente algumas coisas. Peço-lhe que escreva os primeiros cinco sentimentos que lhe ocorrem quando pensa nisso.”), na *Caracterização/Descrição* de uma pessoa que se suicida ou que morre para concretizar uma acção considerada como terrorista (“Imagine agora uma pessoa que morre para concretizar uma acção considerada como terrorista (designado de “homem-bomba”). Tente descrevê-lo no que lhe parece que a caracteriza melhor. Como será ela? Peço-lhe que escreva as primeiras cinco palavras que lhe ocorrem quando imagina essa pessoa.”) e nas eventuais *Causas/Razões* que poderão conduzir ao acto suicidário ou ao acto terrorista (“Pense, também, nas possíveis causas que poderão ter estado por trás do acto terrorista. Peço-lhe que escreva as primeiras cinco causas que lhe ocorrem quando pensa nisso.”).

A outra parte do questionário construído (*2ª Parte*) baseou-se nos resultados obtidos pelo questionário aplicado pelo NES a jovens com comportamentos auto-destrutivos (Ordaz et al, 2003), que permitiram a construção de um quadro com os conceitos metafóricos (“Um acto heróico”, “Uma vingança”, “Um castigo”, “Um desafio”...) mais frequentemente associados ao Suicídio. Procedeu-se de igual forma relativamente ao Terrorismo, tendo sido construído um quadro com os conceitos metafóricos maioritariamente associados a esta temática, com base em entrevistas (Anexo A) realizadas a alguns dos elementos de cada uma das amostras consideradas no estudo e com base na literatura e em artigos de jornais/revistas alusivos ao tema em estudo. Nestes quadros deveriam ser assinalados com uma cruz (x) as afirmações (metáforas) com as quais os sujeitos mais estavam de acordo.

Ainda foi incluída uma folha com questões de carácter mais pessoal (*3ª Parte*) alusivas às experiências/vivências pessoais de cada um. As duas primeiras questões referentes às ideias e às tentativas de suicídio (“Já alguma vez teve ideias de suicídio?”/“Já alguma vez se tentou suicidar?”), sendo as respostas dadas segundo uma escala de Lickert (1 – Nunca; 2 – Uma

vez; 3 – Duas vezes; 4 – Mais do que duas vezes); a terceira aludindo ao contacto com tentativa de suicídio/suicídio (“Conhece alguém que tenha feito tentativas de suicídio ou que se tenha suicidado?”); e as últimas, uma delas aberta, referentes à importância (ou não) da religião para a ausência de ideias de suicídio e à justificação dessa mesma importância ou ausência dela (“Na sua opinião, a sua religião ajuda-o a não ter ideias de suicídio? Porquê?”).

Devido ao facto de este instrumento estar apenas testado e validado, isto é, compreensível, eficaz e adequado, para a população portuguesa adolescente e apenas em relação à temática do Suicídio, considerou-se necessária a realização de um pré-teste que foi realizado com 3 sujeitos de cada uma das amostras.

No fim do questionário eram pedidos alguns dados relativos ao sexo, à idade, às habilitações literárias, à profissão, à religião e à sua praticabilidade, sendo fornecidos contactos (telefónicos e informáticos) aos quais as pessoas podiam recorrer caso o assunto em estudo (Suicídio) lhes causasse qualquer tipo de interesse, transtorno ou preocupação.

4. Procedimento

A recolha de dados efectuou-se entre os meses de Fevereiro e Novembro do ano de 2006.

Foram feitas duas versões do questionário (*Anexo B*) – uma em que aparece primeiro a parte referente ao Suicídio e outra em que aparece primeiro a parte referente ao Terrorismo; isto foi feito para que se pudesse assegurar que as respostas dadas às questões da segunda parte do questionário, podendo ser induzidas pelas questões colocadas na primeira parte do mesmo, não interferiam nos resultados finais (forma de manipular a interferência de uma possível variável parasita/externa ao estudo). Assim sendo, as duas versões do instrumento foram fornecidas aos indivíduos alternadamente, de forma a garantir que metade da amostra responderia primeiramente à temática do Suicídio e que a outra metade da amostra responderia primeiramente à temática do Terrorismo.

Os dados foram recolhidos nos próprios templos religiosos – Igreja/Centro Paroquial e Mesquita – em salas previamente reservadas para o efeito. Depois de uma primeira abordagem e de uma breve apresentação à pessoa, em que lhe era explicado sobre o que é que o estudo se debruçava, sobre o que tinha de fazer, sendo-lhe garantida a confidencialidade dos seus dados, foi-lhe pedida a sua colaboração no estudo através do preenchimento do

questionário. Estes foram preenchidos na presença do entrevistador, sendo tiradas as dúvidas que iam surgindo ao longo do seu preenchimento.

Importa ainda referir que as pessoas foram seleccionadas aleatoriamente entre as que se encontravam no templo religioso (Igreja/Centro Paroquial ou Mesquita) e que se mostraram disponíveis para colaborar/participar no estudo.

III. RESULTADOS

1. Tratamento dos dados

Os dados recolhidos foram tratados, numa 1ª fase, qualitativamente, através da Análise de Conteúdo (*Anexo F*) e, numa 2ª fase, quantitativamente, através da Análise Estatística (Teste do Qui-Quadrado χ^2), com recurso ao programa SPSS. Recorre-se a esta técnica de análise com um fim comparativo, na medida em que se pretende comparar as Representações Sociais do Suicídio e do Terrorismo nos Católicos e nos Muçulmanos.

Sendo hoje uma das “técnicas mais comuns na investigação empírica realizada pelas diferentes ciências humanas e sociais” (p. 101), já nos anos 50 autores como Berelson e Cartwright definiam a análise de conteúdo como a descrição objectiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto e/ou simbólico da comunicação (Vala, 1999). Passados trinta anos, Krippendorff (1980, cit por Vala, 1999) definiu-a como “uma técnica de investigação que permite fazer inferências, válidas e replicáveis, dos dados para o seu contexto” (p. 103), já que são essas, as inferências, que permitem a “passagem da descrição à interpretação, enquanto atribuição de sentido às características do material (...)” (Bardin, 1979, cit por Vala, 1999, p. 104).

A finalidade será, então, “obter, por procedimentos, sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (Bardin, 1977, p. 42).

Para se proceder à análise de conteúdo, é necessário que os dados de que o analista dispõe já se encontrem dissociados da fonte e das condições em que foram produzidos, para que possam ser colocados num novo contexto construído com base nos objectivos e no objecto de estudo. Para proceder, então, a inferências a partir dos dados recolhidos, recorre-se a um sistema de conceitos analíticos cuja articulação permite formular as regras da inferência (Vala, 1999).

O tratamento dos dados obtidos foi, assim, realizado em duas etapas. Primeiro procedeu-se à Análise Categórica, em que a totalidade das respostas foram classificadas em diferentes categorias (segundo a presença e frequência de itens de sentido), construídas com base nos resultados de outros estudos conduzidos no âmbito das representações sociais do Suicídio (Sampaio e tal, 2000; Oliveira, 2001; Oliveira, Amâncio & Sampaio, 2001; Sampaio e tal, 2003). Procurou-se verificar se eram sempre cumpridas as exigências/regras impostas por vários autores para se proceder à análise (ex: Bardin, 1977; Vala, 1986), tais como a *Homogeneidade*, a *Exaustividade* (esgotar a totalidade das unidades de registo, distribuindo-as pelas categorias), a *Exclusividade* (um mesmo elemento de conteúdo não poderá figurar em duas categorias diferentes), a *Objectividade* (codificadores diferentes deverão chegar a resultados iguais) e a *Pertinência e Adequação* ao objectivo e ao objecto da pesquisa, respectivamente. Tentou-se ainda diminuir o máximo possível os riscos de subjectividade que este processo poderá acarretar, enquadrando sempre as respostas nas questões onde essas respostas foram produzidas. Depois apresentou-se e interpretou-se os conteúdos recolhidos sob a forma de quadros finais que facilitassem a sua leitura e o estabelecimento de relações/comparações entre as representações sociais do Suicídio e do Terrorismo veiculadas pelos Católicos e pelos Muçulmanos, através da associação livre de palavras proposta pelo questionário aplicado.

Apesar de muitos autores acharem que só se devem considerar os conteúdos que sejam evocados, no mínimo, duas ou três vezes (este limite é estabelecido consoante o número de participantes da amostra), neste estudo optou-se por considerar mesmo os conteúdos apenas evocados uma vez, pois muitos desses conteúdos constituem, no seu conjunto, uma categoria que se tornasse expressiva/significativa.

No processo de escolha sobre qual dos testes estatísticos a usar há que considerar o tipo de amostra, o tipo de variáveis em estudo, a escala de medida à qual pertencem os dados em análise e as características das populações a partir das quais foram retiradas as amostras. No presente estudo temos:

- ∅ Amostras aleatórias independentes;
- ∅ Escalas de medida, na sua maioria, nominal;
- ∅ Dados, na sua maioria, qualitativos, organizados em tabelas de contingência que reúnem frequências (ou contagens) de classe e de estudo; usam-se como dados as “contagens” observadas e não as proporções respectivas;
- ∅ $N > 20$;

- ∅ Todas as classes possuem $E_{ij} > 1$;
- ∅ Pelo menos 80% das classes possuem $E_{ij} > 5$.

Face a isto considerou-se o Teste do Qui-Quadrado (χ^2) o mais indicado para se poder proceder à análise dos dados obtidos neste estudo, visto que, à luz dos problemas de investigação colocados inicialmente, se pretende testar se duas populações de observações diferem entre si relativamente a uma determinada característica. Pretende-se, assim, testar se as populações de onde foram retiradas as amostras são homogéneas (idênticas) ou não (Maroco & Bispo, 2003).

O teste do Qui-Quadrado (χ^2) é, então, utilizado na comparação de duas (ou mais) populações a partir de amostras aleatórias independentes, quando a comparação não é possível por recurso a testes paramétricos, nomeadamente aos de comparação de proporções, cuja aplicação implica que as dimensões das amostras sejam grandes (Maroco & Bispo, 2003).

Codificaram-se, assim, os dados obtidos em 1360 unidades de registo, classificadas em 111 categorias. De seguida, procede-se à definição das diferentes dimensões e categorias referentes às 8 partes do questionário que se descrevem de seguida e às razões dadas pelos dois grupos religiosos para considerarem a **Religião** importante para a pessoa não ter **Ideias de Suicídio**.

A 1ª parte do questionário (referente aos **Pensamentos, Sentimentos, Protótipos** e às **Causas** dos fenómenos em estudo), constituída por 4 questões abertas, será dividida em quatro partes para uma melhor apresentação, análise e discussão dos resultados obtidos:

Suicídio

- I – Pensamentos** despoletados pelo Suicídio (*Parte Cognitiva da Representação Social do Suicídio*)
- II – Sentimentos** suscitados pelo Suicídio (*Parte Afectiva da Representação Social do Suicídio*)
- III – Caracterização/descrição** da pessoa que comete Suicídio (*Protótipos*)

IV – Eventuais **Causas** que poderão estar por trás do acto suicida

Terrorismo

V – **Pensamentos** despoletados pelo Terrorismo (*Parte Cognitiva da Representação Social do Terrorismo*)

VI – **Sentimentos** suscitados pelo Terrorismo (*Parte Afectiva da Representação Social do Terrorismo*)

VII – **Caracterização/descrição** da pessoa que morre para concretizar uma acção considerada terrorista (*Protótipos*)

VIII – Possíveis **Causas** que poderão ter levado ao acto terrorista

Religião & Suicídio

IX – Importância da Religião na Ausência de Ideação Suicida

Quanto ao ponto **I**, referente aos **Pensamentos** despoletados nas pessoas pelo Suicídio (“Quando pensa em **Suicídio**, vêm-lhe à ideia algumas coisas. (...) O Suicídio faz-me pensar em...”), os Católicos e os Muçulmanos deram respostas passíveis de serem enquadradas nas seguintes dimensões e categorias:

Dimensões	Categorias	Exemplos Conteúdos
<p>Dimensão Intra-Individual</p> <p>Nesta dimensão inserem-se todos os conteúdos que remetem para aspectos de natureza pessoal, interna e da vida psíquica do sujeito. Podem-se inserir nesta dimensão várias categorias, uma vez que se trata de uma dimensão bastante abrangente.</p>	<p><u>Afectos</u> (Categoria que remete para os <i>Afectos</i> suscitados no sujeito pelo Suicídio)</p> <p><u>Doença/Perturbação Psicológica</u> (Inserem-se nesta categoria todos os conteúdos que indiquem, claramente, a existência de uma doença e/ou perturbação do foro psicológico)</p> <p><u>Desistência/Falta de Razões para viver</u> (Nesta categoria entram aqueles conteúdos que denotem a ausência de razões/vontade para viver, que evidenciem um sentimento de desistência, de desânimo e saturação face à vida)</p> <p><u>Incapacidade/Fragilidade Psicológica</u> (Inserem-se nesta categoria todos os conteúdos que digam respeito à incapacidade e/ou fragilidade do foro físico ou psicológico, e dos sentimentos que daí advém)</p> <p><u>Solidão</u> (Nesta categoria incluem-se os conteúdos que simbolizem a solidão e o vazio internos)</p>	<p>“Desespero”; “Tristeza”; “Sofrimento”</p> <p>“Doença”; “Loucura”; “Depressão”</p> <p>“Desistência”; “Falta de objectivo/sentido para a vida”; “Desânimo”</p> <p>“Fraqueza”; “Frustração”; “Falta de Auto-Estima”</p> <p>“Solidão”; “Vazio”</p>
<p>Dimensão Inter-Individual</p> <p>Nesta dimensão inserem-se todas as definições relativas às áreas interpessoais, sociais e relacionais do indivíduo.</p>	<p><u>Dificuldades ao Nível da Relação com o Outro</u></p> <p><u>Nível Social</u> (Categoria que remete para as dificuldades do sujeito nas suas relações interpessoais, a um nível mais social)</p> <p><u>Nível Afectivo</u> (Categoria que remete para as dificuldades do sujeito nas suas relações interpessoais, a um nível mais afectivo)</p>	<p>“Injustiça”; “Carências”; “Isolamento”</p> <p>“Incompreensão”; “Abandono”; “Desamor”</p>

<p style="text-align: center;">Imagens associadas ao Suicídio</p> <p>Nesta dimensão inserem-se todas os objectivos, significados e/ou qualquer outro tipo de imagem associada ao Suicídio.</p>	<p><u><i>Crítica</i></u> (Nesta categoria incluem-se todas as unidades de registo que revelem uma atitude de incompreensão, juízo, censura ou mesmo hostilidade)</p> <p><u><i>Ilusão Romântica</i></u> (Nesta categoria inserem-se todas as respostas alusivas a um cenário romântico, com características de uma trama e/ou de uma tragédia)</p> <p><u><i>Morte/Fim</i></u> (Categoria que inclui os conteúdos que remetem para a <i>morte</i>, para o que ela pode representar e para o que lhe está associado)</p> <p><u><i>Dependências</i></u> (Incluem-se nesta categoria os conteúdos que remetem para o uso de substâncias)</p> <p><u><i>Fuga/Saída</i></u> (Nesta categoria inserem-se todas as unidades de registo que remetem para o Suicídio como uma <i>Fuga</i>, como uma <i>Saída/Solução</i> e/ou <i>Libertação</i>)</p> <p><u><i>Ausência de Solução/Saída</i></u> (Reúnem-se nesta categoria as respostas que remetem para a <i>ausência de solução/saída</i>)</p>	<p>“Cobardia”; “Egoísmo”; “Crime”</p> <p>“Tragédia”; “Vingança”; “Coragem”</p> <p>“Morte”; “Fim”; “Perda”</p> <p>“Droga”; “Álcool”; “Medicamentos Químicos”</p> <p>“Fuga”; “Saída/Solução”; “Libertação”</p> <p>“Falta de Solução”; “Beco sem saída”; “Abismo”</p>
<p style="text-align: center;">Dimensão Religiosa</p> <p>Fazem parte desta categoria os conteúdos que remetem para a Religião, para o que ela representa e para o que lhe está associado, quer com um carácter positivo, quer com um carácter negativo. Esta dimensão integra apenas uma categoria.</p>	<p><u><i>Questão Espiritual</i></u></p>	<p>“Religião”; “Ausência de Religião”; “Falta de Fé”</p>

Relativamente ao ponto **II**, referente aos **Sentimentos** suscitados pelo Suicídio (“Quando pensar em **Suicídio**, também sente algumas coisas. (...) O Suicídio faz-me sentir...”), os Católicos e os Muçulmanos deram respostas passíveis de integrarem as seguintes dimensões e categorias:

Dimensões	Categorias	Exemplos Conteúdos
<p>Dimensão Intra-Individual</p> <p>Nesta dimensão inserem-se todos os conteúdos que remetem para aspectos de natureza pessoal, interna e da vida psíquica do sujeito. As categorias desta dimensão são definidas em função dos diferentes tipos de Sentimentos suscitados nos sujeitos pelo fenómeno em questão (Suicídio).</p>	<p><u>Sentimentos de Pena/Compaixão</u></p> <p>(Nesta categoria entram as unidades de registo que remetem para os sentimentos de pesar, de compreensão e de atenção relativamente ao comportamento auto-destrutivo ou à pessoa que o cometeu)</p>	<p>“Pena”; “Compreensão”; “Atenção”</p>
	<p><u>Sentimentos Agressivos</u></p> <p>(Esta categoria integra os conteúdos que traduzem sentimentos mais agressivos, tanto do sujeito para consigo mesmo como para com os outros)</p>	<p>“Revolta”; “Indignação”; “Ódio”</p>
	<p><u>Sentimentos de Medo/Angústia</u></p> <p>(Nesta categoria inserem-se as respostas que remetem para sentimentos de <i>Medo</i> e <i>Angústia</i> vividos pelo sujeito)</p>	<p>“Medo”; “Desespero”; “Angústia”</p>
	<p><u>Sentimentos de Tristeza/Dor</u></p> <p>(Esta categoria remete para sentimentos de <i>Tristeza</i> e <i>Dor</i> vividos pelo sujeito)</p>	<p>“Tristeza”; “Dor”; “Mágoa”</p>
	<p><u>Sentimentos de Surpresa/Incompreensão</u></p> <p>(Esta categoria remete para sentimentos como a <i>surpresa</i>, a <i>incompreensão</i> e a <i>perplexidade</i> face ao acto)</p>	<p>“Incompreensão”; “Estupefacta/Perplexa”; “Surpresa”</p>
	<p><u>Sentimentos de Incapacidade/Impotência</u></p> <p>(Nesta categoria entram as respostas que traduzem sentimentos como a <i>Incapacidade</i> ou a <i>Impotência</i>)</p>	<p>“Incapacidade”; “Impotência”; “Frustração”</p>
<p><u>Sentimentos de Preocupação/Incerteza</u></p> <p>(Nesta categoria inserem-se os conteúdos que remetem para sentimentos de preocupação,</p>	<p>“Pensativo”; “Preocupado”; “Em dúvida”</p>	

	<p>de incómodo e/ou de incerteza)</p> <p><u>Solidão</u></p> <p>(Categoria semelhante à já categorizada no ponto I)</p> <p><u>Doença/Perturbação Psicológica</u></p> <p>(Categoria semelhante à já categorizada no ponto I)</p>	<p>“Solidão”; “Vazio”</p> <p>“Desorientação”; “Confuso”; “Loucura”</p>
<p>Dimensão Inter-Individual</p> <p>Nesta dimensão inserem-se todas as definições relativas às áreas interpessoais, sociais e relacionais do indivíduo. Esta dimensão integra apenas uma categoria.</p>	<p><u>Dificuldades de Relação com os Outros</u></p>	<p>“Abandono”; “Falta de Diálogo/Comunicação”; “Isolamento”</p>
<p>Imagens associadas ao Suicídio</p> <p>Nesta dimensão inserem-se todos os objectivos, significados e/ou qualquer outro tipo de imagem associada ao Suicídio.</p>	<p><u>Crítica</u></p> <p>(Categoria semelhante à já categorizada no ponto I)</p> <p><u>Coragem/Esperança</u></p> <p>(Nesta categoria inserem-se os conteúdos que remetem para uma imagem positiva e de esperança associada ao acto auto-destrutivo)</p> <p><u>Desistência/Satuação</u></p> <p>(Esta categoria é constituída pelos conteúdos que remetem para uma imagem de desistência/resignação, de satuação, de indiferença perante o acto suicidário)</p> <p><u>Apelo/Pedido de Ajuda</u></p> <p>(Integram esta categoria aquelas respostas que simbolizam um apelo, um pedido de ajuda por parte de quem comete o acto suicidário)</p>	<p>“Cobardia”; “Ingratidão”; “Condenável”</p> <p>“Coragem”; “Lutador”; “Vida é bela”</p> <p>“Cansada”; “Indiferença”; “Farto da vida”</p> <p>“Aviso/Alerta”; “Chamada de atenção”</p>

Quanto ao ponto **III**, relativa à **Descrição/Caracterização** da pessoa que comete Suicídio (“Imagine agora uma pessoa que se tenha **suicidado**; tente descrevê-la no que lhe parece que a caracteriza melhor. Como será ela? (...) Uma pessoa suicida é...”), os Católicos e Muçulmanos deram respostas passíveis de serem organizadas segundo as seguintes dimensões e categorias:

Dimensões	Categorias	Exemplos Conteúdos
<p>Dimensão Intra-Individual</p> <p>Nesta dimensão inserem-se todos os conteúdos que remetem para aspectos de natureza pessoal, interna e da vida psíquica do sujeito. As categorias desta dimensão são definidas em função dos diferentes tipos de Protótipos fornecidos pelos sujeitos da pessoa que comete Suicídio.</p>	<p><u>Afectos</u> (Categoria semelhante à já categorizada no ponto I)</p> <p><u>Incapacidade/Fragilidade Psicológica</u> (Categoria semelhante à já categorizada no ponto I)</p> <p><u>Doença/Perturbação Psicológica</u> (Categoria semelhante à já categorizada no ponto I)</p> <p><u>Desistência/Falta de Razões para viver</u> (Categoria semelhante à já categorizada no ponto I)</p> <p><u>Solidão</u> (Categoria semelhante à já categorizada no ponto I)</p> <p><u>Imagem Negativa</u> (Nesta categoria inserem-se os conteúdos que remetem para uma imagem negativa, a vários níveis, da pessoa que comete o acto suicidário)</p> <p><u>Imagem Positiva</u> (Esta categoria integra aquelas respostas que remetem para uma imagem positiva, a vários níveis, da pessoa que comete suicídio)</p>	<p>“Desesperada”; “Infeliz”; “Triste”</p> <p>“Fracá”; “Frágil”; “Frustrada”</p> <p>“Doença”; “Deprimida”; “Depressiva”</p> <p>“Cansada”; “Desistente”; “Vencida”</p> <p>“Só”</p> <p>“Cobarde”; “Egoísta”; “Criminosa”</p> <p>“Corajosa”; “Decidida”; “Valente/Forte”</p>
<p>Dimensão Inter-Individual</p> <p>Nesta dimensão inserem-se todas as definições relativas às áreas interpessoais, sociais e relacionais do indivíduo.</p>	<p><u>Dificuldades ao nível da Relação com os Outros</u></p> <p><u>Nível Social</u> (Categoria semelhante à já categorizada no ponto I)</p>	<p>“Introvertido”; “Falhada/Fracassada”; “Vítima”</p>

	<u>Nível Afectivo</u> (Categoria semelhante à já categorizada no ponto I)	“Incompreendida”; “Abandonado”; “Maltratada”
Dimensão Religiosa Fazem parte desta categoria os conteúdos que remetem para a Religião, para o que ela representa e para o que lhe está associado, quer com um carácter positivo, quer com um carácter negativo. Esta dimensão integra apenas uma categoria.	<u>Questão Espiritual</u>	“Pouco crente em Deus”; “Demasiado Crente”; “Religião”

Em relação ao ponto **IV**, referente às eventuais **Causas** que poderão estar por trás do acto suicida (“Pense, também, nas possíveis causas que poderão ter estado por trás do **Suicídio** cometido por uma pessoa. (...) As causas que poderão levar uma pessoa a cometer Suicídio são...”), os Católicos e os Muçulmanos deram respostas susceptíveis de constituir as seguintes dimensões e categorias:

Dimensões	Categorias	Exemplos Conteúdos
<p align="center">Causas Internas</p> <p>Dimensão que integra conteúdos que remetem para Causas do acto suicida de natureza pessoal, interna e da vida psíquica do indivíduo.</p>	<p><u>Afectos</u> (Categoria semelhante à já categorizada no ponto I)</p> <p><u>Incapacidade/Fragilidade Psicológica</u> (Categoria semelhante à já categorizada no ponto I)</p> <p><u>Doença/Perturbação Psicológica</u> (Categoria semelhante à já categorizada no ponto I)</p> <p><u>Desistência/Falta de Razões para viver</u> (Categoria semelhante à já categorizada no ponto I)</p> <p><u>Solidão</u> (Categoria semelhante à já categorizada no ponto I)</p>	<p>“Desespero”; “Desgosto”; “Medo”</p> <p>“Problemas”; “Incapacidade”; “Frustração”</p> <p>“Doença”; “Problemas Psicológicos”; “Loucura”</p> <p>“Falta de Objectivos”; “Farta da Vida”; “Desmotivação”</p> <p>“Solidão”; “Vazio”</p>
<p align="center">Causas Externas</p> <p>Dimensão constituída por conteúdos que remetem para causas do acto suicídio de natureza externa, relativas a áreas interpessoais, sociais e/ou relacionais do indivíduo, constituída por categorias que remetem quer para dificuldades ao <i>Nível da Socialização</i> quer para dificuldades ao <i>Nível da Relação com os outros</i>.</p>	<p><u>Dificuldades ao Nível da Socialização</u></p> <p><u>Exclusão Social</u> (Esta categoria integra aqueles conteúdos que remetem para a exclusão, a inadaptação a um nível social)</p> <p><u>Dificuldades Económicas</u> (Nesta categoria inserem-se os conteúdos que traduzem dificuldades a um nível económico, financeiro)</p> <p><u>Comportamentos Desviantes</u> (Esta categoria traduz comportamentos designados de desviantes)</p>	<p>“Exclusão”; “Problemas Sociais”; “Confrontos desiguais”</p> <p>“Problemas financeiros”; “Problemas profissionais”; “Desemprego”</p> <p>“Toxicoddependência”; “Álcool”</p>

<p style="text-align: center;">Causas Externas</p>	<p><i>Dificuldades ao Nível da Relação com os Outros</i></p> <p><u>Exclusão Afectiva</u> (Esta categoria reúne as respostas que remetem para a exclusão, o abandono e a incompreensão a um nível afectivo)</p> <p><u>Família</u> (Esta categoria remete para as dificuldades ao nível das relações no seio do sistema familiar)</p> <p><u>Amizade/Amor</u> (Integram esta categoria os conteúdos que se referem a dificuldades ao nível das relações amorosas e de amizade)</p> <p><u>Violência/Agressão</u> (Esta categoria inclui respostas que traduzem atitudes de violência, de maus-tratos)</p>	<p>“Incompreensão”; “Injustiça”; “Falta de amor”</p> <p>“Problemas Familiares”; “Maus-Tratos”; “Incompreensão Familiar”</p> <p>“Amor”; “Desilusões”; “Perda”</p> <p>“Maus-Tratos”; “Violentada”; “Tortura”</p>
<p style="text-align: center;">Imagens associadas ao Suicídio</p> <p>Nesta dimensão inserem-se todas os objectivos, significados e/ou qualquer outro tipo de imagem associada ao Suicídio.</p>	<p><u>Crítica</u> (Categoria semelhante à já categorizada no ponto I)</p> <p><u>Vingança/Desafio</u> (Esta categoria é composta pelos conteúdos que remetem para o Suicídio como uma Vingança ou um Desafio)</p> <p><u>Fuga/Saída</u> (Categoria semelhante à já categorizada no ponto I)</p> <p><u>Apelo/Pedido de Ajuda</u> (Integram esta categoria aquelas respostas que simbolizam um apelo, um pedido de ajuda por parte de quem comete o acto suicidário)</p>	<p>“Cobardia”; “Irreflectido”; “Falta de Respeito”</p> <p>“Desejo de castigar”; “Enfrentar a morte”</p> <p>“Fuga”; “Saída/Solução”; “Fim”</p> <p>“Chamar a atenção”; “Manifestação”; “Fazer-se notado”</p>
<p style="text-align: center;">Causas Religiosas</p> <p>Dimensão que integra conteúdos que remetem para causas do acto suicida de natureza religiosa ou espiritual quer com um carácter positivo como negativo. Esta dimensão integra apenas uma categoria.</p>	<p><u>Questão Espiritual</u></p>	<p>“Religião”; “Falta de Fé”; “Falta de Confiança em Deus e em si”</p>

Quanto ao ponto V, relativa aos **Pensamentos** despoletados nas pessoas pelo Terrorismo (“Quando pensa em **Terrorismo** vêm-lhe à ideia algumas coisas. (...) O Terrorismo faz-me pensar em...”), os Católicos e os Muçulmanos deram respostas susceptíveis de serem enquadradas nas seguintes dimensões e categorias:

Dimensões	Categorias	Exemplos Conteúdos
<p>Dimensão Intra-Individual</p> <p>Nesta dimensão inserem-se todos os conteúdos que remetem para aspectos de natureza pessoal, interna e da vida psíquica do sujeito. Podem-se inserir nesta dimensão várias categorias, uma vez que se trata de uma dimensão bastante abrangente.</p>	<p><u>Afectos</u></p> <p>(Categoria que remete para os <i>Afectos</i> suscitados no sujeito pelo Terrorismo)</p> <p><u>Fragilidade/Perturbação Psicológica</u></p> <p>(Inserem-se nesta categoria todos os conteúdos que digam respeito à incapacidade, fragilidade e/ou perturbação do foro físico ou psicológico, e dos sentimentos que daí advém)</p>	<p>“Medo”; “Sofrimento”; “Revolta”</p> <p>“Loucura”; “Incapacidade”; “Confusão”</p>
<p>Dimensão Inter-Individual</p> <p>Nesta dimensão inserem-se os conteúdos relativos aos contextos sociais, políticos e culturais do indivíduo.</p>	<p><u>Contexto Social</u></p> <p>(Nesta categoria inserem-se os conteúdos que remetem para as condições sociais associadas ao terrorismo)</p> <p><u>Contexto Político</u></p> <p>(Esta categoria remete para as condições políticas associadas ao terrorismo)</p>	<p>“Injustiça”; “Intolerância”; “Pobreza”</p> <p>“Ditadura/Ocupação”; “Fundamentalismo”; “Política”</p>
<p>Imagens associadas ao Terrorismo</p> <p>Nesta dimensão entram todas as respostas que traduzam os objectivos, os significados e/ou qualquer outro tipo de imagem associada ao Terrorismo.</p>	<p><u>Crítica</u></p> <p>(Nesta categoria incluem-se todas as unidades de registo que revelem uma atitude de incompreensão, juízo, censura ou mesmo hostilidade)</p> <p><u>Contexto de Morte/Violência</u></p> <p>(Nesta categoria inserem-se os conteúdos que descrevem um cenário de guerra, morte e destruição)</p> <p><u>Apelo/Pedido de Ajuda</u></p> <p>(Integram esta categoria aquelas respostas que simbolizam um apelo, um pedido de ajuda por parte de quem comete o acto terrorista)</p> <p><u>Vingança</u></p> <p>(Integram esta categoria os conteúdos que remetem para o</p>	<p>“Fanatismo”; “Cobarde”; “Ignorância”</p> <p>“Morte”; “Destruição”; “Violência”</p> <p>“Chamada de atenção”; “Pedido de ajuda”; “Haver uma razão, um motivo”</p> <p>“Vingança”; “Fazer mal à Humanidade”</p>

	terrorismo como uma Vingança) <i>Protagonistas</i> (Esta categoria é composta pelas respostas que identificam os protagonistas normalmente associados ao terrorismo)	“Árabes”; “América”; “Bin Laden”
Dimensão Religiosa Fazem parte desta categoria os conteúdos que remetem para a Religião, para o que ela representa e para o que lhe está associado, quer com um carácter positivo, quer com um carácter negativo. Esta dimensão integra apenas uma categoria.	<i>Questão Espiritual</i>	“Religião”; “Fundamentalismo Religioso”; “Pecado”

Relativamente ao ponto **VI**, referente aos **Sentimentos** suscitados nas pessoas pela temática do Terrorismo (“Quando pensa em **Terrorismo** também sente algumas coisas. (...) O Terrorismo faz-me sentir...”), os Católicos e os Muçulmanos deram respostas passíveis de se enquadrarem nas seguintes dimensões e categorias:

Dimensões	Categorias	Exemplos Conteúdos
<p>Dimensão Intra-Individual</p> <p>Nesta dimensão inserem-se todos os conteúdos que remetem para aspectos de natureza pessoal, interna e da vida psíquica do sujeito. As categorias desta dimensão são definidas em função dos diferentes tipos de Sentimentos suscitados nos sujeitos pelo fenómeno em questão (Terrorismo).</p>	<p><u>Sentimentos de Pena/Compaixão</u> (Categoria semelhante à já categorizada no ponto II)</p> <p><u>Sentimentos Agressivos</u> (Categoria semelhante à já categorizada no ponto II)</p> <p><u>Sentimentos de Medo/Angústia</u> (Categoria semelhante à já categorizada no ponto II)</p> <p><u>Sentimentos de Tristeza/Dor</u> (Categoria semelhante à já categorizada no ponto II)</p> <p><u>Sentimentos de Surpresa/Incompreensão</u> (Categoria semelhante à já categorizada no ponto II)</p> <p><u>Sentimentos de Incapacidade/Impotência</u> (Categoria semelhante à já categorizada no ponto II)</p> <p><u>Sentimentos de Preocupação/Inquietação</u> (Esta categoria reúne os conteúdos que remetem para sentimentos de preocupação, inquietação face ao Terrorismo)</p> <p><u>Doença/Perturbação Psicológica</u> (Categoria semelhante à já categorizada no ponto II)</p>	<p>“Pena”; “Compreensão”; “Solidariedade”</p> <p>“Revolta”; “Raiva”; “Ódio”</p> <p>“Medo”; “Insegurança”; “Angústia”</p> <p>“Tristeza”; “Dor”; “Sofrimento”</p> <p>“Incompreensão”; “Perplexo”; “Choque”</p> <p>“Impotente”; “Incapaz”; “Insignificante”</p> <p>“Preocupado”; “Pensativo”; “Apreensiva”</p> <p>“Confusão”; “Melancolia”; “Deprimida”</p>
<p>Dimensão Inter-Individual</p> <p>Nesta dimensão inserem-se todas as definições relativas às áreas interpessoais, sociais e relacionais do indivíduo, assim como conteúdos relativos aos contextos sociais, políticos e culturais do indivíduo.</p>	<p><u>Dificuldades ao Nível da Relação com os Outros</u> (Categoria onde se integram aqueles conteúdos que remetem para as dificuldades do indivíduo ao nível das suas relações interpessoais)</p>	<p>“Desconfiança”; “insatisfeito”; “Injustiça”</p>

	<p><u>Contexto Político</u> (Esta categoria remete para as condições políticas associadas ao terrorismo)</p>	<p>“Defesa”; “Discordância”; “Anti-Americano”</p>
<p>Imagens associadas ao Terrorismo</p> <p>Nesta dimensão entram todas as respostas que traduzam os objectivos, os significados e/ou qualquer outro tipo de imagem associada ao Terrorismo.</p>	<p><u>Crítica/Imagem Negativa</u> (Categoria que integra conteúdos que revelam uma atitude de incompreensão, juízo, censura ou mesmo hostilidade, e/ou traduzem uma imagem negativa do terrorismo)</p> <p><u>Contexto de Violência</u> (Nesta categoria inserem-se os conteúdos que descrevem um cenário de Violência/ Destruição)</p>	<p>“Falta de Sentimentos”; “Fanatismo”; “Ignorância”</p> <p>“Violência”; “Destruição”; “Crime”</p>

Quanto ao ponto VII, relativa à **Descrição/Caracterização** da pessoa que comete um acto terrorista (“Imagine agora uma pessoa que morre para concretizar uma acção considerada como terrorista (designado de “homem-bomba”). Tente descrevê-la no que lhe parece que a caracteriza melhor. Como será ela? (...) Uma pessoa que morre para concretizar uma acção considerada como terrorista é...”), os Católicos e os Muçulmanos deram respostas passíveis de constituir as seguintes dimensões e categorias:

Dimensões	Categorias	Exemplos Conteúdos
<p>Dimensão Intra-Individual</p> <p>Nesta dimensão inserem-se todos os conteúdos que remetem para aspectos de natureza pessoal, interna e da vida psíquica do sujeito. As categorias desta dimensão são definidas em função dos diferentes tipos de Protótipos fornecidos pelos sujeitos da pessoa que comete um acto terrorista.</p>	<p><u>Afectos</u> (Categoria semelhante à já categorizada no ponto III)</p> <p><u>Incapacidade/Fragilidade Psicológica</u> (Categoria semelhante à já categorizada no ponto III)</p> <p><u>Doença/Perturbação Psicológica</u> (Categoria semelhante à já categorizada no ponto III)</p> <p><u>Imagem Negativa</u> (Categoria semelhante à já categorizada no ponto III)</p> <p><u>Imagem Positiva</u> (Categoria semelhante à já categorizada no ponto III)</p>	<p>“Revoltado”; “Desesperada”; “Triste”</p> <p>“Frustrado”; “Problemática”; “Frágil”</p> <p>“Louco/Maluco”; “Doente”; “Traumatizado”</p> <p>“Fanático”; “Estúpido/Idiota”; “Extremista”</p> <p>“Corajoso”; “Mártir”; “Herói”</p>
<p>Dimensão Inter-Individual</p> <p>Nesta dimensão inserem-se todas as definições relativas às áreas interpessoais, sociais e relacionais do indivíduo, assim como conteúdos relativos aos contextos sociais, políticos e culturais do indivíduo.</p>	<p><u>Dificuldades ao Nível da Relação com os Outros</u> (Categoria onde se integram aqueles conteúdos que remetem para as dificuldades do indivíduo ao nível das suas relações interpessoais)</p> <p><u>Contexto Político/Social</u> (Esta categoria remete para as condições políticas e sociais associadas ao terrorismo)</p> <p><u>Influência/Manipulação</u> (Entram nesta categoria as unidades de registo referentes à influência/manipulação, à educação e/ou conceito de vida que a pessoa que comete o acto suicida é sujeita)</p>	<p>“Vítima”; “Fechada no seu mundo”; “Anti-Social”</p> <p>“Fundamentalista”; “Idealista”; “Pertença a um grupo”</p> <p>“Influenciado”; “Manipulado”; “Educado para”</p>

<p>Imagens associadas ao Terrorismo</p> <p>Nesta dimensão entram todas as respostas que traduzam os objectivos, os significados e/ou qualquer outro tipo de imagem associada ao Terrorismo. Esta dimensão integra apenas uma categoria.</p>	<p><u>Protagonistas</u></p> <p>(Esta categoria é composta pelas respostas que identificam os protagonistas normalmente associados ao terrorismo)</p>	<p>“Árabe”; “Suicida”; “Palestiniano”</p>
<p>Dimensão Religiosa</p> <p>Fazem parte desta categoria os conteúdos que remetem para a Religião, para o que ela representa e para o que lhe está associado, quer com um carácter positivo, quer com um carácter negativo. Esta dimensão integra apenas uma categoria.</p>	<p><u>Questão Espiritual</u></p>	<p>“Crentes”; “Religião”; “Pensa na vida para além da morte”</p>

Em relação ao ponto **VIII**, referente às possíveis **Causas** que poderão estar por trás do acto terrorista (“Pense, também, nas possíveis causas que poderão ter estado por trás do **acto terrorista**. (...) As causas que poderão levar uma pessoa a dar a sua vida para concretizar um acto terrorista são...”), os Católicos e os Muçulmanos deram respostas susceptíveis de serem enquadradas nas seguintes dimensões e categorias:

Dimensões	Categorias	Exemplos Conteúdos
<p style="text-align: center;">Causas Internas</p> <p>Dimensão que integra conteúdos que remetem para Causas do acto terrorista de natureza pessoal, interna e da vida psíquica do indivíduo.</p>	<p><u>Afectos</u> (Categoria semelhante à já categorizada no ponto IV)</p> <p><u>Incapacidade/Perturbação Psicológica</u> (Inserem-se nesta categoria todos os conteúdos que digam respeito à incapacidade, fragilidade e/ou perturbação do foro físico ou psicológico, e dos sentimentos que daí advém)</p> <p><u>Desistência/Falta de Razões para viver</u> (Categoria semelhante à já categorizada no ponto IV)</p>	<p>“Ódio”; “Desespero”; “Revolta”</p> <p>“Loucura”, “Incapacidade”; “Causas Psíquicas”</p> <p>“Não tem nada a perder/temer”; “Sem objectivos”; “Falta de sentido de vida”</p>
<p style="text-align: center;">Causas Externas</p> <p>Esta dimensão é constituída por conteúdos que remetem para Causas do acto terrorista de natureza externa, relativas às áreas interpessoais, sociais e relacionais do indivíduo, assim como conteúdos relativos aos contextos sociais/familiares, políticos e culturais do indivíduo.</p>	<p><u>Causas Pessoais/Familiares</u> (Esta categoria integra conteúdos referentes a causas de natureza pessoal e/ou familiar)</p> <p><u>Dificuldades ao Nível da Relação com os Outros</u> (Categoria onde se integram aqueles conteúdos que remetem para as dificuldades do indivíduo ao nível das suas relações interpessoais)</p> <p><u>Contexto Social</u> (Esta categoria remete para as condições sociais associadas ao terrorismo)</p> <p><u>Contexto Político</u> (Esta categoria remete para as condições políticas associadas ao terrorismo)</p> <p><u>Influência/Manipulação</u> (Entram nesta categoria as unidades de registo referentes à influência/manipulação, à</p>	<p>“Morte dos pais ou entes queridos”; “Causas Pessoais”; “Família”</p> <p>“Incompreensão”; “Falta de abertura”; “Falta de atenção”</p> <p>“Injustiça”; “Educação”; “Pobreza”</p> <p>“Lutar por uma causa, um ideal”; “Causas Políticas”; “Fundamentalismo”</p> <p>“Lavagem Cerebral”; “Influência”; “Ilusão”</p>

	educação e/ou conceito de vida que a pessoa que comete o acto suicida é sujeita)	
<p>Imagens associadas ao Terrorismo</p> <p>Nesta dimensão entram todas as respostas que traduzam os objectivos, os significados e/ou qualquer outro tipo de imagem associada ao Terrorismo.</p>	<p><u><i>Crítica/Imagem Negativa</i></u> (Categoria que integra conteúdos que revelam uma atitude de incompreensão, juízo, censura ou mesmo hostilidade, e/ou traduzem uma imagem negativa do terrorismo)</p> <p><u><i>Imagem Positiva</i></u> (Esta categoria integra aquelas respostas que remetem para uma imagem positiva, a vários níveis, da pessoa que comete suicídio)</p> <p><u><i>Apelo/Pedido de Ajuda</i></u> (Categoria semelhante à já categorizada no ponto IV)</p> <p><u><i>Vingança</i></u> (Esta categoria é composta pelos conteúdos que remetem para o Suicídio como uma Vingança)</p> <p><u><i>Ser Mártir</i></u> (Esta categoria reúne aqueles conteúdos que traduzem uma imagem heróica, de mártir, e/ou um reconhecimento do acto terrorista)</p> <p><u><i>Ameaça/Destruição</i></u> (Nesta categoria entram as respostas que evoquem substâncias e/ou imagens de destruição e auto-destruição)</p> <p><u><i>Esperança de Mudança</i></u> (Inserem-se nesta categoria aqueles conteúdos que remetem para uma esperança por uma mudança, por algo melhor)</p>	<p>“Fanatismo”; “Extremismo”; “Maldade”</p> <p>“Persuasiva”; “Fidelidade”; “Incentivado”</p> <p>“Chamada de atenção”; “Forma de manifestação”; “Querer que os outros compreendam o que os seus sofrem”</p> <p>“Vingança”; “Causar Pânico”, “Eliminar o inimigo”</p> <p>“Ser herói”; “Ser mártir”, “Reconhecimento”</p> <p>“Destruição”, “Desgraça”; “Suicídio”</p> <p>“Esperança vida/mundo melhor”; “Esperança”</p>
<p>Causas Religiosas</p> <p>Dimensão que integra conteúdos que remetem para causas do acto suicida de natureza religiosa ou espiritual quer com um carácter positivo como negativo. Esta dimensão integra apenas uma categoria.</p>	<p><u><i>Questão Espiritual</i></u></p>	<p>“Religião”; “Fanatismo Religioso”; “Crença”</p>

Quanto à questão aberta da 3ª parte do questionário, relativa à *importância* (ou não) *da Religião para a ausência de Ideação Suicida* (“Na sua opinião, a sua religião ajuda-o a não ter ideias de suicídio? Porquê?”), uma primeira análise do conteúdo das suas respostas permitiu a construção das seguintes dimensões e categorias:

Dimensões	Categorias	Exemplos Conteúdos
<p>Dimensão mais Humana</p> <p>Esta dimensão remete para os benefícios da religião para a vida, para o dia-a-dia das pessoas, na medida em que as ajudam a ultrapassar os obstáculos, os maus momentos menos bons da sua vida.</p>	<p><u>Dá Ajuda/Suporte</u> (Esta categoria integra os conteúdos que remetem para a Religião como algo que dá ajuda e suporte ao indivíduo)</p> <p><u>Dá Força/Esperança</u> (Esta categoria integra os conteúdos que remetem para a Religião como algo que dá força e esperança ao indivíduo)</p> <p><u>Dá Sentido/Significado à Vida</u> (Esta categoria integra os conteúdos que remetem para a Religião como algo que dá sentido e significado à vida do indivíduo)</p> <p><u>Acalma/Ajuda a Reflectir</u> (Esta categoria integra os conteúdos que remetem para a Religião como algo que acalma o indivíduo e o ajuda a reflectir)</p>	<p>“Ensina que, por pior que nos sintamos, nunca estamos sós”; “É um porto de abrigo, em escape”; “Ajuda-nos a superar as nossas dificuldades/angústias”</p> <p>“Não desistir, temos de lutar/enfrentar os problemas”; “Dá força, coragem”; “Dá/mantém a esperança”</p> <p>“Atribui um sentido à vida”; “Dá-nos objectivos, um ideal a seguir”; “Faz com que não perca a vontade de viver”</p> <p>“Ajuda a ter calma, paciência”; “Religião que apela à paz, à harmonia, nos ensina a boa conduta, amar o próximo, respeitar e conviver com as diferenças”</p>
<p>Dimensão mais Divina</p> <p>Esta dimensão remete para um carácter mais divino da religião.</p>	<p><u>Vida como algo bom, sagrado</u> (Inserem-se nesta categoria os conteúdos que remetem para a Religião como algo que dá sacralidade à vida)</p> <p><u>Existência de algo Divino/ Superior</u> (Inserem-se nesta categoria os conteúdos que remetem para a Religião como algo que dá sacralidade à vida e faz acreditar na existência de algo superior)</p>	<p>“Promove a vida/vida como um dom sagrado”; “Não há nada melhor do que estar vivo”; “Deus é amor/vida”</p> <p>“Apenas Deus tem direito a tirar a vida, não temos esse direito”; “Cabe-nos esperar pela hora certa”; “Acreditar em Deus”</p>

<p>Imagens associadas ao Suicídio</p> <p>Nesta dimensão entram todas as respostas que traduzam os objectivos, os significados e/ou qualquer outro tipo de imagem associada ao Suicídio.</p>	<p><u><i>Crítica/Imagem Negativa</i></u> (Categoria semelhante à já categorizada no ponto VIII)</p> <p><u><i>Contrário à Religião</i></u> (Esta categoria reúne os conteúdos que remetem para o Suicídio como algo que vai contra a religião, como uma imagem contrária à Religião)</p>	<p>“Suicídio é pecado”; “Suicídio é proibido”; “Abomina/condena o suicídio”</p> <p>“Deus não nos dá essas ideias”; “Religião abomina/condena o suicídio”; “Deus não gosta”</p>
--	--	--

2. Apresentação, Análise e Discussão dos Resultados

Para uma melhor compreensão dos resultados obtidos, vai-se proceder à sua análise e discussão em quatro partes distintas.

Na primeira parte proceder-se-á à apresentação e à análise dos resultados obtidos na 3ª Parte do questionário, referente às vivências/experiências pessoais dos indivíduos em estudo relativamente ao fenómeno do Suicídio.

Na segunda parte vão-se apresentar e discutir os resultados obtidos na 1ª e 2ª Partes do questionário, que remete para os *Pensamentos, Sentimentos, Protótipos, Causas e Metáforas* despoletados nos Católicos e Muçulmanos pela temática do **Suicídio**. Vai-se começar por analisar os resultados encontrados através da análise estatística, que permitirá confirmar ou infirmar a existência de diferenças estatisticamente significativas entre os grupos em função da variável independente considerada neste estudo (**Religião – Católicos/Muçulmanos**). Neste processo, irá-se recorrer, simultaneamente, à análise descritiva dos dados que, através da comparação das distribuições percentuais obtidas em cada dimensão e categoria de respostas, permitirá perceber as tendências das discrepâncias ou semelhanças inter-grupais.

Na terceira parte vai-se passar a apresentar e a discutir os resultados obtidos na questão aberta da 3ª Parte do questionário, relativa à importância (ou não) da Religião na ausência de ideação suicida.

Na quarta parte vão-se apresentar e discutir, por sua vez, os resultados obtidos na 1ª e 2ª Parte do questionário, que remete para os *Pensamentos, Sentimentos, Protótipos, Causas e Metáforas* suscitados nos Católicos e nos Muçulmanos pelo fenómeno do **Terrorismo**.

Vai-se seguir a mesma metodologia de análise da segunda parte nas últimas duas partes.

2.1 Apresentação e Discussão dos Resultados relativos à Temática do Suicídio

2.1.1 Experiência/Vivência Pessoal do Suicídio

De acordo com o estipulado anteriormente, vai-se começar por analisar os resultados relativos à *Experiência/Vivência Pessoal* dos Católicos e dos Muçulmanos do fenómeno do *Suicídio*.

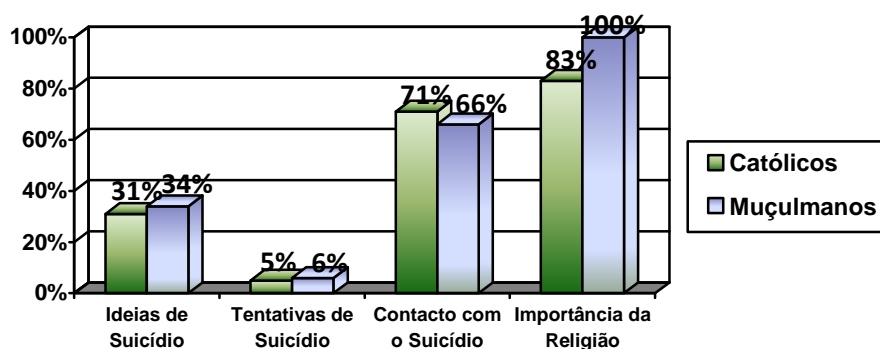


Gráfico 1: Distribuição das Percentagens relativas à existência de *Ideias* e de *Tentativas de Suicídio*, ao *Contacto* com o fenómeno do *Suicídio* e à *Importância da Religião na ausência de Ideação Suicida* nos Católicos e nos Muçulmanos (n=74)

Pela observação do **Gráfico 1**, não se constata grandes diferenças entre os dois grupos religiosos no que diz respeito à percentagem de *Ideias* e de *Tentativas de Suicídio* e ao *Contacto* que os indivíduos que participaram neste estudo tiveram com o *Suicídio*. O único valor que parece diferir entre os dois grupos é o referente à *importância* atribuída por cada um deles à sua *Religião* na ausência de *Ideação Suicida* – enquanto que todos os Muçulmanos consideraram que a sua *Religião os ajuda a não ter Ideias de Suicídio*, apenas 83% dos Católicos parece considerar o mesmo. O resultado obtido pela Estatística de Teste (χ^2) realizada (para um *alpha* de 5%, com 1 grau de liberdade) suporta estes dados, na medida em que se encontraram diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos religiosos em estudo ($pvalue=0,009 < 0,05=\alpha$).

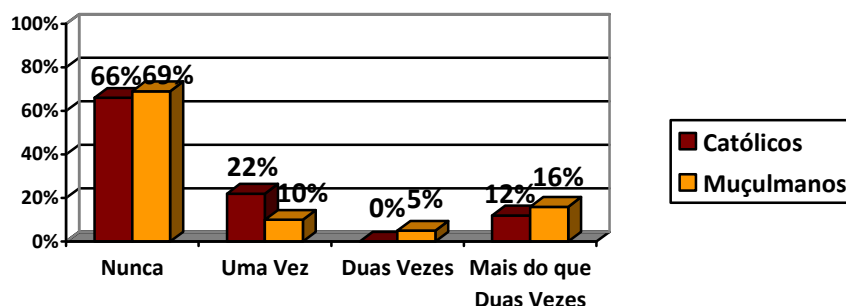


Gráfico 2: Percentagens referentes à existência de *Ideias de Suicídio* nos Católicos e nos Muçulmanos (n=74)

Pela análise do **Gráficos 2**, pode-se verificar que a percentagem de *Ideias de Suicídio* presente em cada uma das amostras em estudo é semelhante (34% nos Católicos e 31% nos Muçulmanos), diferindo apenas na quantidade de vezes que a pessoa teve Ideias Suicidas (uma, duas ou mais do que duas vezes).

	Católicos		Muçulmanos	
	Homens (%)	Mulheres (%)	Homens (%)	Mulheres (%)
Nunca	56	77	82	47
Uma Vez	13	8	18	27
Duas Vezes	---	8	---	---
Mais do que Duas Vezes	31	8	---	27
Total	100%	100%	100%	100%

Tabela 1: Distribuição das Percentagens relativas à existência de *Ideias de Suicídio* nos Homens e nas Mulheres, tanto Católicos como Muçulmanos (n=74)

Pela análise da **Tabela 1**, que apresenta os resultados obtidos pela Estatística Descritiva realizada aos dados das duas amostras quanto à existência (ou não) de *Ideias de Suicídio*, pode-se ainda verificar que, nos Católicos, foram os homens que mais tiveram *Ideias de Suicídio* (44%), 31% dos quais mais do que duas vezes, enquanto que, nos Muçulmanos, foram as mulheres que mais manifestaram ter tido *Ideias de Suicídio* (54%), quer uma ou mais do que duas vezes.

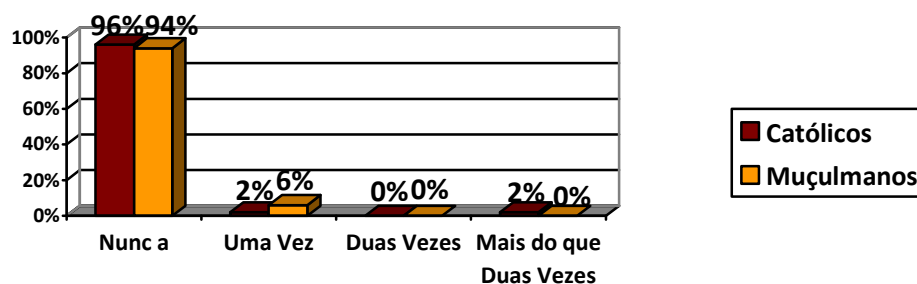


Gráfico 3: Percentagens referentes à existência de *Tentativas de Suicídio* nos Católicos e nos Muçulmanos (n=74)

Relativamente à percentagem de *Tentativas de Suicídio* (Gráfico 3) realizadas nas duas amostras em estudo, também não se verificam grandes diferenças entre *Católicos* e *Muçulmanos*, apesar de nestes a percentagem de *Tentativas de Suicídio* ser ligeiramente maior.

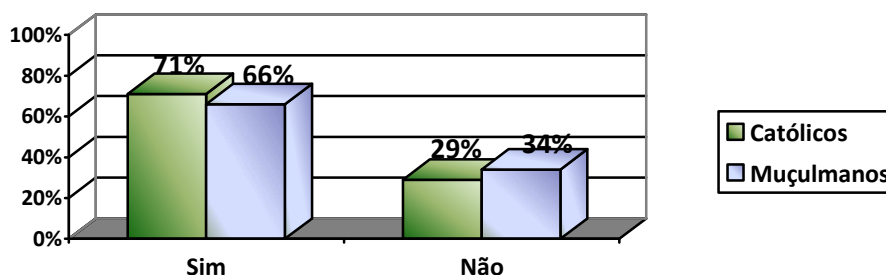


Gráfico 4: Percentagens referentes ao *Contacto* dos Católicos e dos Muçulmanos com o fenómeno do *Suicídio* (N=74)

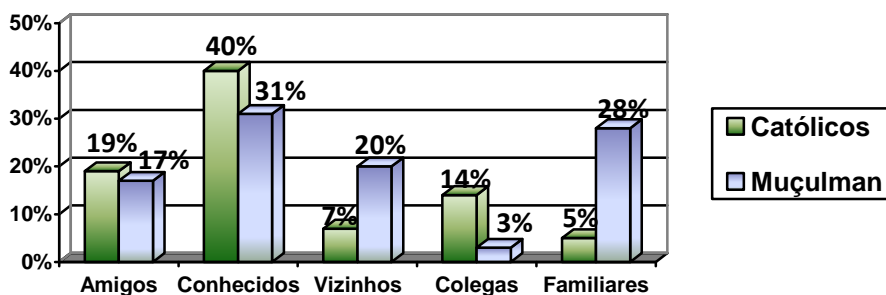


Gráfico 5: Distribuição das percentagens referentes ao *Contacto* dos Católicos e dos Muçulmanos com o fenómeno do *Suicídio* através de *Amigos, Conhecidos, Vizinhos, Colegas e Familiares* (n=74)

Com base na análise dos **Gráficos 4 e 5**, pode-se constatar que mais de metade dos sujeitos que participaram neste estudo tiveram **Contacto** directo, mais ou menos próximo, com o **Suicídio**, contacto esse superior no grupo dos Católicos (71%). Pode-se, também, avaliar o grau de proximidade desse contacto através do **Gráfico 8**, onde se pode observar que os Católicos tiveram **contacto** com o **Suicídio** principalmente através de *Conhecidos, Amigos e Colegas*, tratando-se, na sua maioria, de relações mais formais, à excepção das relações de amizade. Os Muçulmanos, por sua vez, tiveram **contacto** com o **Suicídio** principalmente através de *Conhecidos, Familiares, Vizinhos e Amigos*, tratando-se, no caso dos elementos da família e das relações de amizade, de relações mais próximas e intimistas.

2.1.2 Importância atribuída à Religião na ausência de Ideação Suicida

Aqui vão-se apresentar e discutir os resultados obtidos na questão aberta da **3ª Parte** do questionário, que remete para a importância (ou não) que os Católicos e os Muçulmanos atribuem à respectiva Religião no sentido em que os ajuda a não ter Ideias de Suicídio.

	Categorias	Católicos	Muçulmanos	χ^2
		%	%	p value
Dimensão Humana	Dá Ajuda/Suporte	12,0	2,0	0,004
	Dá Força/Esperança	34,7	11,8	0,001
	Dá Sentido/Significado à Vida	10,7	0,0	0,011
	Acalma/Orienta a conduta	4,0	5,9	1,000
	Sub-Total	61,3%	19,7%	
Dimensão Divina	Vida como algo bom, Sagrado	18,7	3,9	0,123
	Existência de algo Divino/Superior	10,7	23,5	0,485
	Sub-Total	29,4%	27,4%	
Imagens associadas ao Suicídio	Crítica/Imagem Negativa	5,3	43,1	0,000
	Contrário à Religião	4,0	9,8	0,095
	Sub-Total	9,3%	52,9%	
	Total	100,0%	100,0%	

Tabela 2: Resultados relativos às razões pelas quais os Católicos e os Muçulmanos consideraram que a sua **Religião** os ajuda a não ter **Ideias de Suicídio** (n=74)

Pela observação dos resultados fornecidos pela Estatística de Teste (χ^2) apresentados na **Tabela 2**, que remete para as respostas dadas à questão aberta “*Na sua opinião, a sua Religião ajuda-o a não ter Ideias de Suicídio?*”, pode-se constatar que, para um *alpha* de 5%, com 1 grau de liberdade, se registam diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos religiosos em duas das três dimensões de resposta consideradas (***Dimensão mais Humana e Imagens associadas ao Suicídio***), nomeadamente ao nível das categorias *Dá Ajuda/Suporte* (pvalue=0,004 < 0,05= α), *Dá Força/Esperança* (pvalue=0,001 < 0,05= α), *Dá Sentido/Significado à Vida* (pvalue=0,011 < 0,05= α) e *Crítica/Imagem Negativa* (pvalue=0,000 < 0,05= α). Observando-se também a distribuição percentual que estas categorias assumem em ambos os grupos, verifica-se que são os Católicos que atribuem maior relevância à ***Dimensão mais Humana*** da **Religião**, na medida em que a consideram como algo que *dá Força, Esperança, Ajuda e Suporte* à pessoa para ultrapassar as dificuldades, os obstáculos com que se depara na sua vida, dando-lhe um outro *sentido/significado*; por sua vez, são os Muçulmanos que evocam, essencialmente, uma *Imagem negativa, crítica* do Suicídio.

Com base nestes resultados, pode-se considerar que a **Religião** parece influenciar a forma como as pessoas que colaboraram neste estudo vêem o fenómeno do Suicídio e tudo o que o envolve, apesar de essa influência ser diferente nas duas religiões aqui consideradas. Parece que o facto de a sua **Religião** proibir, condenar e criticar o Suicídio e de remeter a decisão, a hora da morte apenas para a vontade de uma entidade superior/divina, de seu nome Deus ou Alá, assume uma maior importância para os Muçulmanos, o que os leva a tomar uma atitude mais crítica perante o acto de suicídio, considerando-o como um sacrilégio, um *pecado* e um acto que vai *contra* a sua religião. Consideram que o facto de a sua **Religião** o proibir e condenar é suficiente para as pessoas não terem ideias de suicídio. Os Católicos também consideram que a **Religião** desempenha um papel importante no sentido de a pessoa não ter ideias de suicídio; no entanto, acham que a **Religião** desempenha esse papel porque *ajuda*, dá um *suporte, força e esperança* à pessoa, atribui um *sentido*, um *significado* e até uma certa sacralidade à sua vida, fazendo-a acreditar na *existência de algo divino/superior* que a acompanha e a apoia no seu percurso.

2.1.3 Representação Social do Suicídio

Vai-se passar a analisar e a discutir os resultados referentes à Representação Social que os Católicos e os Muçulmanos têm da temática do **Suicídio**, tendo em conta os parâmetros considerados neste estudo (*Pensamentos, Sentimentos, Protótipos, Causas e Metáforas*).

Categorias		Católicos	Muçulmanos	χ^2	
		%	%	p value	
Dimensão Intra-Individual	Afectos	32,3	40,8	1,000	
	Doença/Perturbação Psicológica	13,6	7,5	0,017	
	Falta de Razões para Viver	5,1	4,2	0,828	
	Incapacidade/Fragilidade Psicológica	5,6	7,5	0,906	
	Solidão	5,6	5,0	0,495	
Sub-Total		62,1%	65%		
Dimensão Inter-Individual	Dificuldades ao Nível da Relação com o Outro	Nível Social	2,5	4,2	1,000
		Nível Afectivo	7,6	3,3	0,045
	Sub-Total		10,1%	7,5%	
Imagens associadas ao Suicídio	Crítica	5,1	12,5	0,424	
	Ilusão Romântica	4,5	3,3	0,242	
	Morte/Fim	9,1	5,8	0,017	
	Dependências	1,5	0,8	1,000	
	Fuga/Saída	5,1	2,5	0,347	
	Ausência Saída/Solução	1,0	0,8	1,000	
Sub-Total		26,3%	25,8%		
Dimensão Religiosa	Questão Espiritual	1,5	1,7	1,000	
	Sub-Total		1,5%	1,7%	
Total		100,0%	100,0%		

Tabela 3: Resultados relativos aos **Pensamentos** despoletados pelo **Suicídio** nos Católicos e nos Muçulmanos (n=74)

Pela análise geral da **Tabela 3** não se verificam grandes diferenças percentuais quanto à **Componente Cognitiva** da Representação Social que os dois grupos religiosos têm do Suicídio. Ambos evocam, na sua maioria, conteúdos ligados a uma **Dimensão Intra-Individual** (*Afectos, Doença/Perturbação Psicológica*) e conteúdos que remetem para uma imagem *Crítica* e de *Morte/Fim* do fenómeno do Suicídio. Mais especificamente, os Católicos

evocam maioritariamente *Afectos* como o “Desespero”, o “Sofrimento” e a “Angústia”, e conteúdos que remetem para a *Doença/Perturbação Psicológica* (“Doença”, “Depressão”, “Loucura”, etc). Já os Muçulmanos evocam, na sua maioria, *Afectos* como o “Desespero”, a “Tristeza” e o “Medo”, e conteúdos que reflectem uma imagem *Crítica* do Suicídio (“Cobardia”, “Falta de Coragem”, “Absurdo”, etc).

Através da observação dos resultados fornecidos pela Estatística de Teste (χ^2) apresentados na **Tabela 3**, constata-se que, ao nível dos **Pensamentos** despoletados pela temática do Suicídio, para um *alpha* de 5%, com 1 grau de liberdade, se registam diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos em três das quatro dimensões de resposta consideradas – ***Dimensão Intra-Individual***, ***Dimensão Inter-Individual*** e ***Imagens associadas ao Suicídio***, mais especificamente ao nível das categorias *Doença/Perturbação Psicológica* (pvalue=0,017 < 0,05= α), *Dificuldades ao Nível da Relação com o Outro – Nível Afectivo* (pvalue=0,045 < 0,05= α) e *Morte/Fim* (pvalue=0,017 < 0,05= α), respectivamente.

Complementando estes dados com a distribuição percentual que estas categorias assumem em ambos os grupos, verifica-se que são os Católicos que dão maior relevância a estes aspectos do universo interno e relacional do suicida, demonstrando uma postura e uma leitura mais compreensiva deste fenómeno.

Os conteúdos de índole ***Intra-Individual*** e os que remetem para o Suicídio como *Morte/Fim* significativamente identificados neste estudo vão de encontro aos evocados noutros estudos desenvolvidos neste campo das Representações Sociais do Suicídio (Sampaio, Oliveira, Vinagre, Gouveia-Pereira, Santos & Ordaz, 2000; Ordaz, Vinagre, Santos, Gouveia-Pereira, Oliveira & Sampaio 2003; Correia, 2004) e aos identificados/sinalizados na literatura escrita sobre o tema em estudo (Braconnier & Marcelli, 2000; Areal, 1996; Fleischmann & Bertolote, 2000; www.spsuicidologia.pt). As questões relacionadas com a ***Dimensão Inter-Individual*** do Suicídio, nomeadamente com as *Dificuldades ao Nível da Relação com o Outro*, também são evocadas pelos dois grupos em estudo (principalmente pelos Católicos), mas numa percentagem inferior à que seria esperada, tendo em conta que nos estudos desenvolvidos por vários autores neste âmbito as pessoas em estudo, na sua maioria adolescentes, evocaram bastantes pensamentos e ideias referentes a uma ***Dimensão Inter-Individual*** (*Família, Amigos, Escola, seus Problemas e Desencontros*), ***Inter-activa*** (*Injustiça* relacionada com os *Amigos, Injustiça Relacional* e *Distributiva*) e ***Psicossocial do Suicídio*** (*Influência Social* e *Isolamento*), ou referentes a um ***Domínio***

Relacional (*Desilusão* com os outros, *Incompreensão*, *Isolamento*, etc) e à ausência de amigos e família (Sampaio, Oliveira, Vinagre, Gouveia-Pereira, Santos & Ordaz, 2000; Ordaz, Vinagre, Santos, Gouveia-Pereira, Oliveira & Sampaio, 2003; Correia, 2004).

		Católicos	Muçulmanos	χ^2
Categorias		%	%	p value
Dimensão Intra-Individual	Sentimento de Pena/Compaixão	7,6	4,6	0,098
	Sentimentos Agressivos	7,0	4,6	0,223
	Sentimentos de Medo/Angústia	20,9	20,4	0,435
	Sentimentos de Tristeza/Dor	28,5	24,1	0,204
	Sentimentos de Surpresa/Incompreensão	4,1	2,8	0,499
	Sentimentos de Incapacidade/Impotência	4,7	3,7	1,000
	Sentimentos de Preocupação/Incerteza	8,1	2,8	0,015
	Solidão	3,5	4,6	1,000
	Doença/Perturbação Psicológica	5,8	0,0	0,017
Sub-total		90,1%	67,6%	
Dimensão Inter-Individual	Dificuldades ao Nível da Relação com o Outro	5,2	5,6	0,513
	Sub-total	5,2%	5,6%	
Imagens associadas ao Suicídio	Crítica	1,7	13,9	0,033
	Coragem/Esperança	1,2	3,7	0,158
	Desistência/Saturação	1,2	6,5	0,161
	Apelo ou Pedido de Ajuda	0,6	2,8	1,000
	Sub-total	4,7%	26,7%	
Total		100,0	100,0	

Tabela 4: Resultados relativos aos **Sentimentos** suscitados pelo **Suicídio** nos Católicos e nos Muçulmanos (n=74)

Numa análise global da **Tabela 4** verifica-se a existência de algumas diferenças percentuais relativamente à **Componente Afetiva** da Representação Social que os Católicos e os Muçulmanos têm do Suicídio. Ambos os grupos religiosos evocam maioritariamente conteúdos ligados a uma **Dimensão Intra-Individual**, que remetem, principalmente, para sentimentos de *Tristeza/Dor* e *Medo/Angústia*, no entanto, os Muçulmanos também dão uma percentagem considerável de respostas que se enquadram na dimensão das **Imagens associadas ao Suicídio**, adoptando uma postura *Crítica* face ao mesmo (“Cobardia”, “Falta de sentimentos”, “Condenável”, etc).

Com base nos resultados fornecidos pela Estatística de Teste (χ^2) apresentados na **Tabela 3**, constata-se que, ao nível dos **Sentimentos** suscitados pelo Suicídio nos grupos em estudo, para um *alpha* de 5%, com 1 grau de liberdade, existem diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos religiosos em duas das três dimensões de resposta consideradas, nomeadamente nas categorias *Sentimentos de Preocupação/Incerteza* (pvalue=0,015 < 0,05= α) e *Doença/Perturbação Psicológica* (pvalue=0,017 < 0,05= α) da **Dimensão Intra-Individual**, e na categoria *Crítica* (pvalue=0,033 < 0,05= α) da dimensão **Imagens associadas ao Suicídio**.

Complementando estes dados com a distribuição percentual que estas categorias assumem em cada um dos grupos, verifica-se que são os Católicos que dão maior relevância aos aspectos de índole interna, enquanto que os Muçulmanos são mais expressivos na *Crítica* do acto suicida e da pessoa que o leva a cabo.

As diferenças encontradas entre os dois grupos podem ser explicadas pela posição que a religião a que pertencem adopta relativamente ao Suicídio. A religião parece, novamente, influenciar a representação que os Muçulmanos têm deste fenómeno, já que são mais críticos que os Católicos nesta temática – a posição do Islamismo traduz-se pela interdição/proibição incondicional do Suicídio, qualquer que seja a circunstância em que ele ocorre (Vaz Marques, 2005), proibição essa expressa no próprio Corão (Ladha *et al*, 1996). A religião católica, apesar de também proibir o Suicídio, na prática, considera a existência de algumas situações excepcionais, tais como a existência de perturbações psíquicas graves, a angústia ou o temor de um grande sofrimento, que diminuem a responsabilidade do suicida (Saraiva, 1999), considerando também que os que sofrem com ideias de suicídio devem receber o apoio e o conforto dos outros que não sofrem do mesmo (Koch, 2005).

A **Dimensão Inter-Individual** do Suicídio é, de novo, pouco referenciada pelos dois grupos em estudo – parecem considerar que, a um nível afectivo, o individual ou o interno assume uma maior importância do que o relacional/social ou o externo.

		Categorias	Católicos	Muçulmanos	χ^2
			%	%	p value
Dimensão Intra-Individual		Afectos	24,2	28,3	0,192
		Incapacidade/Fragilidade Psicológica	11,0	13,4	0,548
		Doença/Perturbação Psicológica	15,4	15,7	0,377
		Desistência/Falta de Razões para Viver	9,3	7,1	0,906
		Solidão	4,9	4,7	0,974
		Imagem Negativa	13,2	14,2	0,740
		Imagem Positiva	4,9	4,7	0,747
		Sub-total	83,0%	88,2%	
Dimensão Inter-Individual	Dificuldades ao Nível da Relação com o Outro	Nível Social	5,5	3,9	0,181
		Nível Afectivo	9,3	7,1	0,488
			Sub-total	14,8%	11,0%
Dimensão Religiosa	Questão Espiritual		2,2	0,8	1,000
			Sub-total	2,2%	0,8%
		Total	100,0	100,0	

Tabela 5: Resultados relativos aos **Protótipos** que os Católicos e os Muçulmanos têm da pessoa que comete um *acto suicida* (n=74)

Pela análise geral da **Tabela 5** não se observam grandes diferenças percentuais no que diz respeito aos **Protótipos** que os Católicos e os Muçulmanos têm da pessoa que comete um acto suicida. Também não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos nos resultados obtidos pela Estatística de Teste (χ^2) efectuada, pelo que se vai discutir os mesmos com base nos conteúdos mais evocados por cada um dos grupos em estudo.

Ambos os grupos religiosos atribuem à pessoa suicida, na sua maioria, características (físicas e/ou psicológicas) que aludem a uma **Dimensão Intra-Individual**, características essas que remetem para os *Afectos*, para a *Incapacidade/Fragilidade Psicológica* e *Doença/Perturbação Psicológica*, e para uma *Imagem Negativa* dessa pessoa. Também se pode constatar que na **Dimensão Inter-Individual**, apesar de, novamente, não ser uma dimensão com resultados muito expressivos, o suicida é mais frequentemente descrito como alguém com *Dificuldades de Relação com o Outro*, sendo identificada como uma pessoa “Incompreendida”, “Abandonada” e “Maltratada”. Estes resultados vão de encontro aos resultados obtidos por Ordaz, Vinagre, Santos, Gouveia-Pereira, Oliveira & Sampaio (2003), à excepção da *Imagem Negativa* atribuída, neste estudo, à pessoa que comete suicídio. Este facto parece sugerir, mais uma vez, que o facto de a pessoa analisar o comportamento

suicidário à luz da sua religião condiciona a sua análise, tornando-a mais crítica e menos compreensiva, já que em ambas as religiões consideradas neste estudo há uma proibição do Suicídio, o que se reflecte na imagem negativa que ambos os grupos evocaram da pessoa suicida. Por outro lado, essa tendência que se verifica, nestes grupos, de evocarem uma imagem negativa dessa pessoa, parece remeter para uma representação mais estereotipada, não tão ligada à realidade da mesma.

Categorias		Católicos	Muçulmanos	χ^2	
		%	%	p value	
Causas Internas	Afectos		21,0	29,1	0,135
	Incapacidade/Fragilidade Psicológica		6,0	4,7	0,600
	Doença/Perturbação Psicológica		16,0	4,7	0,002
	Falta de Razões para Viver		6,0	3,9	0,451
	Solidão		8,0	7,9	0,687
	Sub-Total		57,0%	50,4%	
Causas Externas	Dificuldades ao Nível da Socialização	Exclusão Social	5,0	7,9	0,674
		Dificuldades Económicas	4,0	5,5	0,571
		Comportamentos Desviantes	3,0	0,8	0,381
	Dificuldades ao Nível da Relação com o Outro	Exclusão Afectiva	11,5	7,9	0,109
		Família	3,0	2,4	0,723
		Amizade/Amor	6,5	7,1	0,803
		Violência/Agressão	0,5	2,5	0,159
	Sub-Total		43,5%	35,4%	
Imagens associadas ao Suicídio	Crítica		3,0	0,0	0,065
	Vingança/Desafio		1,5	3,1	0,647
	Fuga/Saída		2,5	7,9	0,074
	Apelo/Pedido de Ajuda		0,5	2,4	0,310
	Sub-Total		7,5%	13,3%	
Causas Religiosas	Questão Espiritual		2,0	0,8	0,226
	Sub-Total		2,0%	0,8%	
Total		100,0%	100,0%		

Tabela 6: Resultados relativos às **Causas** atribuídas pelos Católicos e pelos Muçulmanos ao fenómeno do **Suicídio** (n=74)

Pela análise geral da **Tabela 6** verificam-se algumas diferenças percentuais relativamente às **Causas** atribuídas pelos Católicos e pelos Muçulmanos ao comportamento suicidário. Os dois grupos religiosos atribuem, na sua maioria, **Causas Internas (Afectos)** e **Causas**

Externas ao Suicídio. Os Católicos atribuem mais *Afectos* (“Desespero”, “Desgosto”, “Medo”) e causas relacionadas com a *Doença/Perturbação Psicológica* do suicida e com as suas *Dificuldades de Relação com o Outro*, nomeadamente ao nível da sua *Exclusão Afectiva* (“Incompreensão”, “Falta de apoio”, “Abandono”), ao acto suicida. Os Muçulmanos, por sua vez, consideram essencialmente os *Afectos* (“Desespero”, “Infelicidade”, “Medo”) como as possíveis causas que poderão levar uma pessoa a cometer suicídio.

Pela análise dos resultados fornecidos pela Estatística de Teste (χ^2) apresentados na **Tabela 6**, verifica-se que, ao nível das **Causas** indicadas pelos Católicos e pelos Muçulmanos como possíveis de levar a pessoa a cometer Suicídio, para um *alpha* de 5%, com 1 grau de liberdade, existem diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos em estudo em apenas uma das dimensões de resposta considerada – **Causas Internas**, mais especificamente na categoria da *Doença/Perturbação Psicológica* ($pvalue=0,002 < 0,05=\alpha$). Tendo em conta a distribuição percentual que esta categoria apresenta nos dois grupos, conclui-se que são os Católicos que dão maior relevância a este aspecto de índole interna e psicológica quando pensam nas causas do Suicídio.

Algumas das **Causas** aqui apontadas pelos dois grupos vão de encontro às indicadas por alguns autores como Braconnier & Marcelli (2000), Sampaio (2002a) e Fleischmann & Bertolote (2000), tais como a presença de *Perturbações Mentais*, *Causas Psicológicas e Sociais*, entre outras.

	Católicos	Muçulmanos	χ^2
Metáforas	%	%	p value
Um Acto de Coragem	20,4	28,1	0,544
Uma Vingança	4,8	12,5	0,394
Um Castigo	4,8	12,5	0,161
Uma Fuga	85,7	75,0	0,081
Uma Solução para os Problemas	23,8	34,4	0,350
Uma Saída	35,7	31,3	0,634
Um Pedido de Ajuda	35,7	21,9	0,250
Um Acto de Cobardia	45,2	56,3	0,401
Um Desafio	4,8	15,6	0,228
Uma Viagem	7,1	6,3	0,669
Uma Loucura	47,6	71,9	0,093
Um Espectáculo	0,0	3,1	0,354
Uma Nova Experiência	0,0	3,1	0,354
Um Acto de Romantismo/Amor	2,4	6,3	0,669
Uma Renúncia	28,6	21,9	0,626
Uma Exibição	0,0	0,0	1,000
Uma Mensagem	23,8	25,0	0,678
Uma Agressão	19,1	25,0	0,580
Uma Despedida	19,1	15,6	0,619
Uma Moda	0,0	6,3	0,181
Uma Desistência	64,3	50,0	0,193
Um Salto no Desconhecido	20,4	9,4	0,492
Um Acto Dramático	28,6	28,1	0,626
Uma Luta	9,5	9,4	0,679
Um Mistério	28,6	18,8	0,397

Tabela 7: Resultados relativos às **Metáforas** mais utilizadas pelos Católicos e pelos Muçulmanos para definir o que é o **Suicídio** (n=74)

Pela análise geral da **Tabela 7** não se observam grandes diferenças percentuais no que diz respeito às **Metáforas** mais escolhidas por Católicos e Muçulmanos para caracterizar o fenómeno do Suicídio. Também não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos nos resultados obtidos pela Estatística de Teste (χ^2) efectuada, pelo que se vai discutir os resultados encontrados com base nas metáforas mais evocadas por cada um dos grupos em estudo a nível percentual.

Assim sendo, pode-se dizer que, relativamente aos **Conceitos Metafóricos** mais associados ao Suicídio, ambos os grupos escolhem **metáforas** que remetem para o Suicídio como uma *Fuga* ou *Desistência* ou que encerram em si uma imagem negativa/crítica do Suicídio, tais como *Uma Loucura* ou *Um acto de Cobardia*, seleccionando com menos frequência **metáforas** que remetem para o possível significado/motivo do comportamento

suicidário, tais como *Um acto de Romantismo/Amor*, *Uma Vingança*, *Um Castigo*, *Um Desafio* ou *Uma Viagem*. Uma percentagem considerável de Católicos também compararam o Suicídio a *Um Pedido de Ajuda* ou a *Uma Saída*, tal como uma percentagem significativa de Muçulmanos também considera o Suicídio como uma *Solução para os Problemas*.

Estes conceitos **Metafóricos** foram igualmente escolhidos por jovens com comportamentos auto-destrutivos, num estudo realizado neste âmbito da Representação Social do Suicídio (Ordaz, Vinagre, Santos, Gouveia-Pereira, Oliveira & Sampaio, 2003), à excepção do conceito *Acto de Cobardia*, que denota uma vertente claramente crítica e negativa do acto suicidário, sendo, talvez por isso, mais facilmente associado a um praticado por outrem (que é o caso da maior parte das pessoas que participam neste estudo) do que a um acto do próprio (que é o caso dos jovens com comportamento auto-destrutivo que colaboraram no referido estudo).

2.2 Apresentação e Discussão dos Resultados relativos à Temática do Terrorismo

2.2.1 Representação Social do Terrorismo

Vai-se passar a analisar e a discutir os resultados referentes à Representação Social que os Católicos e os Muçulmanos têm da temática do **Terrorismo**, tendo em conta os parâmetros considerados neste estudo (*Pensamentos, Sentimentos, Protótipos, Causas e Metáforas*).

		Categorias	Católicos	Muçulmanos	χ^2
			%	%	p value
Dimensão Intra-Individual		Afectos	18,6	16,9	0,199
		Fragilidade/Perturbação Psicológica	2,5	2,9	1,000
		Sub-Total	21,1%	19,9%	
Dimensão Inter-Individual		Contexto Social	4,4	6,6	0,963
		Contexto Político	6,4	5,1	0,067
		Sub-Total	10,8%	11,8%	
Imagens associadas ao Terrorismo		Crítica	12,7	11,0	0,691
		Contexto de Morte/Violência	43,1	44,9	0,020
		Apelo ou Pedido de Ajuda	0,0	2,9	0,432
		Vingança	2,9	4,4	0,737
		Protagonistas	5,9	4,4	0,453
	Sub-Total	64,7%	67,6%		
Dimensão Religiosa		Questão Espiritual	3,4	0,7	0,226
		Sub-Total	3,4%	0,7%	
		Total	100,0%	100,0%	

Tabela 8: Resultados relativos aos **Pensamentos** despoletados pelo **Terrorismo** nos Católicos e nos Muçulmanos (n=74)

Numa análise geral da **Tabela 8** não se verificam grandes diferenças percentuais entre Católicos e Muçulmanos quanto à **Componente Cognitiva** da Representação Social que os dois grupos têm do fenómeno do Terrorismo. Ambos evocam, maioritariamente, **Imagens associadas ao Terrorismo** (*Contexto de Morte/Violência e Crítica*) e, também, alguns *Afectos*.

Pela análise dos resultados fornecidos pela Estatística de Teste (χ^2) apresentados na **Tabela 7**, pode-se verificar que, no que diz respeito aos **Pensamentos** evocados pelos Católicos e pelos Muçulmanos relativamente ao fenómeno do Terrorismo, para um *alpha* de 5%, com um grau de liberdade, existem diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos em apenas uma das dimensões de resposta consideradas, nomeadamente ao nível das **Imagens** de *Morte/Violência* fortemente evocadas nesta questão ($pvalue=0,020 < 0,05=\alpha$).

Complementando estes dados com a distribuição percentual que estas categorias assumem em ambos os grupos, verifica-se que são os Muçulmanos que dão um maior número de conteúdos que remetem para a *Morte* e para a *Violência* que este fenómeno provoca.

Apesar de não se terem encontrado estudos no âmbito das Representações Sociais do Terrorismo, há alguma literatura escrita, bastantes notícias publicadas sobre esse fenómeno e um ou outro trabalho dedicado ao estudo deste fenómeno. As notícias veiculadas sobre o fenómeno aqui em causa são transmitidas, na sua maioria, através de imagens (televisão, internet, jornais, revistas, etc), imagens essas de destruição, de morte, de uma prática política, de um fundamentalismo religioso que é constantemente associado o Islamismo (Vaz Marques, 2005; Santos, 2005; Duarte, 2005); a própria definição de Terrorismo tem explícita a noção da prática da violência contra civis inocentes (Santos, 2005). Face a isto, consegue-se entender a grande percentagem de imagens evocadas pelos sujeitos que participaram neste trabalho – talvez seja mais fácil atribuir uma imagem a este fenómeno do que defini-lo, falar sobre ele, já que o Terrorismo chega maioritariamente às pessoas através de imagens televisivas e/ou de jornais/revistas.

Aqui, à semelhança do que se verificou no Suicídio, as questões relacionadas com a **Dimensão Inter-Individual** do Terrorismo, nomeadamente as questões ligadas aos *Contextos Social e Político* dos países onde este fenómeno ocorre, apesar de serem evocadas por ambos os grupos religiosos, são-no numa percentagem inferior à esperada, já que, actualmente, os investigadores tendem a atribuir mais factores sociais, políticos e de grupo aos actos terroristas e/ou atentados suicidas do que factores pessoais e psicopatológicos (Perina, 2002), não se verificando a mesma tendência neste estudo.

	Categorias	Católicos	Muçulmanos	χ^2
		%	%	p value
Dimensão Intra-Individual	Sentimento de Pena/Compaixão	5,1	6,1	0,571
	Sentimentos Agressivos	20,2	16,5	0,217
	Sentimentos de Medo/Angústia	27,5	19,1	0,162
	Sentimentos de Tristeza/Dor	22,5	27,0	0,978
	Sentimentos de Surpresa/Incompreensão	3,9	6,1	0,747
	Sentimentos de Incapacidade/Impotência	7,9	4,3	0,096
	Sentimentos de Preocupação/Incerteza	3,4	0,9	0,226
	Doença/Perturbação Psicológica	0,6	5,2	0,079
	Sub-total	91,0%	85,2%	
Dimensão Inter-Individual	Dificuldades ao Nível da Relação com o Outro	2,2	1,7	0,381
	Contexto Político	1,7	3,5	1,000
	Sub-total	3,9%	5,2%	
Imagens associadas ao Terrorismo	Crítica/Imagem Negativa	3,4	7,0	0,395
	Contexto de Violência/Destruição	1,7	2,6	0,647
	Sub-total	5,1%	9,6%	
	Total	100,0%	100,0%	

Tabela 9: Resultados relativos aos **Sentimentos** suscitados pelo **Terrorismo** nos Católicos e nos Muçulmanos (n=74)

Pela análise geral da **Tabela 9** não se observam grandes diferenças percentuais quanto à **Componente Afectiva** da Representação Social que os Católicos e os Muçulmanos têm do fenómeno do Terrorismo. Também não se encontraram diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos religiosos em estudo nos resultados obtidos pela Estatística de Teste (χ^2) realizada, pelo que se vai discutir os mesmos a nível percentual.

Em relação ao que os Católicos e os Muçulmanos sentem face ao fenómeno do Terrorismo, as respostas de ambos remetem, principalmente, para *Sentimentos Agressivos e Sentimentos de Tristeza, Dor, Medo e Angústia*. Estes resultados parecem sugerir que este fenómeno não deixa ninguém indiferente, independentemente da religião a que pertencem, suscitando-lhes muitos e variados sentimentos, já que o fenómeno em causa está, directa ou indirectamente, presente na vida de todos, apesar de ser vivido ou experienciado por cada um de forma diferente.

	Categorias	Católicos	Muçulmanos	χ^2
		%	%	p value
Dimensão Intra-Individual	Afectos	1,1	12,2	0,000
	Incapacidade/Fragilidade Psicológica	3,7	5,2	0,724
	Doença/Perturbação Psicológica	15,4	7,8	0,046
	Imagem Negativa	51,6	27,8	0,000
	Imagem Positiva	9,6	14,8	0,255
	Sub-Total	81,4%	67,8%	
Dimensão Inter-Individual	Dificuldades ao Nível da Relação com o Outro	1,6	7,0	0,015
	Contexto Político/Social	5,3	4,3	0,484
	Influência/Manipulação	5,3	13,9	0,016
	Sub-Total	12,2%	25,2%	
Imagens associadas ao Terrorismo	Protagonistas	1,1	1,6	0,645
	Sub-Total	1,1%	1,6%	
Dimensão Religiosa	Questão Espiritual	5,3	4,3	1,000
	Sub-Total	5,3%	4,3%	
	Total	100,0%	100,0%	

Tabela 10: Resultados relativos aos **Protótipos** que os Católicos e os Muçulmanos têm da pessoa que comete um **acto terrorista** (n=74)

Os dados fornecidos pela Estatística de Teste (χ^2), apresentados na **Tabela 10**, que remetem para os Protótipos que os Católicos e os Muçulmanos têm da pessoa que comete um acto terrorista, demonstram, para um *alpha* de 5%, com 1 grau de liberdade, a existência de diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos em duas das três dimensões de resposta consideradas – **Dimensão Intra-Individual** (*Afectos, Doença/Perturbação Psicológica, Imagem Negativa*) e **Dimensão Inter-Individual** (*Dificuldades ao Nível da Relação com o Outro, Influência/Manipulação*) –, nomeadamente ao nível de algumas das suas categorias de resposta, já referidas, que têm um valor de *p* value inferior 0,05. Complementando estes dados com a distribuição percentual que estas categorias assumem nos dois grupos, verifica-se que são os Católicos que dão, na sua maioria, uma *Imagem Negativa* da pessoa que comete um acto terrorista, considerando-a uma pessoa “Fanática”, “Estúpida” e

“Idiota”, ou uma imagem de *Doença* ou *Perturbação Psicológica* (“Louco/Maluco”, “Doente”), e que são os Muçulmanos que, maioritariamente, descrevem o terrorista através de *Afectos*, como uma pessoa “Revoltada”, “Desesperada”, como alguém com *Dificuldades ao Nível da Relação com o Outro* e como alguém que sofre a *Influência/Manipulação* de outrem.

Pela primeira vez há uma percentagem expressiva de conteúdos referentes a uma *Dimensão Inter-Individual* do acto. Ao pensar na pessoa que comete um acto terrorista e no que a caracteriza, os grupos evocaram conteúdos que remetem para características históricas, culturais, contextuais e relacionais, parecendo estar mais atentos às questões sociais, políticas e de grupo ligados ao acto terrorista de que alguns investigadores falam (Perina, 2002; Post, Ruby & Shaw, 2002), como, por exemplo, as décadas de desespero, desesperança, opressão e de ocupação, e a severa privação social a que grande parte das comunidades onde este tipo de ataques acontece esteve (e ainda está) sujeita (Ghazali, 2002). Sendo essas comunidades maioritariamente muçulmanas, parece haver um mecanismo de identificação, uma atitude de compreensão por parte dos Muçulmanos pela pessoa que comete um acto terrorista, formando uma representação menos estereotipada e mais ligada à realidade dessa pessoa. O facto de os Católicos também terem evocado características menos negativas da pessoa que comete um acto terrorista, parece sugerir que também a sua representação está menos ligada ao estereótipo normalmente estabelecido dessa pessoa pelos meios de comunicação.

	Categorias	Católicos	Muçulmanos	χ^2
		%	%	p value
Causas Internas	Afectos	13,8	21,5	0,448
	Doença/Perturbação Psicológica	4,5	4,1	0,570
	Falta de Razões para Viver	1,6	0,8	0,632
	Sub-Total	19,7%	26,4%	
Causas Externas	Causas Pessoais/Familiares	0,5	2,5	0,305
	Dificuldades ao Nível da Relação com o Outro	3,7	6,6	0,564
	Contexto Social	3,7	1,5	1,000
	Contexto Político	15,4	17,4	0,736
	Manipulação/Ilusão	5,3	5,0	0,347
	Sub-Total	28,7%	33,0%	
Imagens associadas ao Terrorismo	Crítica/Imagem Negativa	10,1	10,7	0,758
	Imagem Positiva	5,3	3,3	0,119
	Apelo/Pedido de Ajuda	2,1	2,5	1,000
	Vingança	8,0	10,7	0,957
	Ser Mártir	4,8	0,8	0,286
	Esperança de Mudança	0,5	3,3	0,305
	Ameaça/Destruição	4,3	3,3	0,734
	Sub-Total	35,1%	34,7%	
Causas Religiosas	Questão Espiritual	16,5	5,8	0,029
	Sub-Total	16,5%	5,8%	
Total		100,0%	100,0%	

Tabela 11: Resultados relativos às **Causas** associadas pelos Católicos e pelos Muçulmanos ao **acto terrorista** (n=74)

Pela análise geral da **Tabela 11** não se verificam grandes diferenças, a um nível percentual, relativamente às **Causas** que os Católicos e os Muçulmanos atribuem ao fenómeno do **Terrorismo**. Ambos os grupos religiosos evocam conteúdos que remetem para uma **Imagem Crítica/Negativa** ou para uma **Imagem de Vingança**, atribuindo **Causas Externas** – nomeadamente no que diz respeito ao *Contexto Político* em que ele ocorre –, e **Causas Internas** ao acto terrorista – nomeadamente no que diz respeito aos *Afectos* que ele suscita.

Pela análise dos resultados fornecidos pela Estatística de Teste (χ^2) apresentados na **Tabela 10**, verifica-se que, ao nível das **Causas** indicadas por cada um dos grupos em estudo como passíveis de levar uma pessoa a cometer um acto terrorista, para um *alpha* de 5%, com 1 grau de liberdade, existem diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos em

apenas uma das quatro dimensões de resposta consideradas – *Causas Religiosas* (pvalue=0,029 < 0,05= α). Tentando completar a análise destes dados com a distribuição percentual que esta categoria assume em ambos os grupos, verifica-se que são os Católicos que atribuem maior relevância à *Questão Espiritual* como eventual **causa** do acto terrorista.

Aqui, novamente, o facto de o Terrorismo ser um fenómeno público, bastante noticiado pelos meios de comunicação, parece influenciar a forma como as pessoas vêem e transmitem a sua representação do Terrorismo aos outros, isto é, fazem-no sobretudo através de *imagens*. As *Causas Externas*, como o *Contexto Social* ou o *Contexto Político*, ou como as *Dificuldades de Relação com o Outro* assumem, neste parâmetro de análise da Representação Social do Terrorismo, uma expressão significativa, superior à das *Causas Internas*, o que está de acordo com os factores atribuídos actualmente pelos investigadores ao fenómeno do Terrorismo (Perina, 2002; Post, Ruby & Shaw, 2003). A *Questão Espiritual*, da “Religião”, da “Crença” ou da “Fé” parece assumir, para os Católicos, uma grande importância como possível causa do Terrorismo, facto que talvez se possa explicar pela constante associação do Terrorismo à Religião Islâmica pelos *media*, associação mais facilmente aceite/reconhecida pelos Católicos, mas fortemente refutada pelos Muçulmanos. Essa associação deve-se, também, por um lado, ao facto de grande parte dos grupos terroristas usarem a sua Religião como propaganda e como justificação para os seus actos de violência e destruição (Ghazali, 2002).

	Católicos	Muçulmanos	χ^2
Metáforas	%	%	p value
Acto de Desespero	16,7	40,6	0,310
Crime Cometido contra a Humanidade	66,7	50,0	0,042
Ameaça Permanente	52,4	28,1	0,029
Extremista	57,1	46,9	0,322
Medo	14,3	31,3	0,089
Morrer por uma Causa	23,8	53,1	0,012
Forma de defenderem as suas Opiniões, Valores	21,4	28,1	0,544
Acto Heróico	4,8	9,4	0,394
Acto Condenável	66,7	62,5	0,430
Matar o Inimigo	16,7	21,9	0,605
Luta Desigual	31,0	31,3	0,810
Ataques Bárbaros	40,5	43,8	0,845
Loucura Fundamentalista	61,9	50,0	0,250
Radicais	31,0	40,6	0,430
Luta por um Ideal	21,4	34,5	0,238
Acto de Cobardia	23,8	25,0	0,860
Onda de Sofrimento	33,3	31,3	0,967
Manifestar algo que desagrada à pessoa	7,1	9,4	1,000
Insatisfação	7,1	31,3	0,008
Meter Medo em Alguém	14,3	21,9	0,422
Vingança Desesperada contra Comunidades	52,4	40,6	0,269
Pânico	19,1	18,8	0,804
Violência	64,3	53,1	0,270
Reacção Extremada por um desacordo de Ideias	28,6	12,5	0,086
Mártires	11,9	15,6	0,740
Incerteza	0,0	9,4	0,080
Terror	64,3	43,8	0,059
Ódio	52,4	56,3	0,663
Chamar a Atenção	21,4	21,9	0,680
Incompreensão	14,3	15,6	0,675
Atentado Suicida	40,5	34,4	0,561
Sem Meios e Mecanismos próprios para dar Justiça	4,8	34,4	0,007
Vaga de Morte e Destruição	57,1	37,5	0,138

Tabela 12: Resultados relativos às **Metáforas** mais utilizadas pelos Católicos e pelos Muçulmanos para definir o que é o **Terrorismo** (n=74)

Através dos resultados fornecidos pela Estatística de Teste (χ^2) apresentados na 3ª coluna da **Tabela 12** pode-se constatar que, para um *alpha* de 5%, com 1 grau de liberdade, se verificam diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos religiosos em cinco dos **Conceitos Metafóricos** considerados para a temática do Terrorismo – *Crime Cometido contra a Humanidade* (pvalue=0,042 < 0,05= α), *Ameaça Permanente* (pvalue=0,029 < 0,05= α),

Morrer por uma Causa (pvalue=0,012 < 0,05=α), *Insatisfação* (pvalue=0,008 < 0,05=α) e *Sem Meios e Mecanismos próprios para dar Justiça* (pvalue=0,007 < 0,05=α). Completando a análise destes dados com a distribuição percentual que estes conceitos assumem em ambos os grupos, verifica-se que são os Católicos que, na sua maioria, consideram o Terrorismo *Um Crime cometido contra a Humanidade* e uma *Ameaça Permanente*, remetendo assim para uma Imagem claramente negativa, de violência e destruição deste fenómeno. Os Muçulmanos, no entanto, associam o acto terrorista a um acto de sacrifício por uma causa (*Morrer por uma Causa*), a um sentimento de *Insatisfação* e de falta de *Meios e de Mecanismos próprios para dar Justiça* que uma pessoa ou um grupo de pessoas que promove esse acto deve sentir face a determinadas condições de vida a que se encontra sujeito.

O facto de serem os Muçulmanos a darem uma imagem menos negativa do Terrorismo, mais positiva e glorificadora da pessoa que comete o acto terrorista, evocando, para isso, o acto terrorista como um acto de sacrifício de algo ou alguém por um bem maior, pode se dever ao facto de a maior parte dos países/comunidades onde ocorre este tipo de actos terroristas estar constante e continuamente sujeita à desesperança, à opressão, a uma situação sócio-económica e política muito conturbada, de guerra e violência. Sendo esses países/comunidades maioritariamente muçulmanos (Ghazali, 2002), entende-se o porquê desse grupo religioso evocar uma imagem mais empática e menos negativa em relação ao Terrorismo, demonstrando uma maior compreensão perante as condições em que ocorre esse fenómeno.

2.3 Discussão dos Resultados – Suicídio/Terrorismo

Numa análise comparativa dos resultados obtidos neste estudo quanto à Representação Social que os Católicos e os Muçulmanos têm do Suicídio e do Terrorismo, pode-se constatar que, em relação à **Componente Cognitiva** dessas Representações Sociais, ambos os grupos dão, maioritariamente, respostas de ordem **Intra-Individual** no que diz respeito ao Suicídio, nomeadamente *Afectos* e conteúdos que remetem para a *Doença/Perturbação Psicológica*, mas evocam preferencialmente *Imagens* no que diz respeito ao fenómeno do Terrorismo, nomeadamente imagens *Críticas* e imagens que aludem a um *Contexto de Morte/Violência*. A diferença verificada quanto à Dimensão mais evocada pelos dois grupos religiosos quando pensam no Suicídio e no Terrorismo pode estar relacionada com os fenómenos em si mesmos. A maioria dos suicídios não são reportados nos media (à excepção de quando se tratam de figuras públicas), para além de que muitas vezes são encobertos sob o disfarce de acidentes ou morte por causa indeterminada devido ao estigma, a factores sociais e políticos e até a regulamentações de seguros (Bertolote, 2000). Desta forma, o suicídio vive-se, na maioria das vezes, de uma forma individual e familiar. Relativamente ao terrorismo, não se pode dizer o mesmo – quando ocorre algum acto terrorista, é imediata e prontamente noticiado por todo e qualquer meio de comunicação, passando essa informação maioritariamente através de imagens de guerra, violência e destruição (imagens também preferencialmente evocadas neste estudo), causando um impacto maior e mais generalizado. O terrorismo vive-se, assim, para além de uma forma individual, de uma forma essencialmente social e cultural.

Pode-se ainda referir que os conteúdos que remetem para a **Dimensão Religiosa** surgem mais no Terrorismo do que no Suicídio, sendo aí principalmente evocados pelos Católicos (apesar da percentagem não ser muito expressiva).

Em relação à **Componente Afectiva** das Representações Sociais dos fenómenos em estudo, os dois grupos religiosos evocam principalmente sentimentos que remetem para uma **Dimensão Intra-Individual**, tanto em relação ao Suicídio como em relação ao Terrorismo. Os dois grupos manifestam em grande parte *Sentimentos de Medo/Angústia* e *Tristeza/Dor* perante os dois fenómenos em estudo, no entanto, uma percentagem considerável também manifesta *Sentimentos* de “Revolta”, “Raiva” e “Ódio” face ao Terrorismo. Estes *Sentimentos* mais *Agressivos* são compreensíveis quando relativos a um fenómeno marcado pela violência, pela destruição e pela injustiça cometida contra os inocentes que sofrem directamente as suas

consequências. Para além disso, os Muçulmanos também evocam uma percentagem considerável de *Imagens* de Crítica relativamente ao Suicídio, designadamente imagens de “Cobardia”, “Ingratidão” e de “Falta de Sentimentos”, o que denota a postura de crítica da religião islâmica face ao Suicídio, já que o condena/proíbe sob qualquer circunstância (Saraiva, 1999; Vaz Marques, 2005).

Quanto ao **Protótipo** da pessoa que comete o acto suicida, quer sob a forma de Suicídio, quer sob a forma de Terrorismo, pode-se constatar que tanto os Católicos como os Muçulmanos a caracterizam sobretudo segundo uma *Dimensão Intra-Individual*, descrevendo a *pessoa que comete suicídio* como “Desesperada”, “Infeliz” e “Triste”, como “Fraca”, “Frágil” e “Frustrada”, como “Problemática”, “Doente” e “Deprimida” e como “Cobarde”, “Egoísta” e “Criminosa”, e descrevendo a *pessoa que comete o acto terrorista* como “Fanático”, “Estúpido/Idiota” e “Extremista”, como “Louco/Maluco”, “Doente” e “Traumatizado”, mas também como “Corajoso”, “Mártir” e “Herói”. No entanto, relativamente ao **protótipo** da pessoa que comete um acto terrorista, os Muçulmanos descrevem-na, também, como uma pessoa “Influenciada”, “Manipulada” e “Educada para”, com *Dificuldades ao Nível da Relação com o Outro*. A *Dimensão Inter-Individual* parece desempenhar, neste protótipo, um papel importante para os Muçulmanos, o que sugere que, para eles, a pessoa que comete esse acto não é apenas influenciada por factores pessoais e/ou religiosos, mas também é influenciada por factores ideológicos/políticos, sociais e/ou relacionais. Os conteúdos que remetem para a *Dimensão Religiosa* ganham aqui uma maior expressão, expressão essa que se verifica principalmente nos Católicos (“Crentes”, “Religião”, “Guiado pela sua fé”, etc), o que talvez se possa explicar pela constante associação do fenómeno do Terrorismo à Religião Islâmica, associação facilmente identificada/reconhecida pelos Católicos, ao contrário do que acontece com os Muçulmanos – estes rejeitam essa associação, considerando erróneo o uso de expressões como “terrorismo islâmico” ou “fundamentalismo islâmico” (Adamgy, 2001).

Quanto às **Causas** associadas pelos dois grupos religiosos aos dois fenómenos em estudo, pode-se verificar que, relativamente ao Suicídio, eles evocam primeiramente *Causas Internas* como os *Afectos*, a *Solidão* e a *Doença/Perturbação Psicológica*, evocando depois *Causas Externas* como a *Exclusão Afectiva*, a *Exclusão Social* e as questões relacionadas com a *Amizade* e o *Amor*, enquanto que, relativamente ao Terrorismo, eles referem maioritariamente *Imagens* como “Fanatismo”, “Extremismo” e “Maldade”, como “Vingança” e “Fazer justiça”, e *Causas Externas* como as questões relacionadas com o *Contexto Político* onde esse

fenómeno normalmente ocorre. Também aqui, o facto de serem associadas mais *Causas Internas* ao Suicídio e mais *Imagens* e *Causas Externas* ao Terrorismo poderá ter a ver com a forma como estes dois fenómenos são abordados, considerados e vivenciados – de uma forma mais individual/familiar e íntima no caso do Suicídio, e de uma forma mais política/social e pública no caso do Terrorismo. Aqui, as *Causas Religiosas* são frequentemente apontadas como causa do Terrorismo pelos Católicos, já que estes evocam mais conteúdos que remetem para a *Questão Espiritual* (“Religião”, “Fanatismo Religioso”, “Crenças”, etc). As razões que poderão estar por trás desta diferença já foram discutidas anteriormente.

IV. CONCLUSÃO

Pela análise geral dos resultados obtidos neste estudo pode-se concluir que **existem diferenças significativas** entre a Representação Social que os Católicos e os Muçulmanos têm do Suicídio, e entre as Representações Sociais que esses mesmos grupos têm do Terrorismo, o que responde às hipóteses de investigação inicialmente colocadas.

Para além disso, também foram encontradas mais diferenças entre os grupos no que diz respeito à Representação Social do Terrorismo do que relativamente à Representação Social do Suicídio, o que vem ao encontro daquilo que era esperado: o facto de os actos e atentados terroristas serem constante e frequentemente associados ao Islamismo, faz com que os grupos em estudo vivam e sintam esse fenómeno de forma diferente e formem, conseqüentemente, representações divergentes do mesmo, visto que um dos grupos lida de forma mais directa com o referido fenómeno.

Quanto à Representação Social do Suicídio, apenas se encontram diferenças significativas entre os dois grupos no que diz respeito à **Componente Afectiva** da mesma – são os Católicos que evocam mais conteúdos que remetem para uma **Dimensão Intra-Individual** do fenómeno e são os Muçulmanos que, por sua vez, evocam mais **Imagens** associadas a esse fenómeno, nomeadamente, uma Imagem **Crítica** do mesmo. Já relativamente à Representação Social do Terrorismo, encontram-se diferenças significativas entre os resultados obtidos nas duas amostras em quase todas as suas componentes. Em relação às **Componentes Cognitiva e Afectiva**, são os Católicos que evocam mais conteúdos que remetem para uma **Dimensão Intra-Individual** do fenómeno em estudo e são os Muçulmanos que mais evocam **Imagens Negativas, de Morte e Violência**, adoptando uma postura mais **Crítica** e intransigente face ao Terrorismo. Quando se passa para a **caracterização/descrição** do terrorista ou “homem-bomba” e para os **conceitos metafóricos** mais associados ao Terrorismo, são os Católicos que adoptam uma atitude mais crítica e são os Muçulmanos que, por sua vez, têm uma postura mais compreensiva, parecendo ter mais atenção e sensibilidade perante as questões sociais, políticas, relacionais e de grupo que envolvem o fenómeno em causa.

Numa análise mais concreta dos resultados obtidos, pode-se concluir que:

Quanto à **Representação Social do Suicídio**, são os aspectos da componente **Intra-Individual** que são mais evocados pelos dois grupos em estudo quando pensam, sentem e caracterizam o Suicídio, mais especificamente *Afectos* e conteúdos que remetem para a *Fragilidade* e para a *Doença* ou *Perturbação Psicológica* da pessoa que comete suicídio. Também são evocadas, numa percentagem considerável, uma **Imagem** do Suicídio como *Morte/Fim* e uma **Imagem Negativa/Crítica** da pessoa que o comete. Só relativamente às **Causas** que poderão levar a semelhante acto é que os grupos considerados neste estudo dão alguma relevância a uma componente mais **Inter-Individual** do fenómeno em causa, evocando mais conteúdos que remetem para **Causas Externas**. Face aos resultados obtidos, também se pode concluir que são os Católicos que dão maior relevância/importância à componente psicológica e relacional do indivíduo e ao significado que o acto suicida assume para o mesmo, demonstrando ter uma postura e uma leitura mais compreensiva da pessoa e dos seus actos. Os Muçulmanos, por seu lado, tendem a ser mais críticos e a julgar, negativamente, a pessoa que comete Suicídio. Isto pode estar relacionado com a posição que a Religião que cada grupo professa adopta relativamente à temática em estudo. Enquanto a religião dos Católicos assume, na prática, uma postura mais tolerante em relação ao Suicídio, apesar de manter a sua posição tradicional ao longo dos séculos, encarando-o como um atentado contra a propriedade de Deus (Saraiva, 1999), a religião dos Muçulmanos proíbe/condena incondicionalmente o Suicídio, não considerando qualquer circunstância em que este pode ocorrer como atenuante (Adamgy, 2001).

No entanto, as diferenças encontradas não foram tão significativas como era esperado; previa-se que os Muçulmanos evocassem uma maior percentagem de conteúdos que remetessem para uma **Imagem Negativa/Crítica** do Suicídio, tendo em conta a posição radical e extrema que a sua Religião adopta face a esse fenómeno. De igual forma, também não eram esperadas percentagens tão altas de *Afectos* e de conteúdos que remetem para a *Fragilidade* e para a *Doença ou Perturbação Psicológicas* do indivíduo que comete o suicídio, o que demonstra uma visão mais compreensiva, mais empática por parte dos Muçulmanos em relação ao indivíduo que comete tal acto.

Quanto à **Representação Social do Terrorismo** são as **Imagens** os conteúdos mais evocados pelos dois grupos religiosos em estudo quando pensam, sentem e caracterizam o fenómeno do Terrorismo, nomeadamente imagens de *Morte* e *Violência* e uma imagem **Negativa**, de **Crítica** da pessoa que concretiza o acto terrorista e das consequências do seu

acto. Também são evocados conteúdos, de forma significativa, que remetem para uma **Dimensão Intra-Individual**, tais como *Afectos* e respostas que remetem para a *Doença/Perturbação Psicológica*, principalmente ao nível dos Sentimentos e dos Protótipos. Ainda no que diz respeito aos Protótipos, os grupos evocam, de forma mais expressiva, conteúdos de índole **Inter-Individual** relacionados com *Dificuldades ao Nível da Relação com o Outro* e com a *Influência/Manipulação* que as pessoas que cometem actos terroristas muitas vezes sofrem de outrem. Relativamente às **Causas** atribuídas ao fenómeno em estudo, as questões *Religiosas* ou *Espirituais* assumem uma expressão significativa, principalmente no grupo dos Católicos.

A imagem negativa, crítica, com conteúdos agressivos, que tanto Católicos como Muçulmanos evocam no estudo da Representação Social do Terrorismo parece estar relacionada com o facto de ambas as religiões proibirem, de modo absoluto, todo o tipo de violência, condenando veemente os atentados suicidas (Kasper, 2004; Câmara & Robalo, 2006). No entanto, era esperada uma posição mais compreensiva e uma maior evocação de factores de várias ordens por parte dos Muçulmanos, algo que só se verifica ao nível dos **Protótipos** e das **Metáforas**. Isso poderá estar relacionado com a sua tentativa de demonstrar que a sua religião condena, à semelhança de todas as outras, esse tipo de actos, visto que há uma constante e forte associação entre o Terrorismo e a religião Islâmica, associação essa fomentada pelos indivíduos que cometem tais actos, mas não pelas restantes pessoas que seguem essa mesma religião.

Apesar das características que diferenciam os dois grupos em estudo, nomeadamente a **Religião** que professam – facto que se considerou pertinente, tornando-se a Variável Independente deste estudo –, as diferenças encontradas entre as Representações Sociais dos grupos religiosos relativamente ao Suicídio e ao Terrorismo não são tão expressivas como o esperado. Parece que o facto de as pessoas que constituíram as amostras deste estudo serem, na sua maioria, de nacionalidade portuguesa e residentes em Portugal, assim como o facto de os Muçulmanos terem de se integrar, segundo as orientações da fé que professam, na sociedade onde se estabelecem, onde quer que vivam, mas sem abandonar a sua fé, os seus costumes e padrões religiosos e culturais que diferem substancialmente da cultura onde se inserem (Der Spiegel, 2005), tiveram influência nos resultados obtidos. Desse modo, parece que a questão cultural/social atenuou as diferenças consideradas existentes entre os dois grupos devido à questão religiosa. Apesar de uns serem Católicos e outros Muçulmanos, ambos pensam e representam as coisas à sua volta enquanto seres integrantes de uma mesma

sociedade, ou seja, os indivíduos que participaram neste estudo parecem, de certo modo, partilhar quadros de apreensão, conjuntos de significações ou sistemas de categorização social, nos quais se baseiam para classificar as circunstâncias, os fenómenos e os indivíduos à sua volta.

1. Algumas Observações e Sugestões finais...

À medida que se foi realizando a revisão da literatura à luz dos objectivos e dos problemas de investigação inicialmente colocados, foram surgindo algumas questões para as quais não se encontrou uma resposta empiricamente sustentada, mas que permitiram reflexões importantes para a elaboração deste trabalho. Essas questões remetem para o conceito de Suicídio, para a sua definição – em que circunstâncias e com base em que critérios um acto pode ser ou não considerado como Suicídio, é ou não considerado por todas as pessoas face a uma mesma situação, etc.

Alguns dos resultados encontrados neste estudo, principalmente os relativos ao fenómeno do Terrorismo (visto que muito pouco foi feito nesse campo), podem ser uma mais-valia na análise e compreensão destes fenómenos. Foram encontrados resultados bastantes interessantes e factores relevantes na compreensão destes fenómenos, nomeadamente no Terrorismo – por exemplo, não só os factores sociais, políticos, de grupo e/ou religiosos se salientam na compreensão deste fenómeno, como já foi constatado por alguns investigadores, mas também factores de índole pessoal e psicopatológico como os Afectos, os Sentimentos, a Fragilidade e/ou a Perturbação Psicológica das pessoas que vivem, directa ou indirectamente, o fenómeno do Terrorismo, se mostram relevantes para a sua compreensão. Assim sendo, estes últimos factores devem-se ter igualmente em conta quando se fala e trabalha com o fenómeno do Terrorismo.

Depois de realizado este trabalho, uma outra temática poderia também ser estudada em associação ao Suicídio, como se fez neste estudo com o Terrorismo: a questão da *Eutanásia*. É um assunto igualmente importante e relevante, marcado pelo grande sofrimento das pessoas que se encontram face a essa situação e pela grande ambivalência e controvérsia que provoca na opinião pública.

Algumas Limitações deste estudo...

- ∅ O questionário aplicado era bastante longo (aplicação com uma duração média de cerca de 30 minutos), o que poderá ter desmotivado as pessoas no seu preenchimento;
- ∅ As amostras utilizadas neste estudo foram recolhidas em cidades diferentes (Católicos – Aveiro/Muçulmanos – Lisboa), o que poderá ter influenciado os resultados obtidos.

V. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Adamgy, M. Y. (2001). *O Islão não é a fonte do Terrorismo, mas sim a sua Solução*. Consultado em 5 de Fevereiro de 2006 através de <http://www.alfurqan.pt/temas/html>

Adamgy, M. Y. (2005). *O Islão, História e Conceitos* (2ªed.). Loures: Al Furqán.

Amâncio, L. (2000). Identidade Social e Relações Intergrupais. In J. Vala & M. B. Monteiro (Eds.), *Psicologia Social* (4ªed.) (pp. 287-352). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Amaral, V. (2004). *Inteligências: Estudos das Representações Sociais da Inteligência – Perspectivas Desenvolvimentistas e do Género e Dinâmicas Representacionais* (Dissertação de Doutoramento em Psicologia Social e Organizacional: especialidade em Psicologia Social). Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa – Departamento de Psicologia Social e das Organizações.

Areal, F. (1996). Factores de Risco no Suicídio. In *VI Congresso Internacional de Psiquiatria S. João de Deus: Desafios Actuais da Psiquiatria e Saúde Mental, Lisboa, Évora e Montemor-o-Novo* (pp. 411-433). Lisboa: Editorial Hospitalidade.

Ballone, G. J. (2004). *O Suicídio no Adolescente*. Consultado em 29 de Outubro de 2005 através de <http://virtualpsy.locaweb.com.br/index.php?art=59&sec=20>

Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Bertolote, J. M. (2000). *Prevenir o Suicídio – Um Guia para Profissionais dos media*. Consultado em 6 de Novembro de 2005 através de http://www.spsuicidologia.pt/docs/who_gpm_pt.pdf

Blanche, H. T. & Parkes, C. M. (2003). O Cristianismo. In C. M. Parkes, P. Laungani & B. Young (Eds.), *Morte e Luto através das Culturas* (1ªed.) (pp. 155-171). Lisboa: Climepsi Editores.

Bond, M. (2004). The Making of a Suicide Bomber. *New Scientist*, 182 (2447), 34-37. Consultado em 3 de Janeiro de 2006 através da PsyqWEB database.

Braconnier, A. & Marcelli, D. (2000). *As mil faces da adolescência*. Lisboa: Climepsi Editores.

Câmara, A. C. & Robalo, M. (2006). À mesa com a religião. *Expresso, Única – Confrontos de Fé*, 1741, 50-59.

Carmo, O. (2006). Bento XVI e Bartolomeu I assinam Declaração Comum. *Agência Ecclesia – Internacional*. Consultado em 5 de Outubro de 2006 através de <http://www.agencia.ecclesia.pt/noticia.asp?noticiaid=39867>

Cebrian, J. L. (2005). Entrevista. *Visão – As Al Qaedas que ameaçam a Europa*, 578, 14.

Correia, J. (2004). *As Representações Sociais do Suicídio em Adolescentes com e sem Tentativas de Suicídio* (Monografia de Licenciatura em Psicologia Social). Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

Cunha, A. P. G. (2005). *O Mediterrâneo: a Juventude, a Europa e o Magrebe*. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa – Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.

Cymerman, H. (2004). *Entrevistas no Centro do Mundo*. Parede: Prime Books.

Der Spiegel (2005). Deus Desapareceu no Ocidente. *Al Furqán – Órgão para a Divulgação do Islamismo*, (148), 18-19.

Doise, W., Deschamps, J. C. & Mugny, G. (1980). *Psicologia Social Experimental* (1ªed., Coleção Manuais Universitários 18). Lisboa: Moraes Editores.

Donini, A. (1988). *História do Cristianismo – das origens a justiniano*. Lisboa: Edições 70.

Doron, P. & Parot, F. (2001). *Dicionário de Psicologia*. Lisboa: Climepsi Editores.

Duarte, C. S. (2005). Terrorismo Debatido na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa. *Al Furqán – Órgão para a Divulgação do Islamismo*, (147), 21-22.

Durkheim, E. (1991). *Suicídio: Estudo Sociológico*. Lisboa: Presença.

Fernandes, L. F. (2004). As Sociedades Contemporâneas e a Ameaça Terrorista. In A. Moreira (coord.), *Terrorismo* (2ª ed) (pp. 459-481). Coimbra: Almedina.

Fleischmann, A. & Bertolote, J. M. (2000). Who – Suicide Prevention Supre, Multisite Intervention Study on Suicidal Behaviour. *Management of Mental and Brain Disorders, Department of Mental Health and Substance Dependence (WHO)*. Consultado a 15 de Janeiro de 2006, através do site http://www.who.int/mental_health/PDFdocuments/SUPRE-MISS.pdf.

Ghazali, S. (2002). *Os Homens-Bomba são o resultado terrível, mas inevitável, de décadas de desespero – Site da História Islâmica, Actualidades*. Consultado em 8 de Janeiro através de http://terrornapalestina.home.sapo.pt/ibnkhaldoun_2000/atualidade126.htm

Hewstone, M., Jaspars, J. & Lalljee, M. (1982). Social Representations, Social Attribution and Social Identity: the Intergroup Images of “Public” and “Comprehensive” Schoolboys. *European Journal of Social Psychology*, 12, 241-269.

Houzel, D., Emmanuelli, M. & Moggio, F. (2004). *Dicionário de Psicopatologia da Criança e do Adolescente*. Lisboa: Climepsi Editores.

Iribarne, M. F. (2004). El Terrorismo hoy. In A. Moreira (coord.), *Terrorismo* (2ª ed) (pp. 159-194). Coimbra: Almedina.

Jodelet, D. (1984). Représentation Sociale: Phénomène, Concept et Théorie. In S. Moscovici (Ed.), *Psychologie Sociale* (1ªed.) (pp. 357-378). Paris: Presses Universitaires de France.

Kamal, Z. & Loewenthal, K. M. (2002). Suicide Beliefs and Behaviour among Young Muslims and Hindus in the UK. *Mental Health, Religion & Culture*, 5 (2), pp. 111-118. Consultado em 8 de Janeiro de 2006 através da PsyqARTICLES database.

Kasper, W. (2004). ZENIT – O Mundo visto de Roma. *Desarmar o Terror: um papel para os fiéis* (Encontro “Religiões e Culturas” da Comunidade de Santo Egídio). Consultado em 19 de Maio de 2006 através de <http://www.zenit.org/portuguese/visualizza.phtml>

Koch, H. J. (2005). Suicides and Suicide Ideation in the Bible: an Empirical Survey [Abstract]. *Acta Psychiatrica Scandinavica*, 112 (3), 167-172. Consultado em 12 de Fevereiro de 2006, através da PsiqWEB database.

Marirrodriga, J. (2004). Perfil – O Líder dos Suicidas. *Visão – Os verdadeiros salários dos Portugueses*, 577, 78.

Maroco, J. & Bispo, P. (2003). *Estatística Aplicada às Ciências Sociais e Humanas*. Lisboa: Climepsi Editores

McGeary, J. (2004). Terrorismo – Quem é o inimigo agora. *Visão – Os verdadeiros salários dos Portugueses*, 577, 80.

Moscovici, S. (1998). The History and Actuality of Social Representations. In U. Flick (Ed.), *Psychology of the Social* (pp. 209-247). Cambridge: Cambridge University.

Moscovici, S. (2004). *Psicologia Social – Representações Sociais (investigações em psicologia social)* (2ªed.). Petrópolis: Editora Vozes.

Neto, F. (1998). Representações Sociais. In F. Neto (Ed.), *Psicologia Social – Volume I* (pp. 423-461). Lisboa: Universidade Aberta.

Oliveira, A., Sampaio, D. & Amâncio, L. (2004). Perscrutando o fim...Representações Sociais da Morte e do Suicídio na Adolescência. In J. Vala, M. Guerredo, P. Alcobia (Eds.), *Percursos de Investigação em Psicologia Social e Organizacional* (pp. 53-73). Lisboa: Edições Colibri.

Ordaz, O. (1995). *Representações Sociais do Suicídio na Imprensa Escrita* (Tese de Mestrado em Psicologia Social). Lisboa: ISCTE.

Ordaz, O. & Vala, J. (1997). Objectivação e Ancoragem das Representações Sociais do Suicídio na Imprensa Escrita. *Análise Social*, 143-144 (XXXII), 847-874.

Ordaz, O., Vinagre, G., Santos, N., Gouveia-Pereira, M., Oliveira, A. & Sampaio, D. (2003). Representações Sociais do Suicídio em Jovens com Comportamentos Auto-Destrutivos. *Psiquiatria clínica*, 24 (2), 147-153.

Palmonari, A. & Doise, W. (1986). Caractéristiques des Représentations Sociales. In W. Doise (Ed.), *Études des Représentations Sociales* (pp. 12-33). Neuchatel: Delachaux et Nettle.

Páez, D. (1987). *Pensamiento, Individuo y Sociedad: Cognition y Representation Social*. Madrid: Editorial Fundamentos.

Parkes, C. M., Laungani, P. & Young, B. (2003). Quadro Conceptual: Temas Históricos e Culturais. In C. M. Parkes, P. Laungani & B. Young (Eds.), *Morte e Luto através das Culturas* (1ªed.) (pp. 15-37). Lisboa: Climepsi Editores.

Pedro, F. C. & Coulon, O. M. A. F. (1989). *Cristianismo*. Consultado em 5 de Fevereiro de 2006, através de <http://www.hystoria.hpg.ig.com.br/roma5.html>

Peixoto, F. (2003). *Auto-Estima, Auto-Conceito e Dinâmicas Relacionais* (Tese de Doutoramento em Psicologia Educacional). Braga: Universidade do Minho – Instituto da Educação e Psicologia.

Peixoto, B. & Azenha, S. (2006). Aspectos Históricos, Filosóficos e Conceptuais do Suicídio. In B. Peixoto, C. Braz Saraiva & D. Sampaio (coords.), *Sociedade Portuguesa de Suicidologia* (1ª ed) (pp. 19-50). Lisboa: Sociedade Portuguesa de Suicidologia.

Perina, K. (2002). Suicide Terrorism – seeking motives beyond mental illness. *Psychology Today*, 35 (5), 15.

Post, J. M., Ruby, K. G. & Shaw, E. D. (2002). The Radical Group in Context: Identification of Critical Elements in the Analysis of Risk for Terrorism by Radical Groups Type. *Studies in Conflict & Terrorism*, 25, 101-126.

Qadir, S. (2001). The concept of International Terrorism – an interim study of South Asia. *The Round Table*, 2001 (360), 333-343. Consultado em 30 de Março de 2006, através das Publicações Periódicas Online de A a Z.

Ragip, H. S. M. (2000). O Islão e as Ciências Médicas. *Revista Mundo da Saúde*, (Nov/Dez). Consultado em 8 de Janeiro de 2006, através de http://www.halvetijerrahi.org.br/jerrahi/Artigos_Palestras/O_Islam_e_as_Ciencias_medicas/o_Islam_e_as_ciencias_medicas.html

Raposo, H. (2005). *Totalitarismo Islamita, outro Mundo*. Consultado em 18 de Dezembro de 2005, através de http://www.revista-atlantico.com.pt/12_dossier/dossier_07_2005_HenriqueRaposo.htm

Sales, F. (2004). Palestina – A hora da vingança. *Visão – Os verdadeiros salários dos Portugueses*, 577, 74.

Sampaio, D. (2002a). *Ninguém Morre Sozinho – o Adolescente e o Suicídio* (13ªed.). Lisboa: Caminho.

Sampaio, D. (2002b). Suicídio e Para-suicídio. In J. C. Dias Cordeiro (Ed.), *Manual de Psiquiatria Clínica* (2ªed.) (pp. 395-405). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Sampaio, D., Oliveira, A., Vinagre, M. G., Gouveia-Pereira, M., Santos, N. & Ordaz, O. (2000). Representações Sociais do Suicídio em estudantes do ensino secundário. *Análise Psicológica*, 2 (XVIII), 139-155.

Santos, A. (2005). Terrorismo, Religião e Suicídio. *Africamente – Opinião*. Consultado em 19 de Maio de 2006 através de http://www.africamente.com/africamente/artigo.asp?cod_artigo=167097&cod_seccao=51778

Saraiva, C. B. (1999). *Para-Suicídio. Contributo para uma Compreensão Clínica dos Comportamentos Suicidários Recorrentes*. Coimbra: Quarteto Editora.

Sardar, Z. (2002). Acts beyond Religious Belief. *Futurist*, 36 (1), 18-19. Consultado em 12 de Janeiro de 2006, através da PsycWEB database.

Shermer, M. (2006). Murdercide. *Scientific American*, 294 (1), 34. Consultado em 3 de Janeiro de 2006 através da PsycWEB database.

Silva, A. P. (2004). Terrorismo – Europa de nervos em franja. *Visão – Quando o Corpo Arde*, 580, 30.

Tiesler, N. C. (SD). *Muçulmanos na Margem – A Nova Presença Islâmica em Portugal*. Consultado em 18 de Dezembro de 2005 através de <http://www.macua.org/MuçulmanosemPortugal.pdf>

Vala, J. (1999). A Análise de Conteúdo. In A. S. Silva & J. M. Pinto (Orgs.), *Metodologia das Ciências Sociais* (10ªed.) (pp. 101-127). Lisboa: Biblioteca Ciências do Homem – Edições Afrontamento.

Vala, J. (2002). Representações Sociais e Psicologia Social do Conhecimento Quotidiano. In J. Vala & M. B. Monteiro (Eds.), *Psicologia Social* (5ªed.) (pp. 457-502). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Vaz Marques, C. (2005). Fundamentalismo Islâmico. *Apontamento*. Consultado em 8 de Janeiro de 2006, através de http://www.apontamento.blogspot.com/2005_12_01_apontamento_archive.html

Sites consultados:

Sociedade Portuguesa de Suicidologia (SPS) – www.spsuicidologia.pt

Núcleo de Estudos do Suicídio (NES) – www.tu-importas.org



ISPA | Instituto Superior de Psicologia Aplicada

ANEXOS

Anexo A

*Guião das Entrevistas realizadas para a construção do **Quadro de Metáforas** referentes ao **Terrorismo***

Eu sou uma aluna do 5º ano do curso de Psicologia do Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA). Estou a realizar um estudo no âmbito da minha Monografia de Final de Curso na área da Psicologia Clínica, com questões relacionadas com a Temática do Terrorismo. Deste modo, gostaria que me falasse um pouco sobre esta temática.

☞ O que é, para si, o Terrorismo? O que pensa sobre o Terrorismo?

☞ Porquê?

☞ De certo já ouviu os meios de comunicação – os jornais, a televisão, etc – falarem de pessoas que se matam e que matam outras com elas. O que pensa sobre elas?

☞ Diga as primeiras cinco palavras que lhe vierem à ideia quando pensa neste assunto.

Anexo B

***Questionário referente às Representações Sociais do Suicídio e do Terrorismo
(Versão I e Versão II)***

Apresentação e Instruções para o Preenchimento do Questionário

Sou uma aluna do 5º ano do curso de Psicologia Aplicada do Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA).

Este questionário serve de base a um estudo que estou a realizar no âmbito da minha Monografia de Final de Curso na área da Psicologia Clínica, através do qual se pretende conhecer alguns aspectos relacionados com a vida das pessoas.

Estou convicta que não é fácil a resposta a algumas questões que lhe coloco, pelo facto de serem assuntos sobre os quais não é costume falar e que são difíceis de abordar. Tenho, contudo, a certeza que compreenderá a necessidade destas informações para compreender melhor este problema – infelizmente cada vez mais actual –, no sentido de poder ajudar algumas pessoas.

Este questionário é totalmente **anónimo**, por isso peço-lhe que não escreva o seu nome ou deixe qualquer identificação nas folhas do inquérito.

Não há respostas certas nem erradas, interessa-nos a sua opinião sincera.

Pedimos-lhe ainda que preencha o questionário na **íntegra**, pois se não o fizer ele será considerado inválido e todo o seu esforço será desaproveitado.

Obrigada pela sua colaboração!

Carina Terra

O **Suicídio** é uma preocupação da sociedade actual. Gostaria que partilhasse algumas das suas ideias e sentimentos sobre esta questão. Não há respostas certas nem erradas.

Pense no exemplo utilizado com a palavra música – “Musica faz-me pensar em:

- (1) Curtir;
- (2) Descanso
- (3) Concerto
- (4) Metálica
- (5) Luzes, Etc.

Interessam as primeiras palavras que livremente lhe vêm á cabeça. Não há respostas certas nem erradas.

Quando pensa em Suicídio, vêm-lhe à ideia algumas coisas. Peço-lhe que escreva pelo menos as cinco primeiras palavras que lhe ocorrem quando pensa nisso.

O Suicídio faz-me pensar em...

Quando pensa em Suicídio, também sente algumas coisas. Peço-lhe que escreva os primeiros cinco sentimentos que lhe ocorrem quando pensa nisso.

O Suicídio faz-me sentir...

Imagine agora uma pessoa que se tenha suicidado; tente descrevê-la no que lhe parece que a caracteriza melhor. Como será ela? Peço-lhe que escreva as primeiras cinco palavras que lhe ocorrem quando imagina essa pessoa.

Uma pessoa suicida é...

Pense, também, nas possíveis causas que poderão ter estado por trás do Suicídio cometido por uma pessoa. Peça-lhe que escreva as primeiras cinco causas que lhe ocorrem quando pensa nisso.

As causas que poderão levar uma pessoa a cometer Suicídio são...

Para si o Suicídio é...

Assinale com uma X as afirmações com as quais está mais de acordo.

“Um acto da coragem.”		“Uma viagem.”		“Uma agressão.”	
“Uma vingança.”		“Uma loucura.”		“Uma despedida.”	
“Um castigo.”		“Um espectáculo.”		“Uma moda.”	
“Uma fuga.”		“Uma nova experiência.”		“Uma desistência.”	
“Uma solução para os problemas.”		“Um acto de romantismo/amor.”		“Um salto no desconhecido.”	
“Uma saída.”		“Uma renúncia.”		“Um acto dramático.”	
“Um pedido de ajuda.”		“Uma exibição.”		“Uma luta.”	
“Um acto de cobardia.”		“Uma mensagem.”		“Um mistério.”	
“Um desafio.”					

Muitas vezes a forma como vemos estas questões está ligada à nossa própria experiência de vida. Desta forma, gostaria que respondesse a algumas perguntas de carácter mais pessoal.

Para cada frase deve colocar um círculo no número que entender ir mais de encontro com o seu caso.

Já alguma vez teve ideias de suicídio?

1 **2** **3** **4**
(Nunca) (Uma vez) (Duas vezes) (Mais do que duas vezes)

Já alguma vez se tentou suicidar?

1 **2** **3** **4**
(Nunca) (Uma vez) (Duas vezes) (Mais do que duas vezes)

Conhece alguém que tenha feito tentativas de suicídio ou que se tenha suicidado?

Sim Não

Se sim, indique quem: Amigos Conhecidos Vizinhos Colegas

Familiares: Pai Mãe Irmãos Avós

Outros _____

Na sua opinião, a sua religião ajuda-o a não ter ideias de suicídio?

Sim Não

Porquê?

O **Terrorismo** é, igualmente, uma preocupação da sociedade actual. Gostaria que partilhasse algumas das suas ideias e sentimentos sobre esta questão. Não há respostas certas nem erradas.

Quando pensa em Terrorismo vêm-lhe à ideia algumas coisas. Peço-lhe que escreva pelo menos as cinco primeiras palavras que lhe ocorrem quando pensa nisso.

O Terrorismo faz-me pensar em...

Quando pensa em Terrorismo também sente algumas coisas. Peço-lhe que escreva os primeiros cinco sentimentos que lhe ocorrem quando pensa nisso.

O Terrorismo faz-me sentir...

Imagine agora uma pessoa que morre para concretizar uma acção considerada como terrorista (designado de “homem-bomba”). Tente descrevê-la no que lhe parece que a caracteriza melhor. Como será ela? Peço-lhe que escreva as primeiras cinco palavras que lhe ocorrem quando imagina essa pessoa.

Uma pessoa que morre para concretizar uma acção considerada como terrorista é...

Pense, também, nas possíveis causas que poderão ter estado por trás do acto de uma pessoa que morre para concretizar uma acção considerada terrorista. Peço-lhe que escreva as primeiras cinco causas que lhe ocorrem quando pensa nisso.

As causas que poderão levar uma pessoa a dar a sua vida para concretizar uma acção considerada terrorista são...

Para si o Terrorismo é...

Assinale com uma X as afirmações com as quais está mais de acordo.

“Acto de desespero”		“Ataques Bárbaros”		“Violência”	
“Crime cometido contra a Humanidade”		“Loucura Fundamentalista”		“Reacção Extremada por um Desacordo de Ideias”	
“Ameaça Permanente”		“Radicais”		“Mártires”	
“Extremistas”		“Luta por um Ideal”		“Incerteza”	
“Medo”		“Acto de Cobardia”		“Terror”	
“Morrer por uma Causa”		“Onda de Sofrimento”		“Ódio”	
“Forma de defenderem as suas opiniões, valores”		“Manifestar algo que desagrade à pessoa”		“Chamar a Atenção”	
“Acto Heróico”		“Insatisfação”		“Incompreensão”	
“Acto Condenável”		“Meter Medo em Alguém”		“Atentado Suicida”	
“Matar o Inimigo”		“Vingança desesperada contra Comunidades”		“Sem Meios e Mecanismos próprios para dar Justiça”	
“Luta Desigual”		“Pânico”		“Vaga de Morte e Destruição”	

Gostávamos de começar por conhecê-lo (a) um pouco, por isso pedimos-lhe que preencha os seguintes dados:

Sexo:	Masculino	<input type="checkbox"/>	Feminino	<input type="checkbox"/>
Idade:	_____			
Habilitações:	_____			
Profissão:	_____			
Nacionalidade:	_____			
Religião:	_____			
É praticante:	Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>

Se o problema do suicídio o(a) preocupa e quiser falar sobre ele, pode contactar: **Núcleo de Estudos do Suicídio** – Serviço de Psiquiatria do Hospital de Santa Maria. Av. Egas Moniz, 1600 Lisboa.
Telefone nº 21 7976879
<http://www.tu-importas.org>

Mais uma vez, muito obrigada pela sua colaboração!

Apresentação e Instruções para o Preenchimento do Questionário

Sou uma aluna do 5º ano do curso de Psicologia Aplicada do Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA).

Este questionário serve de base a um estudo que estou a realizar no âmbito da minha Monografia de Final de Curso na área da Psicologia Clínica, através do qual se pretende conhecer alguns aspectos relacionados com a vida das pessoas.

Estou convicta que não é fácil a resposta a algumas questões que lhe coloco, pelo facto de serem assuntos sobre os quais não é costume falar e que são difíceis de abordar. Tenho, contudo, a certeza que compreenderá a necessidade destas informações para compreender melhor este problema – infelizmente cada vez mais actual –, no sentido de poder ajudar algumas pessoas.

Este questionário é totalmente **anónimo**, por isso peço-lhe que não escreva o seu nome ou deixe qualquer identificação nas folhas do inquérito.

Não há respostas certas nem erradas, interessa-nos a sua opinião sincera.

Pedimos-lhe ainda que preencha o questionário na **íntegra**, pois se não o fizer ele será considerado inválido e todo o seu esforço será desaproveitado.

Obrigada pela sua colaboração!
Carina Terra

O **Terrorismo** é, igualmente, uma preocupação da sociedade actual. Gostaria que partilhasse algumas das suas ideias e sentimentos sobre esta questão. Não há respostas certas nem erradas.

Pense no exemplo utilizado com a palavra música – “Musica faz-me pensar em: (1) Curtir;
(2) Descanso
(3) Concerto
(4) Metálica
(5) Luzes, etc.

Interessam as primeiras palavras que livremente lhe vêm á cabeça. Não há respostas certas nem erradas.”

Quando pensa em Terrorismo vêm-lhe à ideia algumas coisas. Peço-lhe que escreva pelo menos as cinco primeiras palavras que lhe ocorrem quando pensa nisso.

O Terrorismo faz-me pensar em...

Quando pensa em Terrorismo também sente algumas coisas. Peço-lhe que escreva os primeiros cinco sentimentos que lhe ocorrem quando pensa nisso.

O Terrorismo faz-me sentir...

Imagine agora uma pessoa que morre para concretizar uma acção considerada como terrorista (designado de “homem-bomba”). Tente descrevê-la no que lhe parece que a caracteriza melhor. Como será ela? Peço-lhe que escreva as primeiras cinco palavras que lhe ocorrem quando imagina essa pessoa.

Uma pessoa que morre para concretizar uma acção considerada como terrorista é...

Pense, também, nas possíveis causas que poderão ter estado por trás do acto de uma pessoa que morre para concretizar uma acção considerada terrorista. Peço-lhe que escreva as primeiras cinco causas que lhe ocorrem quando pensa nisso.

As causas que poderão levar uma pessoa a dar a sua vida para concretizar uma acção considerada terrorista são...

Para si o Terrorismo é...

Assinale com uma X as afirmações com as quais está mais de acordo.

“Acto de desespero”		“Ataques Bárbaros”		“Violência”	
“Crime cometido contra a Humanidade”		“Loucura Fundamentalista”		“Reacção Extremada por um Desacordo de Ideias”	
“Ameaça Permanente”		“Radicais”		“Mártires”	
“Extremistas”		“Luta por um Ideal”		“Incerteza”	
“Medo”		“Acto de Cobardia”		“Terror”	
“Morrer por uma Causa”		“Onda de Sofrimento”		“Ódio”	
“Forma de defenderem as suas opiniões, valores”		“Manifestar algo que desagrada à pessoa”		“Chamar a Atenção”	
“Acto Heróico”		“Insatisfação”		“Incompreensão”	
“Acto Condenável”		“Meter Medo em Alguém”		“Atentado Suicida”	
“Matar o Inimigo”		“Vingança desesperada contra Comunidades”		“Sem Meios e Mecanismos próprios para dar Justiça”	
“Luta Desigual”		“Pânico”		“Vaga de Morte e Destruição”	

O **Suicídio** é uma preocupação da sociedade actual. Gostaria que partilhasse algumas das suas ideias e sentimentos sobre esta questão. Não há respostas certas nem erradas.

Quando pensa em Suicídio, vêm-lhe à ideia algumas coisas. Peço-lhe que escreva pelo menos as cinco primeiras palavras que lhe ocorrem quando pensa nisso.

O Suicídio faz-me pensar em...

Quando pensa em Suicídio, também sente algumas coisas. Peço-lhe que escreva os primeiros cinco sentimentos que lhe ocorrem quando pensa nisso.

O Suicídio faz-me sentir...

Imagine agora uma pessoa que se tenha suicidado; tente descrevê-la no que lhe parece que a caracteriza melhor. Como será ela? Peço-lhe que escreva as primeiras cinco palavras que lhe ocorrem quando imagina essa pessoa.

Uma pessoa suicida é...

Pense, também, nas possíveis causas que poderão ter estado por trás do Suicídio cometido por uma pessoa. Peço-lhe que escreva as primeiras cinco causas que lhe ocorrem quando pensa nisso.

As causas que poderão levar uma pessoa a cometer Suicídio são...

Para si o **Suicídio** é...

Assinale com uma X as afirmações com as quais está mais de acordo.

“Um acto da coragem.”		“Uma viagem.”		“Uma agressão.”	
“Uma vingança.”		“Uma loucura.”		“Uma despedida.”	
“Um castigo.”		“Um espectáculo.”		“Uma moda.”	
“Uma fuga.”		“Uma nova experiência.”		“Uma desistência.”	
“Uma solução para os problemas.”		“Um acto de romantismo/amor.”		“Um salto no desconhecido.”	
“Uma saída.”		“Uma renúncia.”		“Um acto dramático.”	
“Um pedido de ajuda.”		“Uma exibição.”		“Uma luta.”	
“Um acto de cobardia.”		“Uma mensagem.”		“Um mistério.”	
“Um desafio.”					

Muitas vezes a forma como vemos estas questões está ligada à nossa própria experiência de vida. Desta forma, gostaria que respondesse a algumas perguntas de carácter mais pessoal.

Para cada frase deve colocar um círculo no número que entender ir mais de encontro com o seu caso.

Já alguma vez teve ideias de suicídio?

1 **2** **3** **4**
(Nunca) (Uma vez) (Duas vezes) (Mais do que duas vezes)

Já alguma vez se tentou suicidar?

1 **2** **3** **4**
(Nunca) (Uma vez) (Duas vezes) (Mais do que duas vezes)

Conhece alguém que tenha feito tentativas de suicídio ou que se tenha suicidado?

Sim Não

Se sim, indique quem: Amigos Conhecidos Vizinhos Colegas

Familiares: Pai Mãe Irmãos Avós

Outros _____

Na sua opinião, a sua religião ajuda-o a não ter ideias de suicídio?

Sim Não

Porquê?

Gostávamos de começar por conhecê-lo (a) um pouco, por isso pedimos-lhe que preencha os seguintes dados:

Sexo:	Masculino	<input type="checkbox"/>	Feminino	<input type="checkbox"/>
Idade:	_____			
Habilitações:	_____			
Profissão:	_____			
Nacionalidade:	_____			
Religião:	_____			
É praticante:	Sim	<input type="checkbox"/>	Não	<input type="checkbox"/>

Se o problema do suicídio o (a) preocupa e quiser falar sobre ele, pode contactar: **Núcleo de Estudos do Suicídio** – Serviço de Psiquiatria do Hospital de Santa Maria. Av. Egas Moniz, 1600 Lisboa.
Telefone nº 21 7976879
<http://www.tu-importas.org>

Mais uma vez, muito obrigada pela sua colaboração!

Anexo C

Quadros referentes à Análise de Conteúdo

Parte I – Pensamentos despoletados pelo Suicídio

(“Quando pensa em **Suicídio**, vêm-lhe à ideia algumas coisas. (...) O Suicídio faz-me pensar em...”)

Dimensões	Categorias	Freq.
Dimensão Intra-Individual	<u>Afectos</u> “Desespero” (47), “Tristeza” (11), “Sofrimento” (10), “Medo” (9), “Insatisfação” (6), “Angústia” (6), “Infelicidade” (4), “Dor” (4), “Revolta” (4), “Desilusão” (2), “Vergonha” (2), “Ódio” (2), “Desgosto” (1), “Raiva” (1), “Descontentamento” (1), “Agonia” (1), “Má gestão das emoções” (1), “Insegurança” (1)	(113)
	<u>Doença/Perturbação Psicológica</u> “Doença” (7), “Loucura” (6), “Depressão” (4), “Perturbação Mental” (3), “Problemas” (5), “Desequilíbrio” (2), “Confusão” (2), “Pânico” (2), “Esgotamento” (1), “Ansiedade” (1), “Desordem” (1), “Alienação” (1), “Demência” (1)	(36)
	<u>Desistência/Falta de Razões para viver</u> “Desistência” (6), “Falta de objectivo/sentido para a vida” (5), “Saturação” (1), “Desmotivação” (1), “Desânimo” (1), “Farta de viver” (1)	(15)
	<u>Incapacidade/Fragilidade Psicológica</u> “Fraqueza” (6), “Frustração” (5), “Falta de auto-estima” (2), “Incapacidade de resolver os problemas” (2), “Fracasso” (2) “Falta de paz” (1), “Impotência” (1), “Não-aceitação pessoal” (1)	(20)
	<u>Solidão</u> “Solidão” (16), “Vazio” (1)	(17)
201		
Dimensão Inter-Individual	\varnothing <i>Dificuldades ao Nível da Relação com os Outros</i> <u>A Nível Social</u> “Injustiça” (3), “Carências” (3), “Isolamento” (1), “Falta de enquadramento na sociedade” (1), “Miséria” (1), “Vítima” (1)	(10)
	<u>A Nível Afectivo</u> “Incompreensão” (4), “Abandono” (3), “Desamor” (2), “Falta de Apoio” (2), “Perda” (2), “Família” (1), “Provocar dor” (1), “Separações” (1), “Desprezo” (1), “Humilhação” (1), “Carência afectiva” (1)	(19)
29		
	<u>Crítica</u> “Cobardia” (11), “Egoísmo” (2), “Crime” (2), “Falta de Coragem” (2), “Absurdo” (2), “Nojo” (1), “Estupidez” (1), “Incompreensível” (1), “Irresponsabilidade” (1), “Saída fácil” (1), “Medo de viver” (1)	(25)

Imagens associadas ao Suicídio	<u><i>Ilusão Romântica</i></u> "Tragédia" (4), "Vingança" (3), "Coragem" (3), "Drama" (2), "Renúncia" (1)	(13)
	<u><i>Morte/Fim</i></u> "Morte" (10), "Fim" (8), "Parar" (1), "Desaparecer" (1), "Silêncio" (1), "Escurecimento" (1), "Alívio" (1), "Partir" (1), "Paz" (1)	(25)
	<u><i>Dependências</i></u> "Drogas" (2), "Álcool" (1), "Medicamentos químicos" (1)	(4)
	<u><i>Fuga/Saída</i></u> "Fuga" (9), "Libertação" (3), "Saída alternativa" (1), "Saída Fácil" (1)	(14)
	<u><i>Ausência de Solução/Saída</i></u> "Falta de solução" (1), "Beco sem saída" (1), "Abismo" (1)	(3)
		84
Dimensão Religiosa	<u><i>Questão Espiritual</i></u> "Ausência de religião" (1), "Religião" (1), "Falta de fé" (1), "Pecado" (1), "Perturbação Espiritual" (1)	5

Parte II – Sentimentos suscitados pelo Suicídio

(“Quando pensar em **Suicídio**, também sente algumas coisas. (...) O Suicídio faz-me sentir...”)

Dimensões	Categorias	Freq.
Dimensão Intra-Individual	<u>Sentimentos de Pena/Compaixão</u> “Pena” (12), “Compreensão” (3), “Solidariedade” (3)	(18)
	<u>Sentimentos Agressivos</u> “Revolta” (8), “Indignação” (2), “Raiva” (2), “Ódio” (1), “Desprezo” (1), “Zangada” (1), “Inconformado” (1), “Frieza” (1)	(17)
	<u>Sentimentos de Medo/Angústia</u> “Medo” (17), “Desespero” (16), “Angústia” (13), “Pânico” (3), “Ansiedade” (2), “Arrepiada” (2), “Aterrorizada” (1), “Terror” (1), “Aflição” (1), “Nervos” (1), “Insegurança” (1)	(58)
	<u>Sentimentos de Tristeza/Dor</u> “Tristeza” (46), “Dor” (8), “Mal-estar” (5), “Infelicidade” (5), “Sofrimento” (5), “Desgosto” (1), “Desilusão” (1), “Descontente” (1), “Amargura” (1), “Desapontamento” (1), “Mágoa” (1)	(75)
	<u>Sentimentos de Surpresa/Incompreensão</u> “Incompreensão” (5), “Estupefacta/Perplexa” (2), “Surpresa” (1), “Impensável” (1), “Chocado” (1)	(10)
	<u>Sentimentos de Incapacidade/Impotência</u> “Incapacidade” (4), “Impotência” (3), “Frustração” (3), “Fraqueza” (2)	(12)
	<u>Sentimentos de Preocupação/Incerteza</u> “Pensativo” (8), “Incómodo” (4), “Preocupado” (2), “Incerteza” (1), “Dúvida” (1), “Questionar” (1)	(17)
	<u>Solidão</u> “Solidão” (6), “Vazio” (5)	(11)
	<u>Doença/Perturbação Psicológica</u> “Desorientação” (3), “Confuso” (3), “Loucura” (2), “Stressado” (1), “Doença” (1)	(10)
		228

<p>Dimensão Inter-Individual</p>	<p><u>Dificuldades ao Nível da Relação com os Outros</u></p> <p>“Abandono” (4), “Falta de diálogo/comunicação” (2), “Isolamento” (2), “Vergonha” (2), “Falta de apoio” (1), “Falta de amor” (1), “Carência Afectiva” (1), “Comandado” (1), “Injustiça” (1), “Falta de Ajuda” (1)</p>	<p>16</p>
<p>Imagens associadas ao Suicídio</p>	<p><u>Crítica</u></p> <p>“Cobardia” (3), “Ingratidão” (2), “Falta de sentimentos” (1), “Condenável” (1), “Nojo” (1), “Hipocrisia” (1), “Inadmissível” (1), “Incorrecto” (1), “Desumano” (1), “Ignorância” (1), “Erro” (1), “Não valorizar o ser humano” (1), “Falta de fé” (1), “Ridícula” (1), “Mal-formada” (1)</p> <p><u>Coragem/Esperança</u></p> <p>“Coragem” (1), “Lutador” (1), “Ilha num mar de frustração” (1), “Vida é bela” (1), “Amanha é outro dia” (1), “Poder fazer algo para evitar” (1)</p> <p><u>Desistência/Saturação</u></p> <p>“Cansada” (2), “Desânimo” (2), “Desistência” (1), “Farto da vida” (1), “Resignada” (1), “Estagnada” (1), “Saturação” (1)</p> <p><u>Apelo/Pedido de Ajuda</u></p> <p>“Aviso/Alerta” (2), “Chamada de Atenção” (2)</p>	<p>(18)</p> <p>(6)</p> <p>(9)</p> <p>(4)</p> <p>37</p>

Parte III – Descrição/Caracterização da pessoa que comete Suicídio

(“Imagine agora uma pessoa que se tenha **suicidado**; tente descrevê-la no que lhe parece que a caracteriza melhor. Como será ela? (...) Uma pessoa suicida é...”)

Dimensões	Categorias	Freq.
Dimensão Intra-Individual	<u>Afectos</u> “Desesperada” (28), “Infeliz” (15), “Triste” (13), “Revoltada” (5), “Desiludida” (5), “Angustada” (4), “Inconformada” (2), “Amargurada” (2), “Magoada” (2), “Turbilhão de emoções” (1), “Medo” (1), “Insatisfeita” (1), “Descontente” (1), “Grau de Sofrimento” (1)	(81)
	<u>Incapacidade/Fragilidade Psicológica</u> “Fraca” (10), “Frágil” (4), “Frustrada” (4), “Incapacidade” (3), “Insegura” (3), “Sem auto-estima” (3), “Sofrida” (2), “Pouca auto-confiança” (1), “Inconstante” (1), “Profundo amor que não consegue concretizar” (1), “Vulnerável” (1), “Dependente” (1), “Sem Paz” (1)	(37)
	<u>Doença/Perturbação Psicológica</u> “Problemas” (8), “Doente” (7), “Deprimida” (5), “Depressiva” (4), “Desorientada” (4), “Confusa” (3), “Perturbada” (3), “Louca/Maluca” (4), “Desequilibrada” (2), “Esquizofrénico” (1), “Stressado” (1), “Descontrolada” (1), “Caótica” (1), “Traumatizada” (1), “Fora da ordem das coisas” (1), “Doente psicologicamente” (1), “Maníaco-depressiva” (1), “Desajustada” (1)	(49)
	<u>Desistência/Falta de razões para viver</u> “Cansada/Farta” (4), “Desistente” (3), “Vencida” (2), “Sem rumo” (2), “Desanimada” (2), “Desmotivado” (2), “Pessimista” (2), “Perder o sentido da vida/vontade de viver” (3), “Perdida” (2), “Sem esperança” (1), “Incrédula na vida” (1), “Sem motivos de alegria” (1), “Sem objectivos” (1), “Desalentada” (1), “Apática” (1), “Negativa” (1)	(29)
	<u>Solidão</u> “Só” (15)	(15)
	<u>Imagem Negativa</u> “Cobarde” (12), “Egoísta” (3), “Criminosa” (3), “Pobre de espírito” (3), “Irresponsável” (2), “Agressiva” (1), “Inconsciente” (1), “Sem personalidade” (1), “Incompreensível” (1), “Ilegalidade” (1), “Sem sentimento” (1), “Sem coragem” (1), “Fanática” (1), “Insensível” (1), “Extremista” (1), “Vingativa” (1), “Imperialista” (1), “Racista” (1), “Violenta” (1), “Hostil” (1), “Bárbara” (1), “Estúpida” (1), “Agressora” (1), “Destruidora” (1), “Fracassada” (1), “Maldosa” (1)	(44)
	<u>Imagem Positiva</u> “Corajosa” (7), “Decidida” (3), “Valente/Forte” (2), “Sensível” (2), “Idealista” (1)	(15)
		263

Dimensão Inter-Individual	<p><i>φ</i> <u>Dificuldades ao Nível da Relação com o Outro</u></p> <p><u>A Nível Social</u></p> <p>“Introvertido” (4), “Falhada/Fracassada” (2), “Vítima” (2), “Fechada” (1), “Isolada” (1), “Sentimento de não pertença” (1), “Meio Problemático” (1), “Desconfiança” (1), “Perseguido” (1)</p> <p>(14)</p>	
	<p><u>A Nível Afectivo</u></p> <p>“Incompreendida” (7), “Abandonado” (3), “Maltratada” (3), “Carente” (3), “Pouco afecto” (2), “Falta de apoio” (2), “Falta de amor” (1), “Humilhada” (1), “Perda” (1), “Desejo de ser notado” (1), “Deseja causar sofrimento” (1), “Preza pela honra, odeia traição” (1)</p> <p>(26)</p> <p>40</p>	
Dimensão Religiosa	<p><u>Questão Religiosa</u></p> <p>“Pouco crente em Deus” (2), “Não ama a Deus” (1), “Demasiado crente” (1), “Religião” (1)</p>	5

Parte IV – Causas associadas ao Suicídio

(“Pense, também, nas possíveis causas que poderão ter estado por trás do **Suicídio** cometido por uma pessoa. (...) As causas que poderão levar uma pessoa a cometer Suicídio são...”)

Dimensões	Categorias	Freq.
Causas Internas	<u>Afectos</u> “Desespero” (26), “Desgosto” (8), “Medo” (8), “Sofrimento” (5), “Infelicidade” (5), “Vergonha” (5), “Tristeza” (4), “Angústia” (3), “Revolta” (3), “Insatisfação” (2), “Dor” (2), “Insegurança” (2), “Ódio” (2), “Amargura” (1), “Culpa” (1), “Incerteza” (1), “Causas emocionais” (1)	(79)
	<u>Incapacidade/Fragilidade Psicológica</u> “Incapacidade” (4), “Frustração” (4), “Falta de amor-próprio” (2), “Fracasso” (2), “Perda de auto-estima” (2), “Sensação de inutilidade” (1), “Falta de realização pessoal” (1), “Não se aceitar como pessoa” (1), “Adolescente que não consegue ultrapassar as dificuldades da vida” (1)	(18)
	<u>Doença/Perturbação Psicológica</u> “Doença” (16), “Problemas” (10), “Loucura” (3), “Depressão” (2), “Doença Psíquica” (2), “Paranóia” (1), “Perturbações mentais” (1), “Causas hereditárias” (1), “Traumas” (1), “Demência” (1), “Desorientação” (1)	(38)
	<u>Desistência/Falta de razões para viver</u> “Falta de objectivos” (4), “Farta da vida” (3), “Desmotivação” (2), “Desânimo” (2), “Ausência de futuro” (2), “Desistência” (1), “Desencanto pela vida” (1), “Sem rumo” (1), “Perda de ideal” (1)	(17)
	<u>Solidão</u> “Solidão” (25), “Vazio” (1)	(26)
		178
Causas Externas	φ <u>Dificuldades a Nível da Socialização</u> <u>Exclusão Social</u> “Injustiça” (8), “Exclusão” (3), “Problemas Sociais” (1), “Confrontos desiguais” (1), “Homossexualidade” (1), “Inadaptação” (1), “Racismo” (1), “Xenofobia” (1), “Sentir que não pertence a um sítio” (1), “Desigualdade” (1), “Isolamento” (1)	(20)
	<u>Dificuldades Económicas</u> “Problemas financeiros” (7), “Problemas profissionais” (3), “Desemprego” (3), “Falta de meios” (1), “Causas Económicas” (1)	(15)
	<u>Comportamentos Desviantes</u> “Toxicoddependência” (5), “Álcool” (2)	(7)

	<p><i>∅ Dificuldades ao Nível da Relação com os Outros</i></p> <p><u>Exclusão Afectiva</u></p> <p>“Incompreensão” (13), “Falta de apoio” (4), “Abandono” (3), “Desprezo” (3), “Carência afectiva” (2), “Falta de atenção” (2), “Humilhação” (1)</p> <p><u>Família</u></p> <p>“Problemas familiares” (6), “Incompreensão Familiar” (2), “Abandono familiar” (1)</p> <p><u>Amizade/Amor</u></p> <p>“Falta de Amor” (5), “Amor” (4), “Desilusões” (4), “Perda” (3), “Falta de amigos” (3), “Relacionamentos” (3), “Causas amorosas” (2), “Crime Passional” (1), “Infidelidade” (1), “Separação conjugal ou de alguém querido” (1)</p> <p><u>Violência/Agressão</u></p> <p>“Maus-tratos” (2), “Violentada” (2), “Tortura” (1), “Agressão” (1)</p>	<p>(28)</p> <p>(9)</p> <p>(27)</p> <p>(6)</p> <p>112</p>
Imagens associadas ao Suicídio	<p><u>Crítica</u></p> <p>“Cobardia” (2), “Irreflectido” (1), “Falta de respeito” (1), “Lavagem cerebral” (1), “Falta de coragem” (1)</p> <p><u>Vingança/Desafio</u></p> <p>“Vingança” (4), “Desejo de castigar” (1), “Desafio” (1), “Enfrentar a morte” (1)</p> <p><u>Fuga/Saída</u></p> <p>“Fuga” (7), “Saída/Solução” (4), “Termo a tudo” (1), “Acabar com o sofrimento” (1), “Fim” (1), “Paz” (1)</p> <p><u>Apelo/Pedido de Ajuda</u></p> <p>“Chamar a atenção” (1), “Manifestação” (1), “Necessidade de mudança” (1), “Fazer-se notado” (1)</p>	<p>(6)</p> <p>(7)</p> <p>(15)</p> <p>(4)</p> <p>32</p>
Causas Religiosas	<p><u>Questão Espiritual</u></p> <p>“Religião” (2), “Falta de fé” (1), “Falta de confiança em Deus e em si” (1), “Fanatismo Religioso” (1)</p>	<p>5</p>

Parte V – Pensamentos despoletados pelo Terrorismo

(“Quando pensa em **Terrorismo** vêm-lhe à ideia algumas coisas. (...) O Terrorismo faz-me pensar em...”)

Dimensões	Categorias	Freq.
Dimensão Intra-Individual	<u>Afectos</u> “Medo” (12), “Sofrimento” (11), “Revolta” (10), “Ódio” (6), “Pânico” (4), “Tristeza” (3), “Dor” (2), “Insegurança” (2), “Raiva” (2), “Infelicidade” (1), “Rancor” (1), “Desespero” (1), “Angústia” (1), “Assustado” (1), “Repulsa” (1), “Mágoa” (1), “Vergonha” (1), “Indignação” (1)	(61)
	<u>Fragilidade/Perturbação Psicológica</u> “Loucura” (2), “Incapacidade” (2), “Confusão” (2), “Distúrbio” (1), “Fraqueza” (1), “Desequilíbrio” (1)	(9)
		70
Dimensão Inter-Individual	<u>Contexto Social</u> “Injustiça” (8), “Intolerância” (4), “Pobreza” (2), “Miséria” (1), “Desigualdade” (1), “Não civismo” (1), “Fome” (1)	(18)
	<u>Contexto Político</u> “Ditadura/Ocupação” (3), “Fundamentalismo” (3), “Política” (3), “Poder” (3), “Ideal” (1), “Sectorismo” (1), “Totalitarismo” (1), “Patriotismo” (1), “Economia” (1), “Mensagem Política” (1), “Opressão” (1), “Interesses Políticos” (1)	(20)
		38
Imagens associadas ao Terrorismo	<u>Crítica</u> “Fanatismo” (14), “Cobarde” (4), “Ignorância” (4), “Maldade” (3), “Estupidez” (2), “Desumanidade” (2), “Egoísmo” (1), “Insensibilidade” (1), “Extremismo” (1), “Inconsciência” (1), “Obsessão” (1), “Irracionalidade” (1), “Gente inculta” (1), “Desrespeito” (1), “Irresponsabilidade” (1), “Grupo sem coração” (1), “Crueldade” (1), “Limitação” (1)	(41)
	<u>Contexto de Morte/Violência</u> “Morte” (36), “Destruição” (19), “Violência” (17), “Guerra” (13), “Terror” (10), “Sangue” (7), “Desgraça” (6), “Bombas” (6), “Armas” (4), “Horror” (4), “Assassínio” (4), “Inocentes” (3), “Catástrofe” (3), “Crianças” (2), “Crime” (2), “Tragédia” (2), “Barbárie” (2), “Pessoas a gritar” (1), “Feridos” (1), “Ataques bombistas” (1), “Vítima” (1), “Explosão” (1), “Agressão” (1), “Roubos” (1), “Mutilação” (1), “Massacre” (1)	(149)
	<u>Apelo/Pedido de Ajuda</u> “Chamada de atenção” (1), “Pedido de ajuda” (1), “Haver uma razão, um motivo” (1), “Mensagem” (1)	(4)
	<u>Vingança</u> “Vingança” (10), “Fazer mal à humanidade” (1), “Grupo que só pensa em matar” (1)	(12)

	<u>Protagonistas</u> "Árabes" (3), "Bin Laden" (3), "América" (2), "Muçulmanos" (1), "Al-Qaeda" (1), "Suicidas" (1), "George W. Bush" (1), "Islão" (1), "Iraque" (1), "Saddam Huseim" (1), "Hitler" (1), "Lenine" (1), "Salazar" (1)	(18) 224
Dimensão Religiosa	<u>Questão Espiritual</u> "Religião" (4), "Fundamentalismo Religioso" (2), "Pecado" (1), "Guerra Santa" (1)	8

Parte VI – Sentimentos suscitados pelo Terrorismo

(“Quando pensa em **Terrorismo** também sente algumas coisas. (...) O Terrorismo faz-me sentir...”)

Dimensões	Categorias	Freq.
Dimensão Intra-Individual	<u>Sentimentos de Pena/Compaixão</u> “Pena” (10), “Compreensão” (2), “Solidariedade” (2), “Compaixão” (1), “Caridade” (1)	(16)
	<u>Sentimentos Agressivos</u> “Revolta” (31), “Raiva” (8), “Ódio” (5), “Repulsa” (4), “Fúria” (2), “Nojo” (2), “Desprezo” (1) “Indignação” (1), “Inconformada” (1)	(55)
	<u>Sentimentos de Medo/Angústia</u> “Medo” (23), “Insegurança” (15), “Angústia” (11), “Desespero” (7), “Pânico” (4), “Terror” (4), “Receio” (3), “Aterrorizada” (2), “Pavor” (1), “Ameaçado” (1)	(71)
	<u>Sentimentos de Tristeza/Dor</u> “Tristeza” (39), “Dor” (8), “Sofrimento” (7), “Mágoa” (5), “Perda” (3), “Sentir mal” (3), “Desiludida” (2), “Desânimo” (1), “Descontentamento” (1), “Desgosto” (1), “Nostálgica” (1)	(71)
	<u>Sentimentos de Surpresa/Incompreensão</u> “Incompreensão” (3), “Assustado” (3), “Perplexo” (2), “Choque” (2), “Admiração” (1), “Que há algo que nos escapa” (1), “Algo transcendente” (1), “Quais os verdadeiros motivos” (1)	(14)
	<u>Sentimento de Incapacidade/Impotência</u> “Impotente” (8), “Incapaz” (5), “Insignificante” (3), “Fragil” (2), “Frustração” (1), “Pequena” (1), “Não somos nada” (1)	(21)
	<u>Sentimentos de Preocupação/Inquietação</u> “Preocupado” (4), “Pensativo” (1), “Apreensiva” (1), “Inquieto” (1)	(7)
	<u>Doença/Perturbação Psicológica</u> “Confusão” (3), “Melancolia” (1), “Deprimida” (1), “Depressão” (1), “Perturbado” (1)	(7)
	262	
Dimensão Inter-Individual	<u>Dificuldades ao Nível da Relação com o Outro</u> “Desconfiança” (2), “Insatisfeito” (2), “Injustiça” (1), “Vergonha” (1)	(6)
	<u>Contexto Político</u> “Defesa” (1), “Discordância” (1), “Anti-americano” (1), “Anti-terrorista” (1), “Perseguição” (1), “Resistência” (1), “Aproveitamento Político” (1)	(7)
	13	

Imagens associadas ao Terrorismo	<u><i>Crítica/Imagem Negativa</i></u> “Horror” (4), “Falta de sentimentos” (1), “Fanatismo” (1), “Incredibilidade” (1), “Desgraça” (1), “Ignorância” (1), “Culpado” (1), “Lamentável” (1), “Pessoas limitadas” (1), “Extremistas” (1), “Terrível” (1)	(14)
	<u><i>Contexto de Violência</i></u> “Violência” (1), “Destruição” (1), “Vítima” (1), “Atormentado” (1), “Crime” (1), “Violentado” (1), “Bombas” (1)	(7)
		21

Parte VII – Descrição/Caracterização da pessoa que realiza Terrorismo

(“Imagine agora uma pessoa que morre para concretizar uma acção considerada como **terrorista** (designado de “homem-bomba”). Tente descrevê-la no que lhe parece que a caracteriza melhor. Como será ela? (...) Uma pessoa que morre para concretizar uma acção considerada como terrorista é...”)

Dimensões	Categorias	Freq.
Dimensão Intra-Individual	<u>Afectos</u> “Revoltado” (8), “Desesperado” (2), “Triste” (1), “Infeliz” (1), “Insatisfeito” (1), “Raiva” (1), “Incomodado” (1), “Só” (1)	(16)
	<u>Incapacidade/Fragilidade Psicológica</u> “Frustrado” (3), “Frágil” (2), “Incapaz” (1), “Sem amor-próprio” (1), “Vulnerável” (1), “Cansado de viver” (1), “Fugir dos problemas” (1), “Frac de espírito” (1)	(11)
	<u>Doença/Perturbação Psicológica</u> “Louco/Maluco” (21), “Doente” (8), “Traumatizado” (4), “Problemática” (2), “Débil” (1), “Mentalmente incapaz” (1), “Desajustado” (1), “Desequilibrada” (1), “Descompensada” (1)	(40)
	<u>Imagem Negativa</u> “Fanático” (25), “Estúpido/Idiota” (11), “Extremista” (9), “Ignorante” (8), “Vingativo” (8), “Assassino” (7), “Frio” (5), “Sem sentimentos” (5), “Violento” (5), “Egoísta” (4), “Mau” (4), “Cobarde” (3), “Terrorista” (2), “Calculista” (2), “Radical” (2), “Desumano” (2), “Insensível” (2), “Criminoso” (2), “Obcecado” (2), “Inconsciente” (2), “Inculto” (2), “Inimigo” (1), “Vazia” (1), “Irracional” (1), “Burra” (1), “Intolerante” (1), “Pobre de espírito” (1), “Imatura” (1), “Sem formação” (1), “Impiedosa” (1), “Condenável” (1), “Tonto” (1), “Sem respeito pela vida” (1), “Sem escrúpulos” (1), “Não civilizada” (1), “Convencido” (1), “Imbecil” (1), “Desinteressado” (1)	(129)
	<u>Imagem Positiva</u> “Corajoso” (13), “Mártir” (6), “Herói” (4), “Determinado” (3), “Resistente” (1), “Esperançoso” (1), “Realizado” (1), “Cumpridora” (1), “Nobre” (1), “Sofrida” (1), “Convincente” (1), “Dar a vida por algo em que acredita” (1), “Humana” (1)	(35)
		231

Dimensão Inter-Individual	<u><i>Dificuldades ao Nível da Relação com o Outro</i></u> "Vitima" (3), "Fechada no seu mundo" (2), "Anti-social" (2), "Injustiçado" (2), "Abandonado" (1), "Introvertido" (1)	(11)
	<u><i>Contexto Político/Social</i></u> "Fundamentalista" (2), "Idealista" (2), "Patriota" (2), "Pertença a um grupo" (1), "Leal aos seus ideais" (1), "Opressiva" (1), "Oprimido" (1), "Promessa de compensações à família" (1), "Fim político" (1), "Anti-americano" (1), "Acreditar na sua luta/ideal" (1), "Problemas sociais" (1), "Despejada" (1)	(16)
	<u><i>Influência/Manipulação</i></u> "Influenciado" (10), "Manipulado" (5), "Educado para" (2), "Comandado" (2), "Sem ideias próprias" (1), "Obedecem cegamente" (1), "Usada" (1), "Robotizada" (1), "É-lhe dito que é um acto heróico" (1), "Criada com esse conceito de vida" (1), "Iludido" (1)	(26)
		53
Imagens associadas ao Terrorismo	<u><i>Protagonistas</i></u> "Árabe" (2), "Suicida" (1), "Palestiniano" (1), "Oriental" (1)	5
Dimensão Religiosa	<u><i>Questão Espiritual</i></u> "Crentes" (4), "Religião" (2), "Pensa na vida para além da morte" (1), "Sem religião" (1), "Sem dons de Deus" (1), "Guiado pela sua fé" (1), "Apaixonado pela sua religião e maneira de a viver" (1), "Promessa de uma vida futura melhor" (1), "Pecador" (1), "Teme a Deus" (1), "Julgar ganhar o Paraíso" (1)	15

Parte VIII – Causas associadas ao Terrorismo

(“Pense, também, nas possíveis causas que poderão ter estado por trás do **acto terrorista**. (...)
As causas que poderão levar uma pessoa a dar a sua vida para concretizar um acto terrorista
são...”)

Dimensões	Categorias	Freq.
Causas Internas	<u>Afectos</u> “Ódio” (22), “Desespero” (13), “Revolta” (6), “Medo” (3), “Raiva” (2), “Insatisfação” (2), “Sofrimento” (2), “Desmoralizado” (1), “Infelicidade” (1)	(52)
	<u>Incapacidade/Perturbação Psicológica</u> “Loucura” (6), “Incapacidade” (2), “Causas Psíquicas” (1), “Depressão” (1), “Trauma” (1), “Problemas” (1), “Inconstância” (1)	(14)
	<u>Falta de razões para viver</u> “Não tem nada a perder/temer” (2), “Sem objectivos” (1), “Falta de sentido para a vida” (1)	(4)
		70
Causas Externas	<u>Causas Pessoais/Familiares</u> “Morte dos pais ou entes queridos” (2), “Causas Pessoais” (1), “Família” (1)	(4)
	<u>Dificuldades ao Nível da Relação com o Outro</u> “Injustiça” (9), “Incompreensão” (2), “Falta de abertura” (1), “Falta de atenção” (1), “Maltratado” (1), “Vítima” (1)	(15)
	<u>Contexto Social</u> “Educação” (5), “Regime Militar” (2), “Pobreza” (1), “Injustiças sociais” (1), “Tradição” (1), “Racismo” (1)	(11)
	<u>Contexto Político</u> “Lutar por uma causa, um ideal” (8), “Causas Políticas” (8), “Fundamentalismo” (5), “Patriotismo/Nacionalismo” (4), “Ideais” (4), “Morrer por uma causa” (4), “Defender algo ou alguém” (3), “Causas independentistas” (2), “Ideologia Política” (2), “Causas Territoriais” (2), “Fanatismo Político” (2), “Luta pelo poder” (2), “Opressão” (1), “Abuso de poder” (1), “Divergência Política” (1), “Resistência” (1), “Sentimento Anti-Occidente” (1)	(51)
	<u>Influência/Manipulação</u> “Lavagem cerebral” (4), “Influência” (3), “Ilusão” (2), “Manipulação” (2), “Pensar que é a única forma” (1), “Coacção” (1), “Usado” (1), “Imposição” (1), “É-lhe dito que é um acto heróico” (1)	(16)
		97

Imagens associadas ao Terrorismo	<u><i>Crítica/Imagem Negativa</i></u> “Fanatismo” (11), “Extremismo” (3), “Maldade” (3), “Radicalismo” (2), “Fraqueza de espírito” (1), “Fraqueza de personalidade” (1), “Falta de consciência própria” (1), “Obsessão” (1), “Desgraça” (1), “Crime cometido contra a humanidade” (1), “Bombardeamento sem causa” (1), “Sem escrúpulos” (1), “Loucura Fundamentalista” (1), “Ignorância” (1), “Não pensar nos outros” (1)	(30)
	<u><i>Imagem Positiva</i></u> “Acto heróico” (9), “Persuasiva” (1), “Fidelidade” (1), “Incentivado” (1), “Humano” (1), “Merecem Paraíso” (1)	(14)
	<u><i>Apelo/Pedido de Ajuda</i></u> “Chamada de atenção” (5), “Forma de manifestação” (1), “Querer que os outros compreendam o que os seus sofrem” (1)	(7)
	<u><i>Vingança</i></u> “Vingança” (26), “Fazer justiça” (2)	(28)
	<u><i>Ser mártir</i></u> “Ser mártir” (6), “Objectivo a atingir” (2), “Reconhecimento” (1), “Treinada para” (1), “Meta” (1)	(11)
	<u><i>Ameaça/Destruição</i></u> “Destruição” (3), “Eliminar o inimigo” (3), “Desordem” (2), “Causar Pânico” (2), “Ameaçar os inimigos” (1), “Meter medo a alguém” (1), “Terror” (1)	(13)
	<u><i>Esperança de Mudança</i></u> “Esperança vida/mundo melhor” (2), “Vontade de alterar Panorama Mundial” (1), “Esperança” (1), “Desejo de libertação do seu povo” (1)	(5)
	108	
Causas Religiosas	<u><i>Questão Espiritual</i></u> “Religião” (15), “Fanatismo Religioso” (7), “Crença” (5), “Crença de alcançar o Paraíso” (2), “Fé” (2), “Salvação” (1), “Dia do Juízo Final” (1), “Acredita ser chamado por Deus para esse destino” (1), “Santo” (1), “Coragem baseada na fé” (1), “Extremismo Religioso” (1), “Guerra Religiosa” (1), “Contra Natureza e contra Deus” (1)	39

Importância da Religião para a ausência Ideação Suicida

(“Na sua opinião, a sua religião ajuda-o a não ter ideias de suicídio? Porquê?”)

Dimensões	Categorias	Freq.
Dimensão mais Humana	<u><i>Dá Ajuda/Suporte</i></u> “Ensina que, por pior que nos sintamos, nunca estamos sós” (4), “É um porto de abrigo, um escape” (3), “Ajuda-nos a superar as nossas dificuldades/angústias” (2), “Defende os mais fracos e humildes” (1)	(10)
	<u><i>Dá Força/Esperança</i></u> “Não desistir, temos de lutar/enfrentar os problemas” (6), “Dá força, coragem” (6), “Dá/mantém a esperança” (4), “Ajuda-me a encarar de outro modo os problemas/desafios da vida” (4), “Acreditar que haverá um dia melhor, que as coisas vão melhorar” (4), “Acreditar que existe uma vida nova a seguir a esta” (3), “Há alturas na vida em que, por vezes, nos sentimos fracas e sem forças para continuar a viver e enfrentar os problemas” (1), “Há uma saída para todos os problemas” (1), “Acredita na Vida eterna” (1), “Faz-me sempre pensar que as situações más são passageiras” (1), “Acreditar que há quem ame puramente” (1)	(32)
	<u><i>Dá sentido/significado à Vida</i></u> “Atribui um sentido à vida” (4), “Dá-nos objectivos, um ideal a seguir” (2), “Faz com que não perca a vontade de viver” (1), “Ajuda a ver sempre o lado bom das coisas” (1)	(8)
	<u><i>Acalma/Orienta a conduta</i></u> “Ajuda a ter calma, paciência” (2), “Religião que apela à paz, à harmonia, nos ensina a boa conduta, amar o próximo, respeitar e conviver com as diferenças” (2) “Ajuda-nos a reflectir” (1), “Islão não é apenas uma religião, é um modo de vida” (1), “Ajuda a não esquecer os amigos” (1)	(7)
		57
Dimensão mais Divina	<u><i>Vida como algo bom, sagrado</i></u> “Promove a vida/vida como um dom sagrado” (10), “Não há nada melhor do que estar vivo” (2), “Tudo o que me acontece é para dar um valor à vida que Deus me deu” (1), “Acreditar na vida, vale a pena vivê-la” (1)	(15)
	<u><i>Existência de algo Divino/Superior</i></u> “Apenas Deus tem direito a tirar a vida, não temos esse direito” (11), “Acreditar/Fé em Deus” (4), “Cabe-nos esperar pela hora certa” (2), “Faz acreditar que existe alguém acima de nós que dá e que tira a vida” (1), “Acredito numa força maior, Deus, que me acompanha e que protege sempre” (1), “Paraíso” (1)	(20)
		35

Imagens associadas ao Suicídio	<p><u><i>Crítica/Imagem Negativa</i></u></p> <p>“Suicídio é pecado” (13), “Acto de cobardia” (2), “Acto egoísta” (1), “Maneira fácil de resolver os problemas” (1), “Ingratidão” (1), “Inferno” (1)</p>	(19)
	<p><u><i>Contrário à religião</i></u></p> <p>“Suicídio é proibido” (6), “Deus não nos dá essas ideias” (2), “Religião abomina/condena o suicídio” (2), “Deus não gosta” (1), “Por ser contra a religião” (1), “Noções exactamente opostas ao Suicídio” (1), “É contra Deus” (1), “Punir certas atitudes que vão contra a vida humana” (1)</p>	(15)
		34